

2030 CINUV

Congresso Internacional
de Nefrologia e Urologia
Veterinárias

1, 2 e 3 | JULHO | 2026

TRABALHOS CIENTÍFICOS

SUMÁRIO A - Z

RESUMOS

SUMÁRIO A - Z

TRABALHOS COMPLETOS

SUMÁRIO A - Z

Apoio Científico:



TITULO	CATEGORIA
ALTERAÇÃO RESPIRATÓRIA SECUNDÁRIA AO HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO RENAL - RELATO DE CASO	RESUMO
ALTERAÇÕES CRANIOFACIAIS SEVERAS SECUNDÁRIAS À DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINO: RELATO DE OSTEODISTROFIA FIBROSA	TRABALHO COMPLETO
ALTERAÇÕES NEUROLÓGICAS RECORRENTES TEMPORALMENTE ASSOCIADAS À BACTERIÚRIA SUBCLÍNICA EM UMA CADELA EPILEPTICA: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
ANÁLISE RETROSPECTIVA DE FELINOS MACHOS OBSTRUÍDOS ATENDIDOS EM HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DE JANEIRO DE 2024 A DEZEMBRO DE 2025	TRABALHO COMPLETO
APLICAÇÃO DA DENSITOMETRIA ÓPTICA RADIOGRÁFICA NA ANÁLISE DA DENSIDADE MINERAL ÓSSEA EM CÃES COM DOENÇA RENAL CRÔNICA	TRABALHO COMPLETO
BALANOPOSTITE BACTERIANA E FÚNGICA EM FELINO DIABÉTICO: RELATO DE CASO	RESUMO
BIOMARCADORES ALÉM DOS TRADICIONAIS: A CISTATINA C SÉRICA E A CISTATINA B URINÁRIA APRIMORAM O DIAGNÓSTICO DA DOENÇA RENAL EM FELINOS?	RESUMO
CARCINOMA UROTELIAL EM FELINO DOMÉSTICO - RELATO DE CASO	RESUMO
CISTATINA C COMO MARCADOR ADJUVANTE PRECOCE DE REDUÇÃO DE TFG EM DUAS CADELAS APÓS INGESTÃO DE UVAS	RESUMO
CISTITE ASSOCIADA A CISTOS DE VON BRUNN EM GATO: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTITE BACTERIANA MULTIRRESISTENTE POR CORYNEBACTERIUM UREALYTICUM COM FALHA À DOXICICLINA: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTITE ENFISEMATOSA EM CADELA: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTOLITÍASE DE URATO DE AMÔNIO EM UM FELINO: RELATO DE CASO	RESUMO
COMPLICAÇÃO ASSOCIADA À PERMANÊNCIA DE CATETER DUPLO J EM FÊMEA CANINA COM URETEROLITÍASE – RELATO DE CASO	RESUMO
DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE UM APLICATIVO BASEADO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA MONITORAMENTO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS	TRABALHO COMPLETO
DIÁLISE PERITONEAL EM FELINO COM INJÚRIA RENAL AGUSA ESTÁGIO 5 SECUNDÁRIA Á INFECÇÃO POR CANDIDATUS MYCOPLASMA HAEMOMINUTUM: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
DIOCTOPHYMA RENALE EM DOIS CÃES ERRANTES DE SEROPÉDICA, RJ: SÉRIE DE CASOS COM SEGUIMENTO CLÍNICO	RESUMO
ECTOPIA URETERAL BILATERAL EM FELINO: DESCRIÇÃO DE UM CASO INCOMUM	RESUMO
EXCREÇÃO URINÁRIA DE FÓSFORO EM GATOS DOENTES RENAIIS CRÔNICOS COM E SEM ACIDOSE METABÓLICA	TRABALHO COMPLETO
HEMODIÁLISE INTERMITENTE NA INTOXICAÇÃO POR ETILENOGLICOL EM CÃO SEM AZOTEMIA: IMPACTO DA JANELA TERAPÊUTICA NO PROGNÓSTICO	RESUMO
HÍMEN IMPERFURADO COM PIO/HIDROCOLPO EM CADELA DIAGNOSTICADO POR CISTOSCOPIA E TRATADO POR ABORDAGEM MINIMAMENTE INVASIVA - RELATO DE CASO	RESUMO
IMPACTO DE DIETAS COM DIFERENTES TEORES PROTEICOS NA PROGRESSÃO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES: UM ESTUDO PROSPECTIVO	RESUMO
IMPLANTAÇÃO DE DISPOSITIVO DE DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA (SIDUS) EM FELINO COM OBSTRUÇÃO URETERAL: RELATO DE CASO	RESUMO

TÍTULO	CATEGORIA
ÍNDICE MULTIFATORIAL DE BIOMARCADORES RENAIIS PARA PREDIÇÃO DE DESFECHOS NA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA	TRABALHO COMPLETO
INJÚRIA RENAL AGUDA SECUNDÁRIA À RABDOMIÓLISE TRAUMÁTICA EM CÃO – RELATO DE CASO	RESUMO
INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA ASSOCIADA À UROLITÍASE URETERAL BILATERAL EM CANGURU VERMELHO (Osphranter rufus) - RELATO DE CASO	RESUMO
ISOLAMENTO DE STENOTROPHOMONAS MALTOPHILIA EM CÃO FILHOTE COM DOENÇA RENAL CRÔNICA: RELATO DE CASO	RESUMO
KIM-1 Urinária como Biomarcador Sentinela: Identificação de Lesão Renal Aguda Subclínica em Felinos com Obstrução Uretral	TRABALHO COMPLETO
LINFOMA RENAL DE GRANDES CÉLULAS B EM PACIENTE CANINO: relato de caso	TRABALHO COMPLETO
LÍQUIDO SUBCAPSULAR RENAL COMO ACHADO SUGESTIVO DE PIELONEFRITE EM GATO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA	RESUMO
MINERALIZAÇÃO PRECOCE DA DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA BILATERAL EM FELINO - RELATO DE CASO	RESUMO
MUDANÇA TEMPORAL NO PERFIL DE SUSCETIBILIDADE ANTIMICROBIANA DE PATÓGENOS URINÁRIOS CANINOS (2017–2024): EVIDÊNCIAS DE RESISTÊNCIA EMERGENTE AOS CARBAPENÊMICOS	RESUMO
OBSTRUÇÃO URETRAL MULTIFATORIAL EM CÃO ASSOCIADA À INFECÇÃO URINÁRIA POR STAPHYLOCOCCUS SPP., HIPERPLASIA PROSTÁTICA CÍSTICA E ERLQUIOSE: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
OBSTRUÇÃO URINÁRIA POR CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS URETRAL E RETAL EM FELINO	RESUMO
NUTRIÇÃO ENTERAL POR TUBO DE ESOFAGOSTOMIA EM 29 GATOS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA: ESTUDO RETROSPECTIVO	TRABALHO COMPLETO
PÓLIPO URETERAL ASSOCIADO À HIDRONEFROSE UNILATERAL GRAVE EM CADELA: RELATO DE CASO	RESUMO
PROTEINOGRAMA SÉRICO DE CÃES NOS DIFERENTES ESTÁDIOS DA DOENÇA RENAL CRÔNICA	TRABALHO COMPLETO
RELAÇÃO UREIA:CREATININA E GRAVIDADE SISTÊMICA EM 243 CÃES: ASSOCIAÇÕES CLÍNICAS E LIMITES DIAGNÓSTICOS	RESUMO
SARCOMA INDIFERENCIADO UTERINO ASSOCIADO A RUPTURA UTERINA EM FELINO: RELATO DE CASO	RESUMO
SUBSTITUIÇÃO DE DISPOSITIVO SIDUS APÓS OBSTRUÇÃO POR MINERALIZAÇÃO INTRALUMINAL EM FELINO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA E URETEROLITÍASE: RELATO DE CASO	RESUMO
TRATAMENTO CIRÚRGICO CONSERVADOR DO PSEUDOCISTO PERINEFRÍTICO EM GATA IDOSA PORTADORA DE DOENÇA RENAL CRÔNICA COM MANUTENÇÃO DO ESTADIAMENTO IRS 2	TRABALHO COMPLETO
URETROCISTOSCOPIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE DIVERTÍCULO URACAL E LIGAMENTO PARAMESONÉFRICO PERSISTENTE EM CADELA JOVEM COM INFECÇÃO URINÁRIA RECORRENTE	RESUMO
UROLITÍASE DE ESTRUVITA ESTÉRIL EM CÃO SCHNAUZER	RESUMO
USO DA CISTOSCOPIA PARA DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE CÁLCULO URETRAL PÓS URETROPLASTIA: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
USO DE HEPARINA DE BAIXO PESO MOLECULAR (ENOXAPARINA) EM CÃO SUBMETIDO A HEMODIÁLISE INTERMITENTE: ESTUDO PILOTO	RESUMO
UTILIZAÇÃO DA ULTRASSONOGRAFIA PARA MENSURAÇÃO DO VOLUME VESICAL EM FELINOS DOMÉSTICOS	RESUMO
VESÍCULAS DE GÁS COMO AGENTES DE CONTRASTE ULTRASSONOGRÁFICO NA AVALIAÇÃO RENAL EXPERIMENTAL EM COELHOS	RESUMO

SUMÁRIO DE RESUMOS

TITULO	CATEGORIA
ALTERAÇÃO RESPIRATÓRIA SECUNDÁRIA AO HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO RENAL - RELATO DE CASO	RESUMO
BIOMARCADORES ALÉM DOS TRADICIONAIS: A CISTATINA C SÉRICA E A CISTATINA B URINÁRIA APRIMORAM O DIAGNÓSTICO DA DOENÇA RENAL EM FELINOS?	RESUMO
BALANOPOSTITE BACTERIANA E FÚNGICA EM FELINO DIABÉTICO: RELATO DE CASO	RESUMO
CARCINOMA UROTELIAL EM FELINO DOMÉSTICO - RELATO DE CASO	RESUMO
CISTATINA C COMO MARCADOR ADJUVANTE PRECOCE DE REDUÇÃO DE TFG EM DUAS CADELAS APÓS INGESTÃO DE UVAS	RESUMO
CISTITE ASSOCIADA A CISTOS DE VON BRUNN EM GATO: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTITE BACTERIANA MULTIRRESISTENTE POR CORYNEBACTERIUM UREALYTICUM COM FALHA À DOXICICLINA: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTITE ENFISEMATOSA EM CADELA: RELATO DE CASO	RESUMO
CISTOLITÍASE DE URATO DE AMÔNIO EM UM FELINO: RELATO DE CASO	RESUMO
COMPLICAÇÃO ASSOCIADA À PERMANÊNCIA DE CATETER DUPLO J EM FÊMEA CANINA COM URETEROLITÍASE – RELATO DE CASO	RESUMO
DIOCTOPHYMA RENALE EM DOIS CÃES ERRANTES DE SEROPÉDICA, RJ: SÉRIE DE CASOS COM SEGUIMENTO CLÍNICO	RESUMO
ECTOPIA URETERAL BILATERAL EM FELINO: DESCRIÇÃO DE UM CASO INCOMUM	RESUMO
HEMODIÁLISE INTERMITENTE NA INTOXICAÇÃO POR ETILENOGLICOL EM CÃO SEM AZOTEMIA: IMPACTO DA JANELA TERAPÊUTICA NO PROGNÓSTICO	RESUMO
HÍMEN IMPERFURADO COM PIO/HIDROCOLPO EM CADELA DIAGNOSTICADO POR CISTOSCOPIA E TRATADO POR ABORDAGEM MINIMAMENTE INVASIVA - RELATO DE CASO	RESUMO
IMPACTO DE DIETAS COM DIFERENTES TEORES PROTEICOS NA PROGRESSÃO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES: UM ESTUDO PROSPECTIVO	RESUMO
IMPLANTAÇÃO DE DISPOSITIVO DE DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA (SIDUS) EM FELINO COM OBSTRUÇÃO URETERAL: RELATO DE CASO	RESUMO
INJÚRIA RENAL AGUDA SECUNDÁRIA À RABDOMIÓLISE TRAUMÁTICA EM CÃO – RELATO DE CASO	RESUMO
INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA ASSOCIADA À UROLITÍASE URETERAL BILATERAL EM CANGURU VERMELHO (Osphranter rufus) - RELATO DE CASO	RESUMO
LÍQUIDO SUBCAPSULAR RENAL COMO ACHADO SUGESTIVO DE PIELONEFRITE EM GATO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA	RESUMO

SUMÁRIO DE RESUMOS

TITULO	CATEGORIA
MINERALIZAÇÃO PRECOCE DA DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA BILATERAL EM FELINO - RELATO DE CASO	RESUMO
MUDANÇA TEMPORAL NO PERFIL DE SUSCETIBILIDADE ANTIMICROBIANA DE PATÓGENOS URINÁRIOS CANINOS (2017–2024): EVIDÊNCIAS DE RESISTÊNCIA EMERGENTE AOS CARBAPENÊMICOS	RESUMO
RELAÇÃO UREIA:CREATININA E GRAVIDADE SISTÊMICA EM 243 CÃES: ASSOCIAÇÕES CLÍNICAS E LIMITES DIAGNÓSTICOS	RESUMO
SARCOMA INDIFERENCIADO UTERINO ASSOCIADO A RUPTURA UTERINA EM FELINO: RELATO DE CASO	RESUMO
SUBSTITUIÇÃO DE DISPOSITIVO SIDUS APÓS OBSTRUÇÃO POR MINERALIZAÇÃO INTRALUMINAL EM FELINO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA E URETEROLITÍASE: RELATO DE CASO	RESUMO
OBSTRUÇÃO URINÁRIA POR CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS URETRAL E RETAL EM FELINO	RESUMO
PÓLIPO URETERAL ASSOCIADO À HIDRONEFROSE UNILATERAL GRAVE EM CADELA: RELATO DE CASO	RESUMO
URETROCISTOSCOPIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE DIVERTÍCULO URACAL E LIGAMENTO PARAMESONÉFRICO PERSISTENTE EM CADELA JOVEM COM INFECÇÃO URINÁRIA RECORRENTE	RESUMO
UROLITÍASE DE ESTRUVITA ESTÉRIL EM CÃO SCHNAUZER	RESUMO
USO DE HEPARINA DE BAIXO PESO MOLECULAR (ENOXAPARINA) EM CÃO SUBMETIDO A HEMODIÁLISE INTERMITENTE: ESTUDO PILOTO	RESUMO
UTILIZAÇÃO DA ULTRASSONOGRAFIA PARA MENSURAÇÃO DO VOLUME VESICAL EM FELINOS DOMÉSTICOS	RESUMO
VESÍCULAS DE GÁS COMO AGENTES DE CONTRASTE ULTRASSONOGRÁFICO NA AVALIAÇÃO RENAL EXPERIMENTAL EM COELHOS	RESUMO

SUMÁRIO DE TRABALHOS COMPLETOS

TITULO	CATEGORIA
ALTERAÇÕES CRANIOFACIAIS SEVERAS SECUNDÁRIAS À DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINO: RELATO DE OSTEODISTROFIA FIBROSA	TRABALHO COMPLETO
ALTERAÇÕES NEUROLÓGICAS RECORRENTES TEMPORALMENTE ASSOCIADAS À BACTERIÚRIA SUBCLÍNICA EM UMA CADELA EPILÉPTICA: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
ANÁLISE RETROSPECTIVA DE FELINOS MACHOS OBSTRUÍDOS ATENDIDOS EM HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DE JANEIRO DE 2024 A DEZEMBRO DE 2025	TRABALHO COMPLETO
APLICAÇÃO DA DENSITOMETRIA ÓPTICA RADIOGRÁFICA NA ANÁLISE DA DENSIDADE MINERAL ÓSSEA EM CÃES COM DOENÇA RENAL CRÔNICA	TRABALHO COMPLETO
DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE UM APLICATIVO BASEADO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA MONITORAMENTO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS	TRABALHO COMPLETO
DIÁLISE PERITONEAL EM FELINO COM INJÚRIA RENAL AGUSA ESTÁGIO 5 SECUNDÁRIA Á INFECÇÃO POR CANDIDATUS MYCOPLASMA HAEMOMINUTUM: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
EXCREÇÃO URINÁRIA DE FÓSFORO EM GATOS DOENTES RENAIIS CRÔNICOS COM E SEM ACIDOSE METABÓLICA	TRABALHO COMPLETO
ÍNDICE MULTIFATORIAL DE BIOMARCADORES RENAIIS PARA PREDIÇÃO DE DESFECHOS NA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA	TRABALHO COMPLETO
KIM-1 Urinária como Biomarcador Sentinela: Identificação de Lesão Renal Aguda Subclínica em Felinos com Obstrução Uretral	TRABALHO COMPLETO
LINFOMA RENAL DE GRANDES CÉLULAS B EM PACIENTE CANINO: relato de caso	TRABALHO COMPLETO
OBSTRUÇÃO URETRAL MULTIFATORIAL EM CÃO ASSOCIADA À INFECÇÃO URINÁRIA POR STAPHYLOCOCCUS SPP., HIPERPLASIA PROSTÁTICA CÍSTICA E ERLQUIOSE: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO
NUTRIÇÃO ENTERAL POR TUBO DE ESOFAGOSTOMIA EM 29 GATOS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA: ESTUDO RETROSPECTIVO	TRABALHO COMPLETO
PROTEINOGRAMA SÉRICO DE CÃES NOS DIFERENTES ESTÁDIOS DA DOENÇA RENAL CRÔNICA	TRABALHO COMPLETO
TRATAMENTO CIRÚRGICO CONSERVADOR DO PSEUDOCISTO PERINEFRÍTICO EM GATA IDOSA PORTADORA DE DOENÇA RENAL CRÔNICA COM MANUTENÇÃO DO ESTADIAMENTO IRS 2	TRABALHO COMPLETO
USO DA CISTOSCOPIA PARA DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE CÁLCULO URETRAL PÓS URETROPLASTIA: RELATO DE CASO	TRABALHO COMPLETO

ALTERAÇÃO RESPIRATÓRIA SECUNDÁRIA AO HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO RENAL - RELATO DE CASO

Ana C. Abrahão¹, Thamires V. de Melo¹, Suellen R. Maia², Leandro Z. Crivellenti³

1. Uberaba, Minas Gerais, Brasil

2. Instituto Federal do Sul de Minas, Campus Muzambinho

3. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

O hiperparatireoidismo secundário renal (HSR) ocorre como consequência do comprometimento funcional dos rins à cerca do metabolismo de cálcio e fósforo, elevação do paratormônio (PTH) e reabsorção óssea [1]. Descrever o HSR com complicações respiratórias em cão com DRC.

RELATO DE CASO

Um Shih-tzu macho, sete anos de idade, foi atendido com queixa de dentes amolecidos, secreção nasal bilateral mucopurulenta e histórico de DRC juvenil. Ao exame físico constatou-se movimentação da mandíbula e osso palato, sem mobilidade dos dentes, auscultação pulmonar limpa com ruídos respiratórios superiores.



Figura 1: Radiografia crânio apresentou osteopenia polioestótica em ossos do crânio e opacificação em cavidade nasal. (A) Projeção Lateral (B) Projeção dorsoventral

Havendo correspondência laboratorial ao quadro de DRC (anemia, creatinina 8,1mg/dL; ureia 276,1mg/dL, fósforo 7,6mg/dL, hipostenúria e proteinúria, cálcio iônico (5,0 mg/dL) e vitamina D3 (22,0 ng/mL)), o diagnóstico sugestivo envolveu o HSR

CONCLUSÃO

A doença renal crônica em estádios mais avançados pode desenvolver HSR, o qual pode se apresentar através de movimentação pronunciada de ossos, inclusive secreção nasal como queixa principal

REFERÊNCIA

1. CRIVELLENTI, Leandro Z; GIOVANIN, Luciano H. **Tratado de nefrologia e urologia em cães e gatos**. São Paulo: Medvet, 2021.

ALTERAÇÕES CRANIOFACIAIS SEVERAS SECUNDÁRIAS À DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINO: RELATO DE OSTEODISTROFIA FIBROSA

Carolina Martinelli¹, Juliano J. M. Silotti¹, Gabriela Porfírio Passos², Carlos Humberto da Costa Vieira Filho³, Eunice Santos de Andrade⁴, Celso Naviskas junior⁵ ¹ Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV), Espírito Santo, Brasil.

¹ Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV), Vila Vela, Espírito Santo, Brasil.

² Nefrologista Veterinária Volante, Salvador, Bahia, Brasil.

³ Odontologista Veterinário Volante, Salvador, Bahia, Brasil.

⁴ Anestesista Veterinária Volante, Salvador, Bahia, Brasil.

⁵ Departamento de patologia da clínica SEMEVE, Salvador, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO:

A doença renal crônica (DRC) pode causar distúrbios do metabolismo mineral e ósseo, caracterizados por retenção de fósforo, redução de calcitriol e aumento do paratormônio (PTH). Em casos avançados, o hiperparatireoidismo secundário renal pode levar à osteodistrofia fibrosa, condição incomum em felinos, marcada por intensa reabsorção óssea e substituição por tecido fibroso.

OBJETIVO:

Relatar um caso de osteodistrofia fibrosa secundária à DRC em felino..

RELATO DE CASO:

Felino, macho, sem raça definida, 20 anos, diagnosticado com DRC estágio 4 (IRIS), apresentando aumento de volume craniofacial, principalmente mandibular, associado a exsudato com aspecto purulento. A cultura microbiológica foi negativa. Os exames laboratoriais evidenciaram: Ureia: 184,9 mg/dL Creatinina: 5,65 mg/dL Fósforo: 6,01 mg/dL Hematócrito: 18% pH: 7,269 HCO₃⁻: 15,2 mmol/L PTH: 87,5 pg/mL Vitamina D (25-OH): 41,2 ng/mL Radiograficamente observou-se osteopenia difusa e perda da definição cortical dos ossos craniofaciais, compatível com o aspecto de rubber jaw. A histopatologia demonstrou substituição do tecido ósseo por tecido fibroso, confirmando osteodistrofia fibrosa secundária ao hiperparatireoidismo renal.



Figura 1. Raio-x da osteopenia difusa e perda da definição cortical dos ossos craniofaciais.

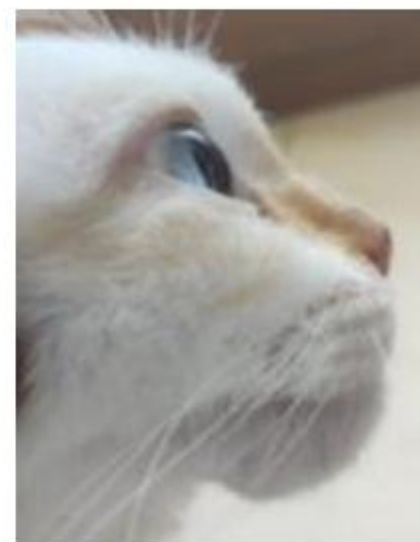


Figura 2. Paciente apresentava aumento de volume craniofacial, em região mandibular.

DISCUSSÃO:

A hiperfósfatemia e o aumento persistente do PTH desempenham papel central no desenvolvimento da osteodistrofia fibrosa em pacientes com DRC avançada. Embora rara em felinos, a doença pode causar deformidades craniofaciais importantes e simular processos infecciosos ou neoplásicos. Neste caso, a associação entre alterações laboratoriais, achados radiográficos e histopatológicos permitiu o diagnóstico definitivo.

CONCLUSÕES:

A osteodistrofia fibrosa é uma complicação grave da DRC felina. O monitoramento precoce do fósforo, PTH e vitamina D é fundamental para prevenir alterações ósseas irreversíveis e melhorar o manejo dos distúrbios minerais associados à doença renal.

ALTERAÇÕES NEUROLÓGICAS RECORRENTES TEMPORALMENTE ASSOCIADAS À BACTERIÚRIA SUBCLÍNICA EM UMA CADELA EPILEPTICA: RELATO DE CASO

Livia M. Maciel, Juliana P. Nhanharelli, Elidia S. Zotelli

Introdução

A bacteriúria subclínica é caracterizada pela presença de bactérias na urina na ausência de sinais clínicos urinários e, segundo as diretrizes do ISCAID, geralmente não requer tratamento antimicrobiano. Entretanto, na medicina humana e em relatos recentes da medicina veterinária, processos infecciosos urinários têm sido associados à descompensação neurológica em pacientes predispostos. Diante da escassez de relatos na medicina veterinária, este trabalho descreve uma possível associação entre bacteriúria subclínica recorrente e descompensação neurológica em uma cadela com epilepsia idiopática.

Metodologia

Relato retrospectivo de caso clínico de uma cadela com histórico de epilepsia e bacteriúria recorrente. Foram analisados dados clínicos, exames laboratoriais, uroculturas, exames de imagem e a evolução clínica durante um ano.

Resultado

Cadela Border Collie, fêmea, 9 anos, com histórico de epilepsia idiopática controlada por terapia anticonvulsivante combinada e bacteriúria recorrente por *Escherichia coli* e *Pseudomonas aeruginosa*. Como fator predisponente, apresentava vulva infantil e excesso de prega vulvar, tendo sido submetida à vulvoplastia, sem redução da recorrência das infecções. Embora não apresentasse sinais urinários clássicos, como hematúria, disúria, estrangúria ou polaciúria, os episódios de bacteriúria eram frequentemente acompanhados por ataxia, prostração, dificuldade locomotora, alterações comportamentais e agravamento das crises convulsivas. Durante o acompanhamento foram isoladas cepas de *E. coli* multirresistente, com sensibilidade restrita aos aminoglicosídeos e carbapenêmicos, além de *P. aeruginosa* multissensível. Instituiu-se antibioticoterapia direcionada conforme antibiograma, com melhora expressiva do quadro neurológico e resolução microbiológica. Em nova recidiva, foram isolados os mesmos agentes bacterianos, com perfil de sensibilidade semelhante aos isolamentos anteriores, acompanhados de piora neurológica e achados ultrassonográficos compatíveis com espessamento de bexiga e

cistite enfisematosa, apesar da ausência de sinais urinários. Após novo tratamento com amicacina e posterior instituição de nitrofurantoína (3 mg/kg q24h) de longa duração, a paciente apresentou negatificação seriada das uroculturas e manteve estabilidade clínica, sem novas crises convulsivas ou episódios de descompensação neurológica durante o período de acompanhamento.

Discussão

As diretrizes do ISCAID recomendam que a bacteriúria subclínica, na ausência de sinais urinários, geralmente não seja tratada com antimicrobianos. Entretanto, neste caso, a recorrência temporal entre os episódios de bacteriúria e a descompensação neurológica, associada à melhora consistente após o controle microbiológico, sugere uma possível relação entre ambos os eventos. Processos inflamatórios sistêmicos decorrentes da infecção urinária podem contribuir para neuroinflamação, redução do limiar convulsivo e piora do controle da epilepsia, hipóteses também descritas recentemente em pacientes veterinários. Embora não seja possível estabelecer relação causal e existam limitações inerentes ao relato de caso, os achados reforçam a importância da avaliação individualizada de pacientes com comorbidades neurológicas e bacteriúria subclínica recorrente, especialmente quando há manifestações extraurinárias persistentes.

Conclusão

A associação temporal entre bacteriúria subclínica e alterações neurológicas observada neste caso destaca a importância da avaliação individualizada de pacientes com comorbidades neurológicas. Estudos adicionais são necessários para esclarecer os mecanismos envolvidos e definir critérios para tratamento desses pacientes.

Referências e relato na íntegra



ANÁLISE RETROSPECTIVA DE FELINOS MACHOS OBSTRUÍDOS ATENDIDOS EM HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DE JANEIRO DE 2024 A DEZEMBRO DE 2025

Ana Sofia C. Caldas¹, Ana Carolina P. Sarmiento¹, Talita M. M. Raposo-Ferreira²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha (UVV), Espírito Santo, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária; Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha (UVV), Espírito Santo, Brasil.

INTRODUÇÃO

A Doença do Trato Urinário Inferior Felino (DTUIF) engloba afecções que acometem a bexiga e a uretra de gatos, sendo frequentemente associada a disúria, hematúria e micção inadequada. Entre as principais causas, destaca-se a Cistite Idiopática Felina (CIF), de etiologia multifatorial, envolvendo fatores ambientais, fisiológicos, comportamentais e genéticos. A CIF pode levar à obstrução uretral, emergência médica que acomete predominantemente machos devido às características anatômicas da uretra peniana.

OBJETIVO

Analisar o perfil epidemiológico e clínico de felinos com obstrução uretral atendidos em um hospital veterinário durante dois anos.

METODOLOGIA

Foram coletados dados retrospectivos no HV-UVV, referentes ao período de janeiro de 2024 a dezembro de 2025, de felinos machos adultos com DTUIF submetidos a técnicas terapêuticas convencionais após episódio inicial de obstrução uretral.

RESULTADOS

Avaliados 95 felinos machos com histórico de obstrução uretral submetidos ao tratamento convencional.

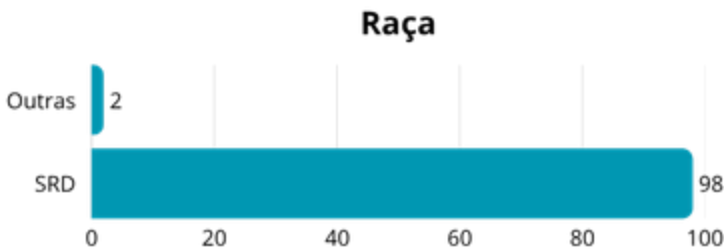


Gráfico 1. Distribuição racial.

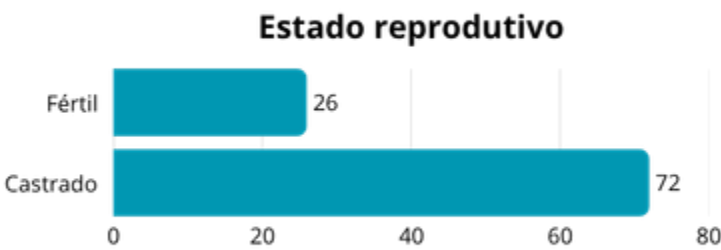


Gráfico 2. Distribuição por estado reprodutivo.

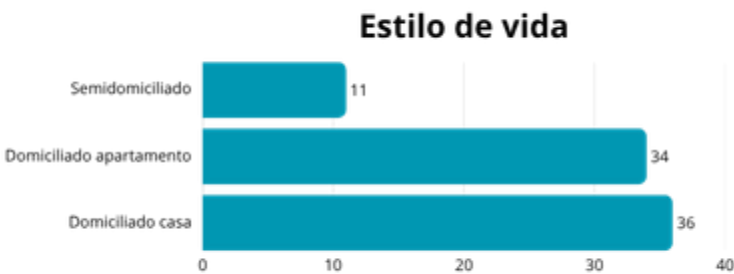


Gráfico 3. Distribuição por estilo de vida.

Manejo alimentar



Gráfico 4. Distribuição por manejo alimentar.

Manifestação clínica

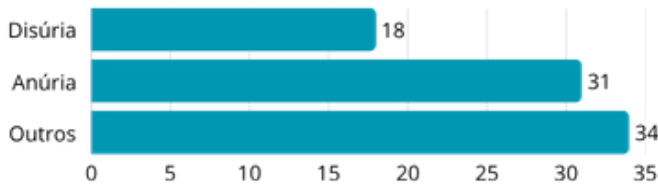


Gráfico 5. Distribuição por manifestação clínica.

Ultrassonografia

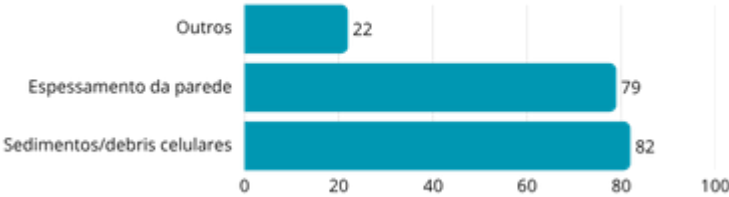


Gráfico 6. Distribuição por achados ultrassonográficos.

Exame laboratorial

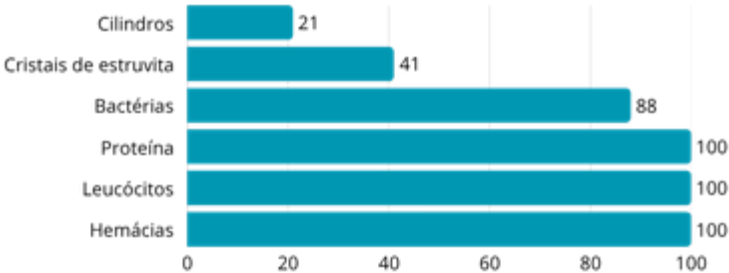


Gráfico 7. Distribuição por achados laboratoriais.

Tratamento

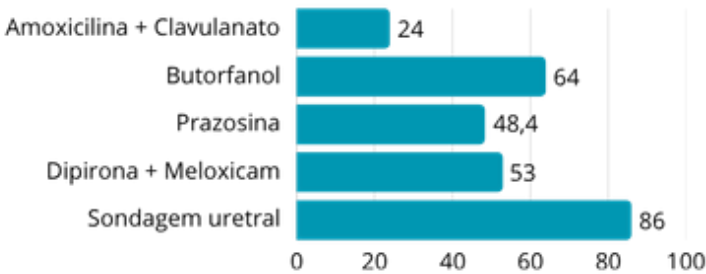


Gráfico 8. Distribuição por tratamento instituído.

Resolução clínica

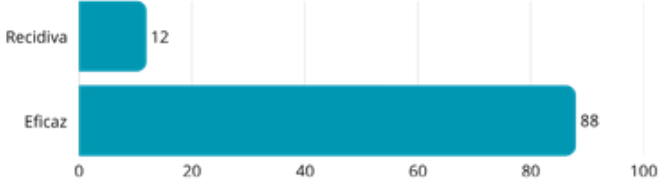


Gráfico 9. Distribuição por resolução clínica.

CONCLUSÃO

A obstrução uretral acometeu principalmente felinos machos jovens, SRD e castrados, de caráter multifatorial. O tratamento convencional mostrou alta taxa de sucesso, porém a ocorrência de recidivas reforça a importância do manejo ambiental e do acompanhamento contínuo.

AGRADECIMENTO



APLICAÇÃO DA DENSITOMETRIA ÓPTICA RADIOGRÁFICA NA ANÁLISE DA DENSIDADE MINERAL ÓSSEA EM CÃES COM DRC

Cecília Azevedo Dias ^{1*}, Pedro Henrique de C. A. de Souza², Diana Carolina N. Cordeiro², João Lucas da C. Dias², Julia P. de Mello², Felipe D. de Azevedo³, Cristiano C. P. da Veiga³, Cristiane Divan Baldani³

¹Discente de doutorado PPGMV/UFRRJ, *E-mail: ceciliadias@ufrj.br

²Discente do Programa em Residência em Medicina Veterinária, UFRRJ

³Instituto de Veterinária, UFRRJ, Seropédica, Brasil

Introdução: A doença renal crônica (DRC) é prevalente em cães e frequentemente associada ao distúrbio do metabolismo mineral e ósseo (DMO-DRC), comprometendo a densidade mineral óssea (DMO). Métodos acessíveis e validados para seu diagnóstico em medicina veterinária são escassos.

Objetivo: Avaliar a aplicabilidade da densitometria óptica radiográfica digital na mensuração da DMO e sua correlação com a fração óssea da fosfatase alcalina (bALP) em cães com DRC.

Métodos: Estudo aprovado pela CEUA/UFRRJ (nº 698716052). Foram incluídos 40 cães: 8 controles saudáveis e 32 com DRC (8 por estágio IRIS 1–4). Radiografias digitais de mandíbula alveolar, base mandibular, fêmur e L2 foram analisadas por densitometria óptica calibrada com escalímetro de alumínio (mmAl). A bALP foi mensurada por eletroforese em gel de agarose (controle e estádios 2–4). Estatística: Kruskal–Wallis, pós-teste de Dunn e correlação de Spearman ($\alpha = 5\%$).

Resultados: As análises descritivas da densidade mineral óssea em mmAl estão apresentadas na Tabela 1.

A mandíbula alveolar foi o sítio mais sensível: o grupo controle diferiu dos estádios 2, 3 e 4 ($p < 0,01$). Na base mandibular, houve diferença apenas entre controle e estágio 4 ($p < 0,01$). Fêmur ($p = 0,47$) e L2 ($p = 0,42$) não apresentaram diferenças significativas. Todos os valores de bALP permaneceram dentro do intervalo de referência (< 60 U/L), com diferença entre controle e estágio 2 ($p = 0,01$) e correlação negativa fraca com a DMO mandibular ($r = -0,4$).

Conclusões: A densitometria óptica radiográfica digital é uma ferramenta acessível e reprodutível para avaliação da DMO em cães com DRC. A região alveolar da mandíbula mostrou-se o sítio mais sensível às variações associadas à doença. A bALP isolada apresenta baixa sensibilidade para detecção do DMO-DRC, porém sua correlação com a DMO mandibular sugere potencial uso complementar, demandando investigações adicionais.

Tabela 1: Análise descritiva da densidade mineral óssea de cães com diferentes estádios de Doença Renal Crônica (DRC) e no grupo controle.

DMO	Controle n=8	Estádio 1 n=8	Estádio 2 n=8	Estádio 3 n=8	Estádio 4 n=8	Análise
Mandíbula alveolar mmAl	13,9 10,0-21,4 28,6%	8,9 7,2-13,0 19,1%	6,4 5,4-10,9 31,2%	8,0 5,8-10,6 21,4%	7,1 5,7-13,7 32,9%	Mediana mín–máx Coef. Var.
Mandíbula base do corpo mmAl	15,1 9,8-23,1 34,2%	10,6 7,4-15,5 26,9%	8,6 7,3-13,6 22,9%	9,5 7,6-11,6 14,0%	7,0 5,0-17 36,5%	Mediana mín–máx Coef. Var.
2ª Vertebra lombar mmAl	14 7,0-20,1 34,6%	10,4 6,4-24,2 53,8%	9,2 6,5-21,6 48,0	10,0 7,8-15,9 27,4%	9,1 6,7-11,3 19,5%	Mediana mín–máx Coef. Var.
Fêmur mmAl	5,8 4,3-7,6 18,9%	5,8 4,7-8,8 20,8%	5,2 3,7-7,6 22,4%	5,6 3,8-6,6 20,6%	5,1 4,3-6,7 15,9%	Mediana mín–máx Coef. Var.

DMO: densidade mineral óssea, mmAl: milímetros de Alumínio; Coef. Var.: coeficiente de variação

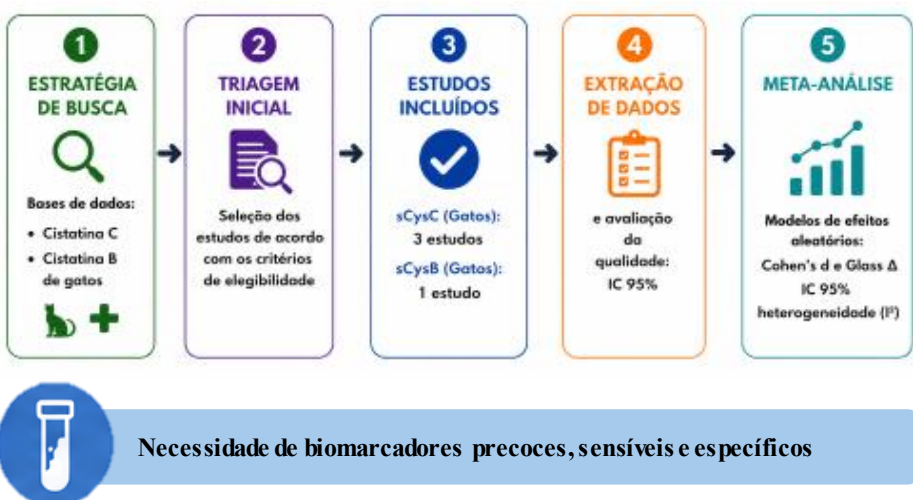
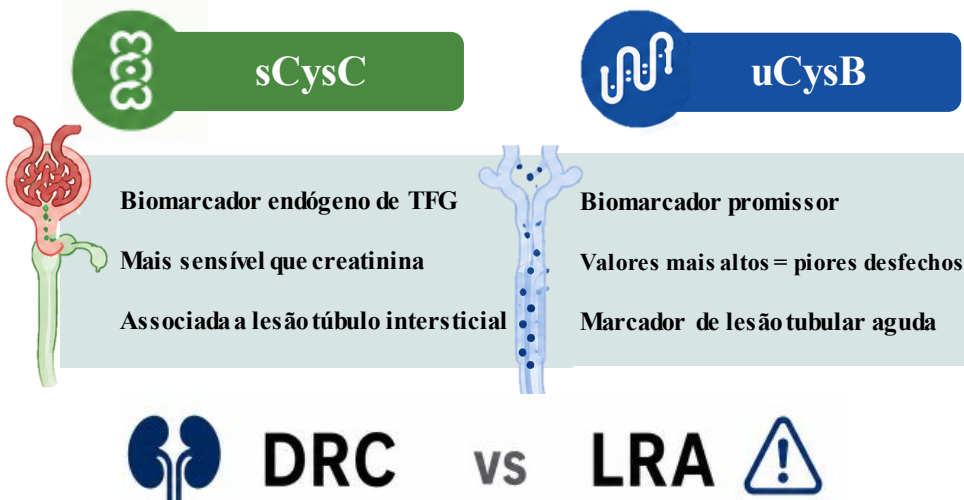
Biomarcadores além dos tradicionais: a Cistatina C sérica e a Cistatina B urinária aprimoram o diagnóstico da doença renal em felinos?

Brisa Miranda Andrade Santos¹, Beatriz Aline Migotto¹, Sofia Borin Crivellenti¹, Caio Santos Pennacchi¹, Leandro Zuccoloto Crivellenti¹

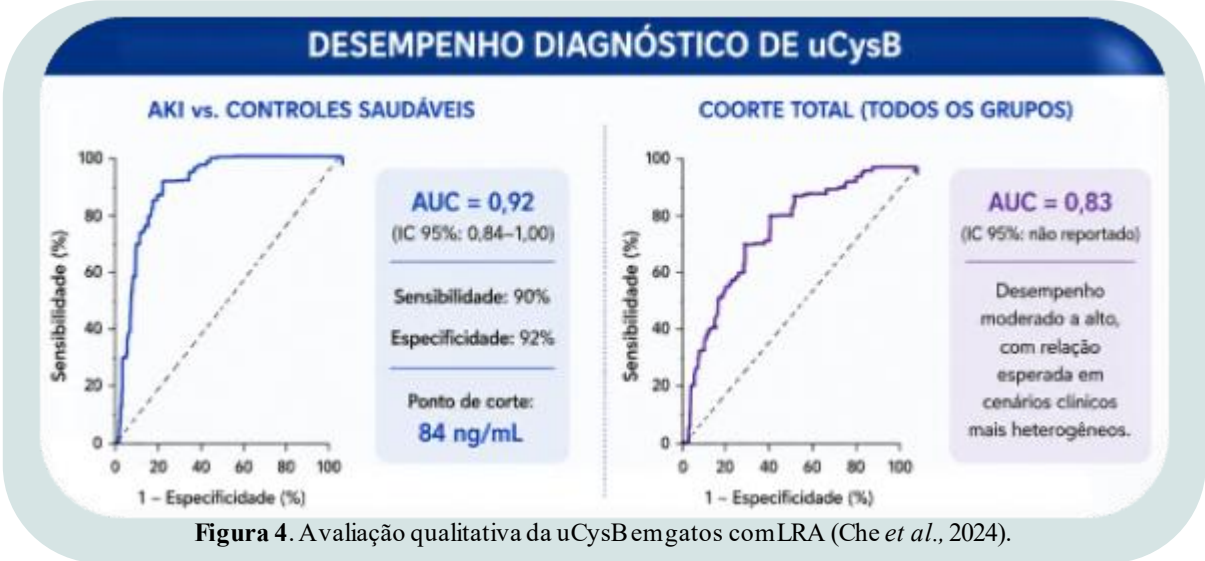
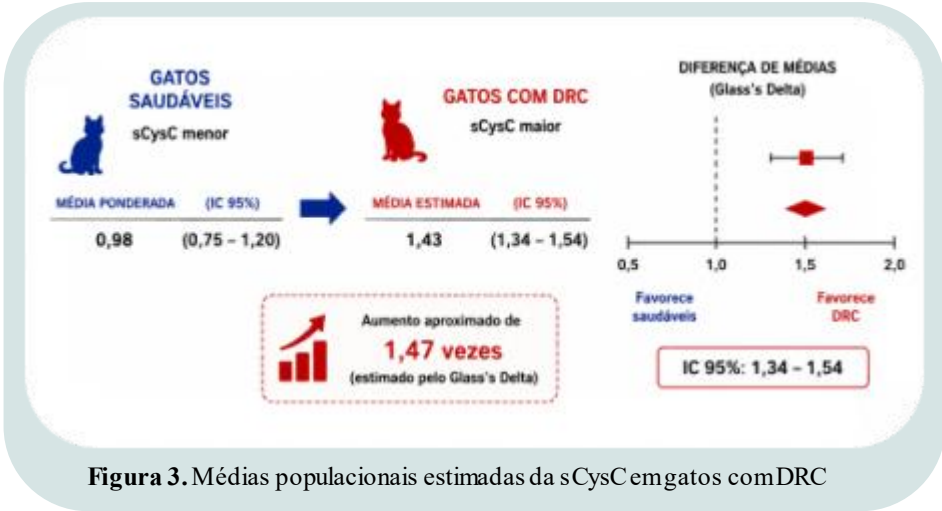
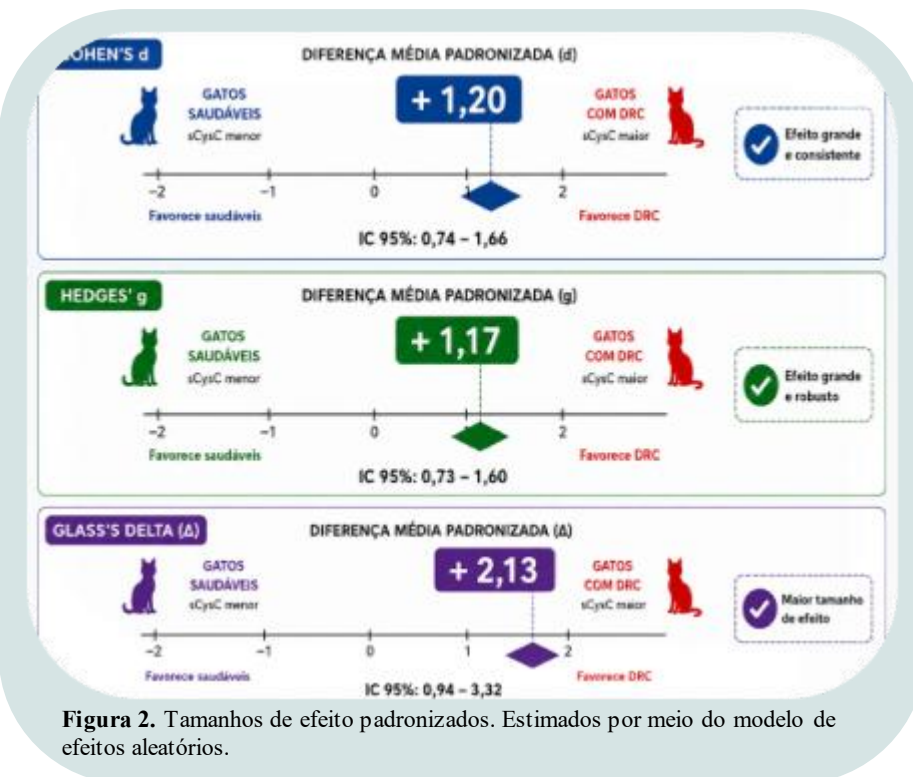
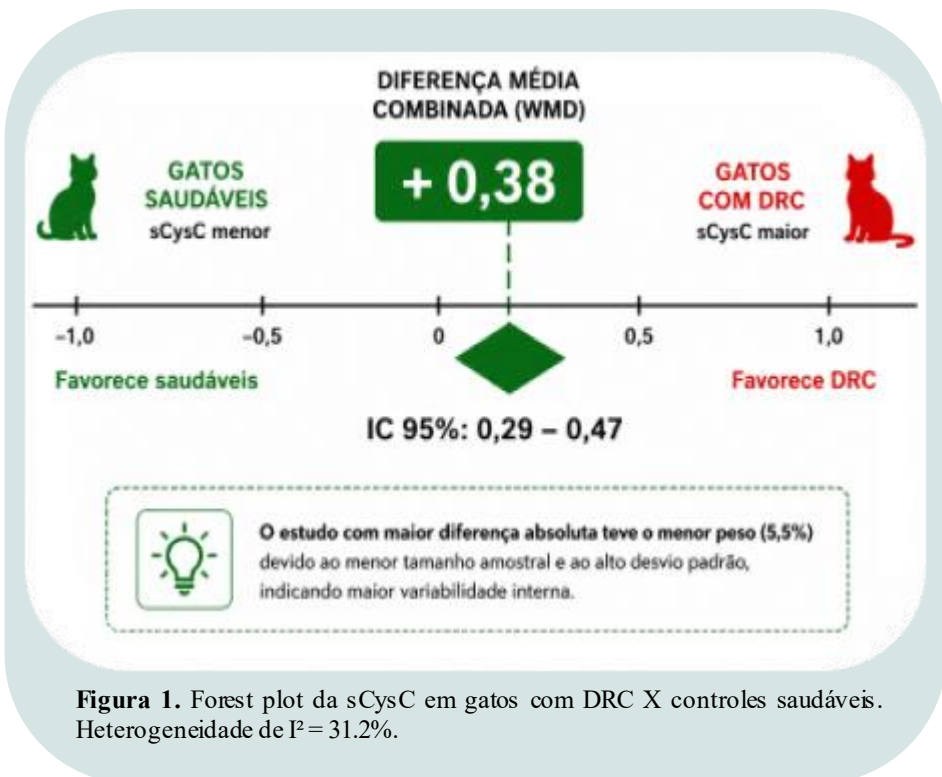
¹ Programa de Pós Graduação em Ciências Veterinária (PPGCV) Faculdade de Medicina Veterinária (FAMEV) Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Introdução

Material e Métodos



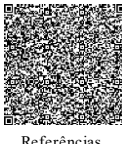
Resultados e Discussão



Conclusão

Agradecimentos

A sCysC diferencia gatos com DRC de animais saudáveis, porém ainda não demonstrou vantagens consistentes sobre creatinina e SDMA. Já a uCysB apresenta potencial como biomarcador de LRA felina, associando-se à lesão tubular e ao prognóstico.



Referências

NEFRO URO VET

PPGCVET UFU

CAPES

BALANOPOSTITE BACTERIANA E FÚNGICA EM FELINO DIABÉTICO: RELATO DE CASO

Tatiane da S. Mottin^{1*}, Raquel M. Artuzo¹, Caroline Pertile¹, Caroline S. de Souza², Gabriela A. Duarte², Giovanna G. Vidaletti², Andrielly M. da Silva², Isabella M. Cougo², Talles M. Almeida³, Gabriela da C. Schaefer¹

¹ Hospital de Clínicas Veterinárias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Faculdade de Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias (LACVET). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

*E-mail: tatianemottin@gmail.com

INTRODUÇÃO

Leveduras *Candida* sp. são comensais da microbiota de cães e gatos; contudo, consideradas patógenos oportunistas que, especialmente em animais com doença metabólica.

OBJETIVO

Relatar um caso de balanopostite supurativa bacteriana e fúngica por *Candida* sp. em gato diabético.

RELATO DE CASO

Um felino, macho, castrado, SRD, de 12 anos, com diagnóstico prévio de diabetes mellitus (DM) não controlada foi atendido com queixa de secreção purulenta em prepúcio e polaciúria. A avaliação clínica evidenciou edema prepucial e presença de secreção purulenta (Imagem 1).

Imagem 1: Presença de secreção purulenta observada na avaliação clínica do paciente.

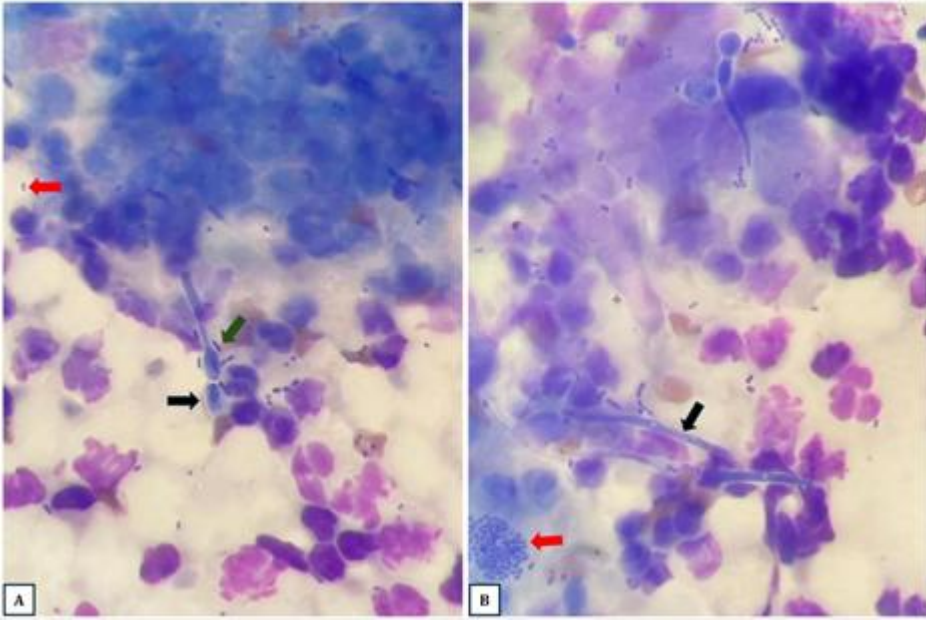


Fonte: Raquel Merger Artuzo

A urinálise, coletada por cistocentese, identificou 1000mg/dL de glicosúria. Na urocultura, houve o crescimento de *Enterococcus* sp, sensível à aminopenicilina.

A citologia de material identificou *Candida* sp. associada a presença de cocos (Imagem 2). Foi instituído fluconazol e amoxicilina com clavulanato de potássio via oral, limpeza da região com solução fisiológica e compressas frias. A resolução total do edema e secreção ocorreu após 7 dias de tratamento.

Imagem 2: A. Neutrófilos degenerados e debris celulares necróticos, associados a cocos e diplococos (seta vermelha), bacilos curtos (seta verde) e estrutura leveduriforme compatível com *Candida* spp. (seta preta). B. Mesmo caso de A, com destaque para pseudo-hifas de *Candida* spp. (seta preta) e aglomerado de microrganismos bacterianos (seta vermelha).



Microscopia Óptica Zeiss Primo Star, 1000x, Carl Zeiss AG, Alemanha, com lentes de imersão, coloração Panótico Rápido®. LACVet/UFRGS. 2026

DISCUSSÃO

Em felinos, o desenvolvimento de candidíase tem maior relação com infecções do trato urinário inferior e procedimentos urinários, como o cateterismo. Em humanos, há uma correlação da glicosúria como fator predisponente de candidíase.

CONCLUSÃO

A glicosúria, consequência da DM descontrolada, associada ao quadro de imunossupressão do paciente, pode ter sido fator predisponente para o desenvolvimento da balanopostite causada por candidíase.

CARCINOMA UROTELIAL EM FELINO DOMÉSTICO - RELATO DE CASO

Lívia O. Silva^{1*}, Cecília, Azevedo Dias², Thainá L. Risso¹, Stanley N. Lima¹, Bianca E. Padial¹, João L. C. Dias¹, Myllena P. R. Santos³, Livian C. de Oliveira³, Kelly R. F. Freire⁴, Thiago S. Costa².

1- Médico Veterinário Residente no Programa de Residência em Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

2- Médico Veterinário do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

3- Discente de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

4 - Docente do Departamento de Medicina e Cirurgia Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

*E-mail: liviaoliveira1296@gmail.com

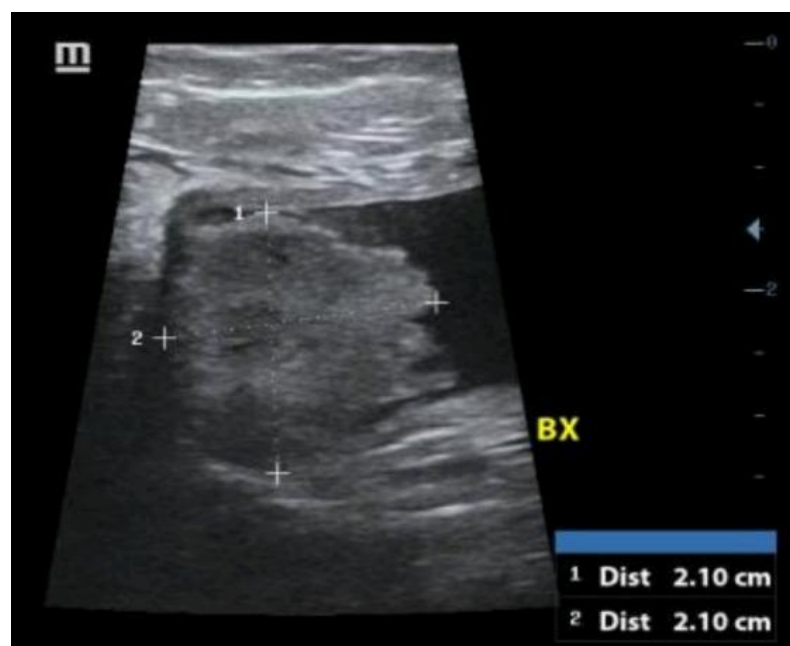
Introdução: O carcinoma urotelial (CU) origina-se no epitélio de transição do trato urinário, é a neoplasia maligna mais comum do trato urinário em cães, correspondendo de 1,5 a 2% de todos os cânceres. Em contrapartida, apresenta baixa frequência em felinos.

Objetivo: Relatar um caso de carcinoma urotelial em felino, evidenciando apresentação clínica e localização atípica.

Relato de caso: Foi atendida, no Hospital Veterinário da UFRRJ, felina, sem raça definida, com quatorze anos, apresentando hematúria persistente há um mês, não responsiva à anti-inflamatórios não esteroidais.

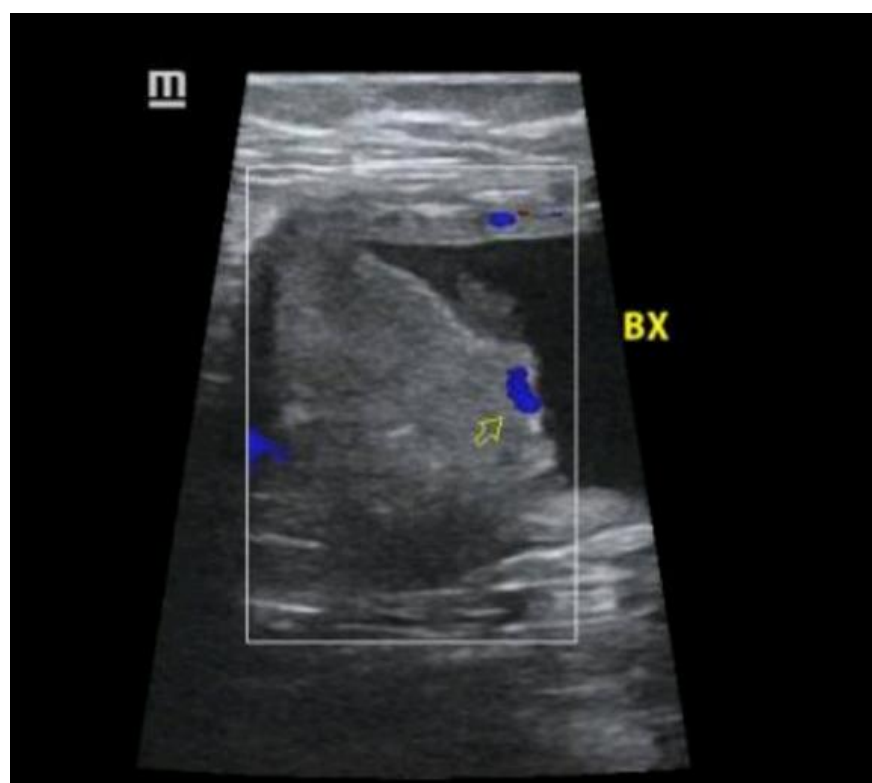
À ultrassonografia (Figura 1), observou-se bexiga normoespessada, superfície interna irregular em região craniodorsal, devido à neoformação heterogênea, irregular, projetando-se ao lúmen, medindo 2,2x 1,9cm, responsivo ao Doppler colorido (Figura 2).

Figura 2: Imagem ultrassonográfica de neoformação em vesícula urinária, de aspecto heterogêneo e amorfo, ocupando cerca de 1/3 do lúmen.



Fonte: João L.C Dias

Figura 2: Imagem ultrassonográfica de neoformação em vesícula urinária com sinal de vascularização periférica ao modo Doppler colorido.



Fonte: João L.C Dias

A citologia, obtida por cateterismo traumático guiado por ultrassonografia, foi compatível com CU. Realizou-se cistectomia parcial, com confirmação diagnóstica por histopatologia. Devido deiscência de cistorrafia após 48 horas do procedimento, optou-se pela eutanásia

Conclusão: Embora raro em felinos, o CU deve ser diagnóstico diferencial para pacientes com sinais urinários persistentes, independentemente da localização da lesão, sendo os exames complementares fundamentais para diagnóstico e manejo adequado.

CISTATINA C COMO MARCADOR ADJUVANTE PRECOCE DE REDUÇÃO DE TAXA DE FILTRAÇÃO GLOMERULAR EM DUAS CADELAS APÓS INGESTÃO DE UVAS

Felipe S. Muniz¹, Fernanda T. G. Knegt²

¹Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte, MG, Brasil | ²Clínica Veterinária Prisma Vet, Belo Horizonte, MG, Brasil

*felipemuniz_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A ingestão de uvas em cães pode desencadear sinais gastrointestinais precoces e evoluir para lesão renal aguda (LRA), enquanto a azotemia pode estar ausente nas primeiras horas.

Objetivo: Descrever dois casos de cadelas após ingestão de uvas, enfatizando a cistatina C como marcador adjuvante para detectar redução precoce da taxa de filtração glomerular (TFG).

METODOLOGIA

Relato de dois casos atendidos com vômito e diarreia. No dia 1 (D1), foram mensurados cistatina C, creatinina, ureia e SDMA;

Após 24 h de internação, repetiu-se o painel. As pacientes permaneceram hospitalizadas com suporte e monitorização seriada.

RESULTADOS

Cadela 1: D1 cistatina C 7,2 mg/dL, creatinina 0,9 mg/dL, ureia 44 mg/dL, SDMA 10; 24 h cistatina C 9,5, creatinina 1,6, ureia 73, SDMA 20.

Cadela 2: D1 cistatina C 2,1 mg/dL, creatinina 1,07 mg/dL, ureia 25 mg/dL, SDMA 13; 24 h cistatina C 2,5, creatinina 1,9, ureia 63, SDMA 17. Em ambos os casos, a elevação da cistatina C esteve presente antes da azotemia observada em 24 h.

Parâmetro	Cadela 1 (D1)	Cadela 1 (24 h)	Cadela 2 (D1)
Cistatina C (mg/dL)	7,2	9,5	2,1
Creatinina (mg/dL)	0,9	1,6	1,07
Ureia (mg/dL)	44	73	25
SDMA	10	20	13

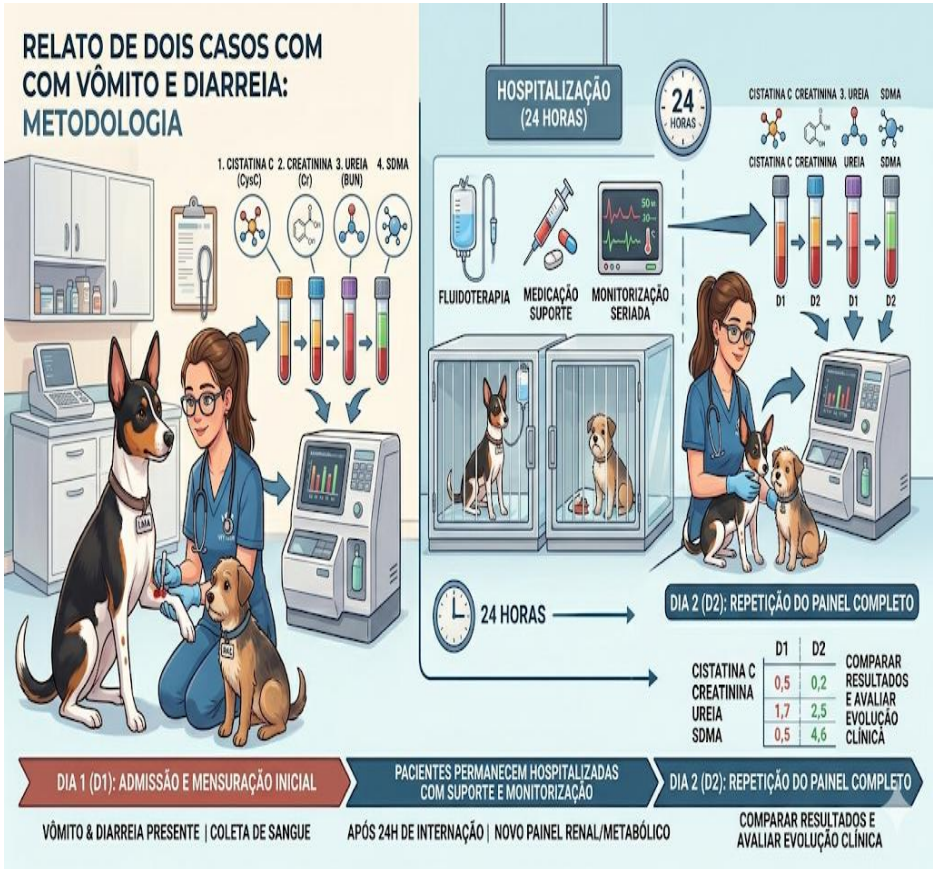
DISCUSSÃO

A discrepância entre creatinina/ureia iniciais e cistatina C aumentada sugere que este biomarcador pode sinalizar redução da TFG em LRA tóxica antes de alterações clássicas, apoiando vigilância intensiva nas primeiras 24–48 h.

CONCLUSÃO

A cistatina C sérica mostrou-se útil como marcador adjuvante para identificação precoce de redução da TFG em cadelas com LRA associada à ingestão de uvas, podendo antecipar a suspeita diagnóstica e orientar monitorização e intervenção precoces.

Palavras-chave: lesão renal aguda; nefrotoxicidade alimentar; SDMA; creatinina; monitorização seriada.



CISTITE ASSOCIADA A CISTOS DE VON BRUNN EM GATO: RELATO DE CASO

Gabriela C. L. Evangelista^{1*}, Mariana G. Souza¹, Isabella S. Germano², Lucas R. Santos², Marcus A. R. Feliciano¹

¹ Departamento de Medicina Veterinária, Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos. Universidade de São Paulo (USP), Pirassununga, São Paulo, Brasil

² The Cat From Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil

*E-mail: gabriela.clopes@yahoo.com.br

Introdução

Os cistos de von Brunn consistem em grupos de células uroteliais originados da invaginação do urotélio superficial na lâmina própria, sendo bem descritos em humanos, porém raramente relatados em animais. A ultrassonografia, amplamente utilizada na investigação de afecções do trato urinário, pode identificar formações císticas; entretanto, o diagnóstico definitivo depende da avaliação histopatológica.

Objetivo

Descrever os achados clínicos, ultrassonográficos e histopatológicos em um gato com cistite associada a cistos de von Brunn.

Relato

Uma gata, castrada, sem raça definida, de 3 anos, foi atendida com queixa de hematúria e periúria, apresentando dor à palpação abdominal. Foram realizados exames laboratoriais, ultrassonografia abdominal (Figura 1) e, posteriormente, cistoscopia.

Ao exame cistoscópico, observou-se neoformação cística em topografia de cicatriz uracal, sem evaginação local. Foi realizada cistectomia local associada à remoção do cálculo (Figura 2). O exame histopatológico revelou dilatação cística de glândulas de von Brunn, associada a erosão, infiltrado neutrofílico, fibroplasia e neovascularização, compatível com cistite ulcerativa crônica moderada.

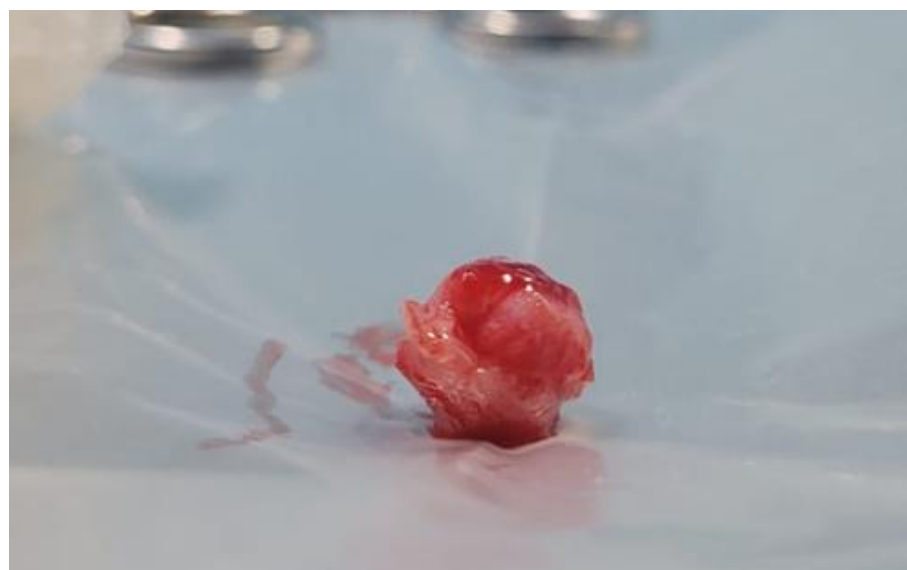


Figura 2. Cisto vesical, íntegro, medindo 1,3 × 1,0 × 1,0 cm, com cavidade única e conteúdo líquido transparente, compatível com achados ultrassonográficos prévios.

Conclusão

Alterações proliferativas do urotélio geralmente estão associadas a estímulos irritativos crônicos, como urolitíase, como observado neste caso. Os achados ultrassonográficos são inespecíficos, reforçando a necessidade da análise histopatológica. Este relato destaca a importância de considerar os cistos de von Brunn no diagnóstico diferencial das afecções urinárias em gatos, especialmente em casos de cistite. A associação entre ultrassonografia e histopatologia é essencial para o diagnóstico definitivo e manejo clínico.

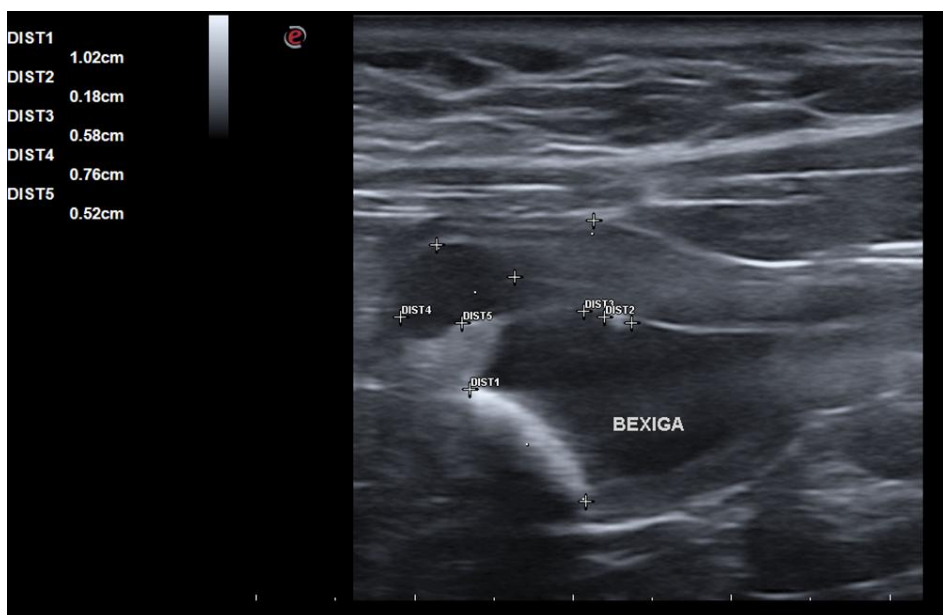


Figura 1. Ultrassonografia da vesícula urinária com pouca repleção, espessamento de parede (0,58 cm), formação cística cranioventral (0,76 × 0,52 cm) e urólito (1,02 cm).

Agradecimentos: FAPESP – Processo nº: 2024/01809-2

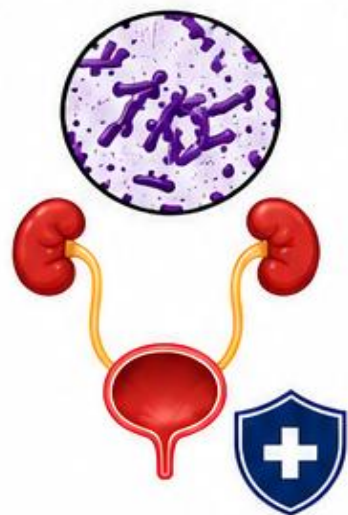
CISTITE BACTERIANA MULTIRRESISTENTE POR CORYNEBACTERIUM UREALYTICUM COM FALHA À DOXICICLINA: RELATO DE CASO

Yury C. C. Andrade*¹; Francisco A. F. X. Júnior^{1 2}; Viviane R. Furtado³; Lara V. Soares⁴; Maria E. R. O. Cunha⁴; Larissa S. Cavalcante⁵; Maria A. S. Rocha⁶; Brenda B. A. Monteiro⁷; Andreza F. Cardoso⁸; Paulo A. P. Queiroz⁸.

¹RENORBIO/UECE, Fortaleza-CE; ²CECITEC/UECE, Tauá-CE; ³UFES, Vitória-ES; ⁴PGCV/UFU, Uberlândia-MG; ⁵NAV, João Pessoa-PB; ⁶IMED, Passo Fundo-RS; ⁷UFAPE, São Paulo-SP; ⁸FAVET/UECE- Fortaleza-CE.

*E-mail: yurycarantinocosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO



- A ITU causada por *Corynebacterium urealyticum* é rara na medicina veterinária.
- Bactéria Gram-positiva oportunista, frequentemente associada à multirresistência antimicrobiana.

2. OBJETIVO



Descrever um caso de cistite bacteriana causada por *Corynebacterium urealyticum* em uma cadela.

3. RESULTADOS

1º TRATAMENTO

Doxiciclina

5 mg/kg, via oral, BID, durante 14 dias



2º TRATAMENTO

Vancomicina

15 mg/kg, intravenosa, BID, durante 14 dias



Sem resposta clínica após 14 dias de uso.



Remissão dos sinais clínicos.

4. METODOLOGIA

PACIENTE

- Canina, Pug, fêmea castrada, 3 anos de idade
- Hematúria, polaciúria, disúria e urina com odor fétido
- Cistite recorrente e uso prévio de antibióticos

EXAMES REALIZADOS



Ultrassonografia abdominal



Hemograma



Bioquímica (Creatinina, ALT)



Urinálise



Urocultura com antibiograma

Urocultura: isolamento de *C. urealyticum*, sensível à doxiciclina e vancomicina.

Urinálise: piúria e hematúria.

5. DISCUSSÃO



- C. urealyticum* é um patógeno urinário raro em cães, associado à multirresistência.
- Histórico de cistite recorrente e uso prévio de antibióticos favoreceram a seleção bacteriana.
- Sensibilidade *in vitro* à doxiciclina, mas sem resposta clínica.
- Possível discordância entre testes laboratoriais e eficácia *in vivo*, relacionada à persistência bacteriana no urotélio ou formação de biofilme.

6. CONCLUSÃO



A remissão clínica após o uso de vancomicina reforça a importância da cultura e antibiograma na condução de infecções urinárias recorrentes.

As imagens foram produzidas com auxílio de ferramentas de IA e posteriormente revisadas e validadas pelos autores.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO CEARÁ



renorbio
rede nordeste de biotecnologia



LACIMED



CAPES

CISTITE ENFISEMATOSA EM CADELA: RELATO DE CASO

Tatiane da S. Mottin¹, Caroline S. de Souza¹, Gabriela A. Duarte¹, Giovanna G. Vidaletti¹, Andrielly M. da Silva¹, Isabella M. Cougo¹, Fabíola Peixoto da Silva Mello², Gabriela da C. Schaefer¹.

¹Serviço de Nefrologia e Urologia de Cães e Gatos (NEFROVET). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

²Hospital de Clínicas Veterinárias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

*E-mail: tatianemottin@gmail.com

INTRODUÇÃO

A cistite enfisematosa é uma infecção urinária rara caracterizada pela presença de gás na bexiga, decorrente da fermentação bacteriana de substratos urinários. Associa-se a distúrbios metabólicos, alterações do trato urinário e estase urinária. O diagnóstico baseia-se em sinais clínicos, exames laboratoriais e de imagem, sendo a cultura com antibiograma fundamental para a escolha terapêutica.

OBJETIVO

Relatar um caso de cistite enfisematosa em canina com osteoartrose.

METODOLOGIA

Foi atendida uma canina, fêmea, castrada, SRD, com osteoartrose grave e disseminada, no NEFROVET-UFRGS, apresentando hematúria fétida, secreção vulvar purulenta e histórico de cistite enfisematosa focal, tratada com amoxicilina com clavulanato de potássio, sem melhora. Realizou-se avaliação clínica, ultrassonografia abdominal, urinálise, urocultura com antibiograma, hemograma e bioquímica sérica.

RESULTADOS

À ultrassonografia, observou-se bexiga com parede irregular, apresentando áreas ecogênicas com artefatos de reverberação, impossibilitando avaliação da cavidade e diagnóstico preciso. Assim, realizou-se radiografia abdominal, evidenciando alteração difusa da parede vesical sugestiva de cistite enfisematosa disseminada. A urinálise evidenciou leucocitúria e hematúria, e a urocultura com antibiograma identificou *Klebsiella pneumoniae* ssp, sensível à enrofloxacina. Esses achados, associados ao histórico e ao exame clínico, confirmaram o diagnóstico. O tratamento com enrofloxacina resultou em evolução favorável.



Figura A. Ultrassonografia. Observa-se a bexiga com parede irregular (seta branca), apresentando áreas ecogênicas com artefatos de reverberação (seta tracejada).

Fonte: Serviço de Diagnóstico por Imagem HCV-UFRGS



Figura B. Radiografia abdominal. Observa-se alteração difusa da parede vesical (seta branca).

Fonte: Serviço de Diagnóstico por Imagem HCV-UFRGS

DISCUSSÃO

A cistite enfisematosa, embora comumente relacionada a doenças endócrinas que cursam com glicosúria, também relaciona-se a fatores predisponentes como a estase urinária. A associação entre exames de imagem e urocultura com antibiograma foi determinante para o manejo.

CONCLUSÃO

O caso reforça a importância de uma abordagem diagnóstica criteriosa em infecções urinárias, permitindo conduta terapêutica eficaz e evolução clínica satisfatória.



Hospital de Clínicas
Veterinárias
UFRGS



CISTOLITÍASE DE URATO DE AMÔNIO EM UM FELINO: RELATO DE CASO

Tatiane da S. Mottin¹, Caroline S. de Souza¹, Gabriela A. Duarte¹, Giovanna G. Vidaletti¹, Andrielly M. da Silva¹, Isabella M. Cougo¹, Gabriela da C. Schaefer¹.

¹Serviço de Nefrologia e Urologia de Cães e Gatos (NEFROVET). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

*E-mail: tatianemottin@gmail.com

INTRODUÇÃO

Urolitíases de urato alcançam prevalência de aproximadamente 10% a nível mundial, sendo consideradas um achado incomum na clínica de felinos. Estão associadas a alterações no metabolismo do ácido úrico, sendo favorecidas por hiperuricosúria, acidúria e elevada concentração urinária, além de hepatopatias e desvios portossistêmicos. O tratamento envolve manejo medicamentoso e nutricional, visando à alcalinização urinária, podendo ser cirúrgico em casos de obstrução ou falha do tratamento conservador.

OBJETIVO

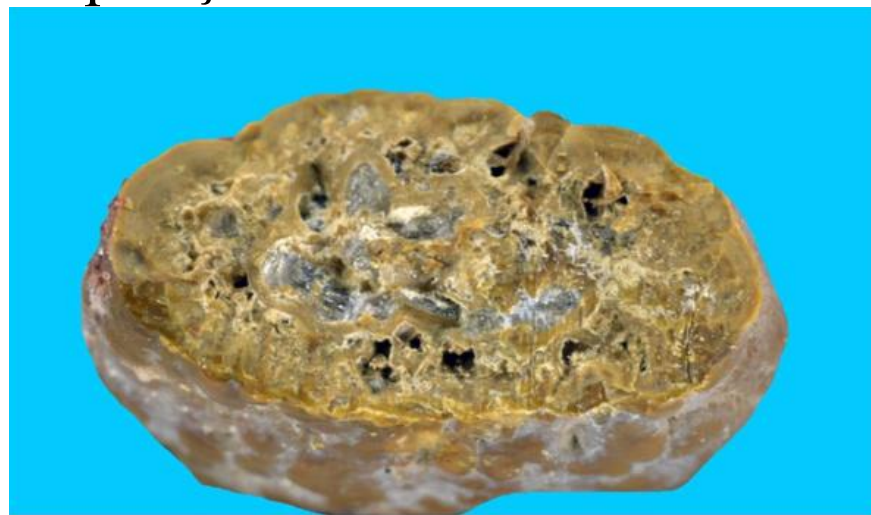
Relatar um caso de urocistolitíase de urato de amônio em um felino.

METODOLOGIA

Uma felina, castrada, SRD, de seis anos, foi atendida no NEFROVET-UFRGS apresentando hematúria e periúria com evolução de 1 mês. Havia histórico de cistotomia com análise qualitativa do cálculo, evidenciando fosfato, magnésio, amônia e urato. Os exames de imagem mostraram presença de estruturas compatíveis a urólitos, e ausência de alterações hepáticas. Na bioquímica sérica observou-se valores normais de ácidos biliares, amônia, ácido úrico e demais provas de função hepática.

RESULTADOS

A dieta acidificante instituída previamente para a dissolução do cálculo foi ineficaz na resolução do quadro clínico. Após novos exames, realizou-se cistolitotomia percutânea para a remoção do urólito, com resolução dos sinais clínicos e sem recidiva nos dois meses seguintes de acompanhamento. A análise quantitativa do cálculo revelou composição de urato de amônio.



Cálculo de urato em um felino após remoção cirúrgica.
Imagem: LITOLAB: Mineralogia de cálculos urinários

DISCUSSÃO

A análise quantitativa do urólito foi fundamental para a condução do caso, uma vez que o manejo nutricional para acidificação urinária favorece recidivas.

CONCLUSÃO

O caso demonstra que os urólitos de urato, apesar de menos frequentes, devem ser considerados na rotina clínica de felinos.



Hospital de Clínicas
Veterinárias
UFRGS



Serviço de Nefrologia e
Urologia de Cães e Gatos
UFRGS

COMPLICAÇÃO ASSOCIADA À PERMANÊNCIA DE CATETER DUPLO J EM FÊMEA CANINA COM URETEROLITÍASE – RELATO DE CASO

Ana C. Abrahão¹, Suellen R. Maia², Leandro Z. Crivellenti³, Thiago C. Nunes¹

1. Uberaba, Minas Gerais, Brasil

2. Instituto Federal do Sul de Minas, Campus Muzambinho

3. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A urolitíase é caracterizada pela concreção de minerais no trato urinário podendo ocasionar obstrução ao fluxo de urina [1]. Quando a urolitíase envolve o ureter, o cateter duplo J se torna necessário [2]. O presente trabalho tem como objetivo descrever a implantação do cateter duplo J em um cão e sua consequente complicação

RELATO DE CASO

Um canino, raça Pug foi atendida após vômitos, oligúria, repleção da bexiga e dor a palpação renal direita. No ultrassom, havia presença de dilatação de pelve renal e ureter direito, com presença de ureterólitos em porção média e proximal. Após quatro dias com antagonista alfa 1, evoluiu para hidronefrose sem ureterolitíase. Em cirurgia, foi observado estenose ureteral tornando-se necessária implantação do cateter duplo J.

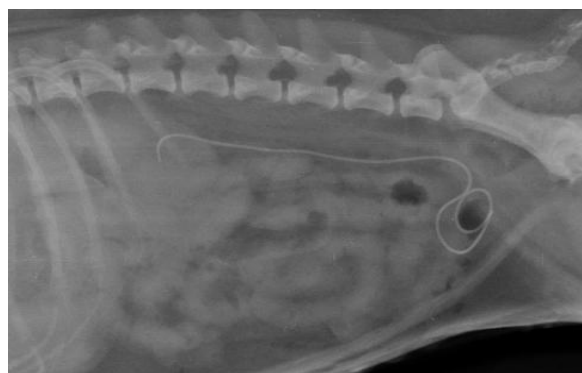


Figura 1:
Radiografia
cateter
duplo J em
rim direito

Após quatro meses foram observados cistolitíase, cateter duplo J, ureterolitíase, dilatação em ureter médio e pielectasia em ultrassom abdominal. Durante cistotomia, evidenciou o duplo J com calcificação de estruvita em todo trajeto

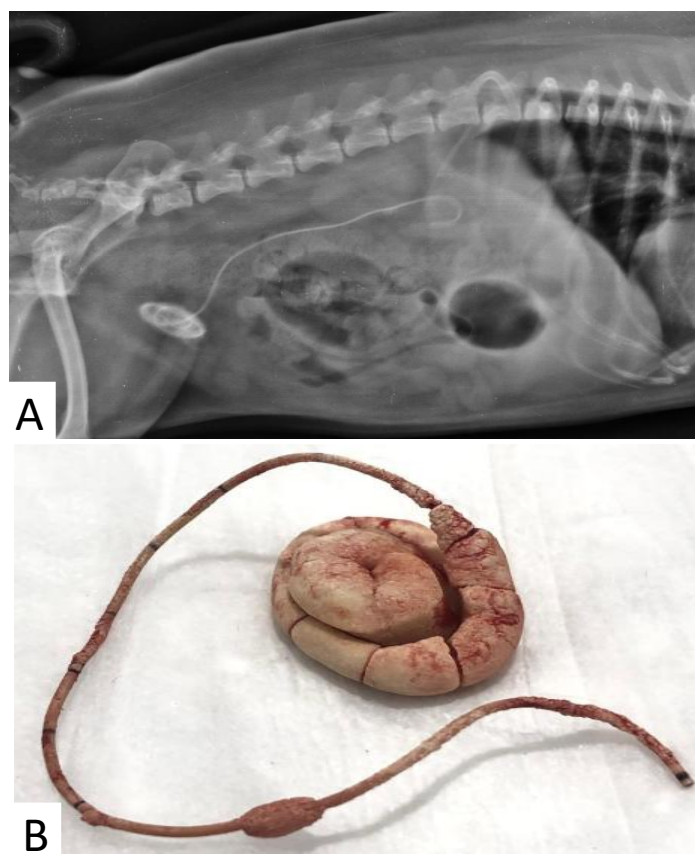


Figura 2: Cateter duplo J. (A) Imagem radiográfica 4 meses após implantação. (B) Calcificação do cateter duplo J

CONCLUSÃO

Conclui-se que o acompanhamento do animal em curtos períodos após a implantação do dispositivo é crucial para se evitar quaisquer complicações advindas da sua permanência

REFERÊNCIA

- CRIVELLENTI, Leandro Z; GIOVANIN, Luciano H. **Tratado de nefrologia e urologia em cães e gatos**. São Paulo: Medvet, 2021.
- SILVA, A. F.; SOUZA, A. C. de. Obstrução ureteral em cão: procedimento cirúrgico duplo J. *Ciências da Saúde, Medicina Veterinária*, v. 27, n. 129, p. 1–2, 2023

DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE UM APLICATIVO BASEADO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA MONITORAMENTO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES E GATOS

Melissa B. Pontes¹, Júlio C. C. Veado², Hugo C. M. Pires³

^{1,3}Nefrologia e Urologia. Faculdade Anclivepa. São Paulo, São Paulo

²Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais

INTRODUÇÃO

Doença Renal Crônica (DRC) é frequente em cães e gatos idosos (até 10% dos cães e 30% dos gatos acima de 15 anos), apresenta curso permanente e progressivo e requer acompanhamento regular. A gestão longitudinal das informações clínicas e laboratoriais desses pacientes pode representar um desafio na prática veterinária.

OBJETIVO

Apresentar o desenvolvimento e a avaliação inicial do aplicativo (app) Monitor DRC.

METODOLOGIA

Produção tecnológica envolvendo revisão de literatura, desenvolvimento do app e avaliação qualitativa com 14 participantes (sete veterinários e sete responsáveis).

RESULTADOS

Baseado em inteligência artificial (Google Gemini), o app extrai dados laboratoriais, organiza o histórico clínico em tabelas e gráficos e gera alertas sobre alterações na evolução do paciente (Figura 1). O responsável registra medicação, ingestão hídrica, alimentação e estado clínico (Figura 2). O app envia notificações de esquecimento e reforça a adesão ao tratamento.

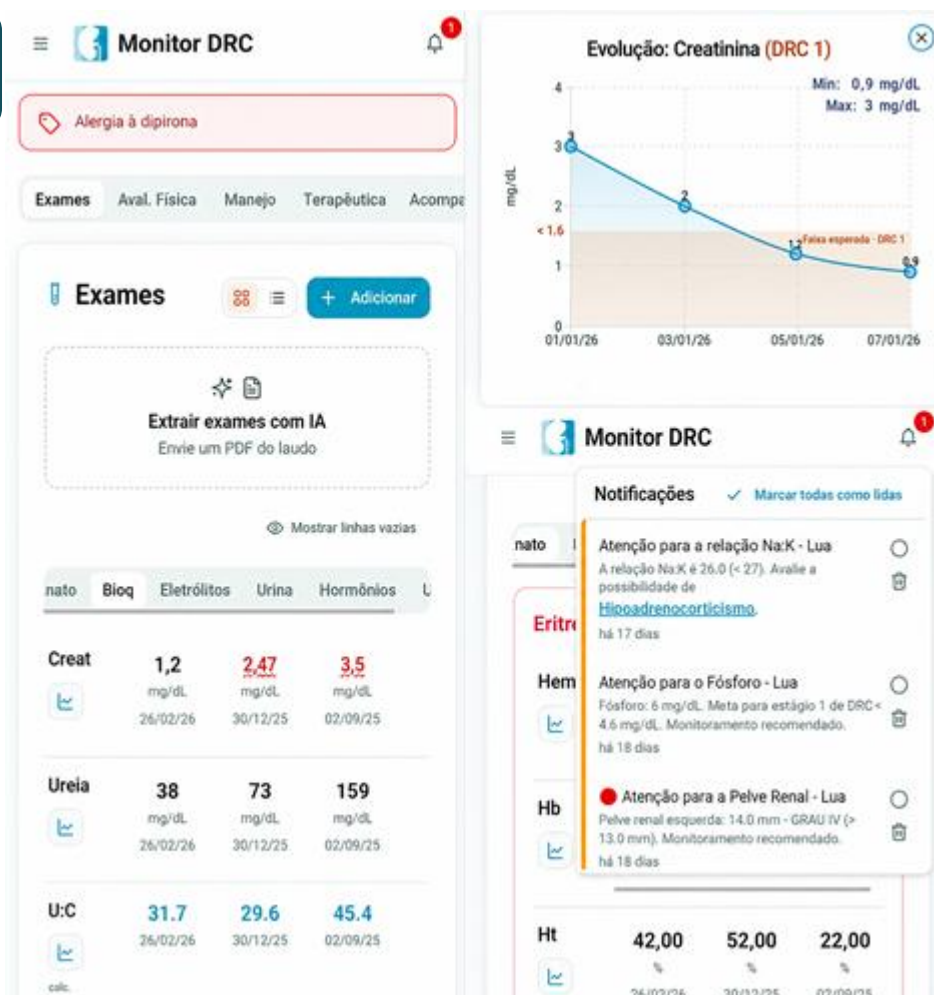


Figura 1 - Histórico e notificações

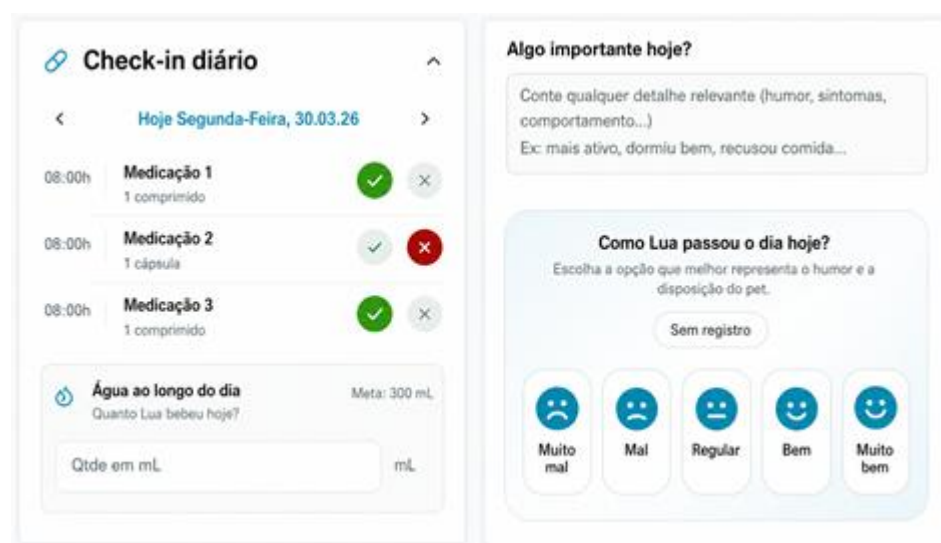


Figura 2 - Agenda com plano terapêutico

A literatura sobre apps voltados à DRC ainda é limitada. A avaliação qualitativa indicou boa aceitação da ferramenta (100%), e 86% dos veterinários consideraram a agenda terapêutica útil para promover a adesão ao tratamento.

CONCLUSÕES

O Monitor DRC apresenta potencial como ferramenta de apoio clínico e educacional. Estudos futuros poderão avaliar seu impacto em indicadores clínicos e qualidade de vida dos pacientes.

DIÁLISE PERITONEAL EM FELINO COM INJÚRIA RENAL AGUDA ESTÁGIO 5 SECUNDÁRIA À INFECÇÃO POR *CANDIDATUS MYCOPLASMA HAEMOMINUTUM*: RELATO DE CASO

Kalebe S. Franco¹; Gisele S. da Silva²; Mirella O. Z. Falcão³.

¹Acadêmico de Medicina Veterinária, Centro Universitário Fametro (FAMETRO), Manaus, AM, Brasil.

²Docente do curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Fametro (FAMETRO), Manaus, AM, Brasil.

³Médica Veterinária, Animalí's Centro de Saúde, Manaus, AM, Brasil.

INTRODUÇÃO

A injúria renal aguda (IRA), em felinos é uma condição grave, caracterizada pela rápida redução da taxa de filtração glomerular e acúmulo de metabólitos nitrogenados. Sua etiologia é multifatorial, incluindo causas infecciosas, obstrutivas e inflamatórias. Entre os agentes infecciosos, destacam-se os hemoplasmas felinos, bactérias hemotrópicas associadas à anemia e a processos inflamatórios sistêmicos, contudo, sua relação com alterações renais ainda permanece pouco elucidada.

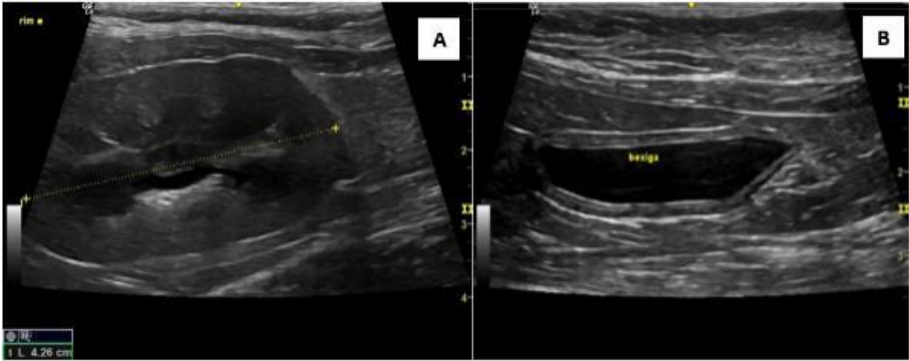
OBJETIVO

Descrever um caso de felino com injúria renal aguda grave submetido à diálise peritoneal, associado à infecção por *Candidatus Mycoplasma haemominutum*, enfatizando a abordagem diagnóstica, terapêutica e evolução clínica.

RELATO

Foi atendido um felino apresentando apatia, anorexia e dor abdominal, com azotemia grave (creatinina 27 mg/dL; ureia 430 mg/dL) e hipercalemia (7,7 mEq/L), sendo classificado como injúria renal aguda (IRA) estágio V segundo a classificação IRIS. O exame ultrassonográfico sugeriu hidronefrose bilateral secundária à litíase ureteral, entretanto, avaliação subsequente demonstrou migração dos cálculos para a bexiga urinária e resolução da obstrução, direcionando as investigações para causas renais intrínsecas.

Figura 1: A – Rim esquerdo, B – Bexiga.

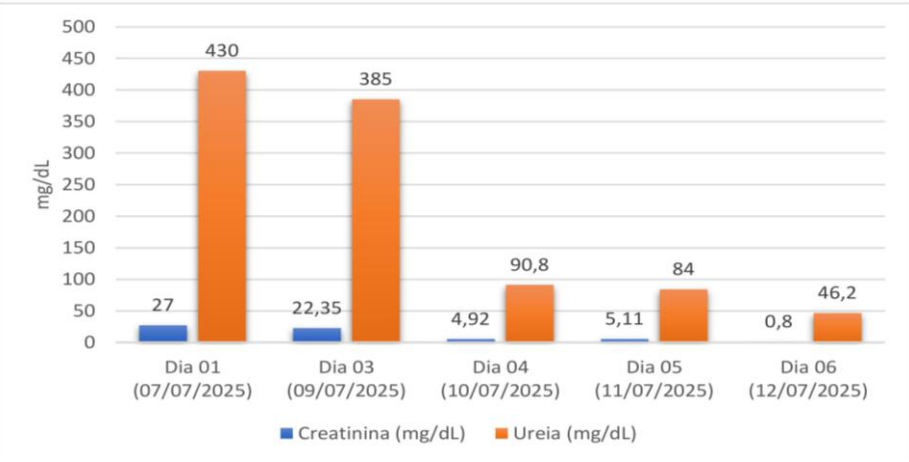


Fonte: Ultradogtor.

Instituiu-se terapia intensiva com diálise peritoneal em duas sessões consecutivas, utilizando solução dialisante com glicose a 2,3%, associada ao manejo da hipercalemia, fluidoterapia intravenosa, antibioticoterapia com doxiciclina, analgesia, antieméticos, corticoterapia e suporte nutricional.

Observou-se redução progressiva e expressiva dos níveis séricos de ureia e creatinina, acompanhada de melhora clínica evidente, incluindo recuperação do estado de alerta, retorno do apetite e normalização da função renal aproximadamente 60 horas após a segunda sessão de diálise, com valores sérios em 0,8 mg/dL de creatinina e 46,2 mg/dL de ureia.

Gráfico 1: Evolução cronológica dos marcadores de função renal.



DISCUSSÃO

A evolução clínica favorável reforça a eficácia da diálise peritoneal na IRA grave e sugere origem multifatorial da azotemia, envolvendo componentes pré-renais, pós-renais transitórios e inflamatórios.

DIOCTOPHYMA RENALE EM DOIS CÃES ERRANTES DE SEROPÉDICA, RJ: Série de casos com seguimento clínico

Markos P. Damatis¹, Luana Cerqueira¹, Tayanara M. Lima¹, João L. Dias¹, Thainá L. Risso², Cecília Dias³

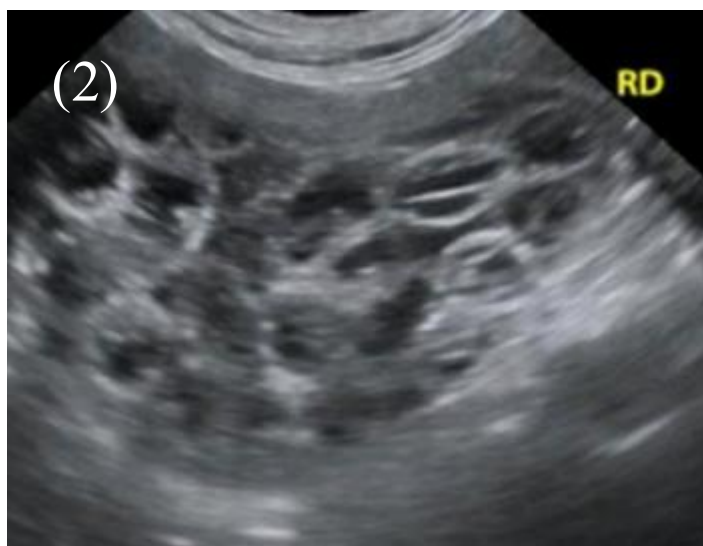
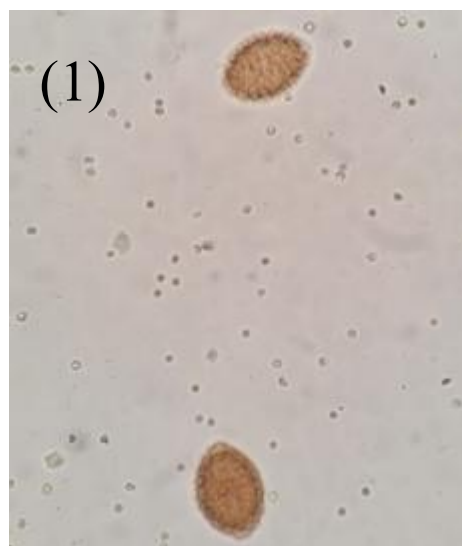
¹Programa de Residência em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. ³Hospital Veterinário de Pequenos Animais, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: markosdamatis@gmail.com

INTRODUÇÃO

Dioctophyma renale é um nematóide que parasita rins de canídeos e outros mamíferos, sua presença no rim causa destruição de parênquima e perda de função. O ciclo do parasito envolve anelídeos como hospedeiros intermediários e peixes ou anuros como hospedeiros paratênicos, os quais transmitem a doença ao serem ingeridos.

RELATO

Duas cadelas, SRD, ambas de aproximadamente 5 anos, foram atendidas, em momentos distintos, no Hospital Veterinário da UFRRJ após resgate e tiveram diagnóstico incidental da presença de *Dyoctphyma renale* em rim direito após ultrassonografia abdominal, com perda completa de parênquima renal. A primeira paciente apresentava EAS sem alterações e ausência de azotemia. A segunda paciente apresentava EAS com presença de ovos do parasito e relação proteína:creatinina (RPCU) de 2,32 e pressão arterial sistêmica (PAS) de 190 mmHg. Ambas foram submetidos à nefrectomia e permanecem IRIS I e sem sinais clínicos, com, respectivamente, 2 anos e 4 meses da nefrectomia. A segunda paciente apresenta atualmente RPCU de 1,29 com benazepril 0,5 mg/kg SID e PAS de 140 mmHg.



Figuras 1 e 2: Ovos do parasito em urinálise e imagem ultrassonográfica de rim parasitado.

CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

O presente relato busca demonstrar dois pacientes do mesmo local com diagnóstico incidental, alterações clinicopatológicas distintas da doença e acompanhamento clínico. As alterações clinicopatológicas da doença podem ser distintas, apesar de apresentação morfológica semelhante e resolução cirúrgica a partir da nefrectomia.

ECTOPIA URETERAL BILATERAL EM FELINO: DESCRIÇÃO DE UM CASO INCOMUM

Samuel D. T. Júnior ^{1*}, Bianca E. Padial¹, Adriano de S. Araujo¹, Rosemar de A. Freitas², Cecília A. Dias³, Vivian de A. Nogueira³, Maria E. S. L. Fernandes³

¹Pós graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

²Faculdade Anclivepa, Campus Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

³Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

*E-mail: samueltrindadenefrologista@gmail.com

Introdução: O ureter ectópico é uma anomalia congênita caracterizada pela inserção anômala de um ou ambos os ureteres fora do trígono vesical, podendo ser classificado em intramural ou extramural. É uma afecção rara em felinos, cujos sinais clínicos mais frequentes incluem incontinência urinária e infecções urinárias recorrentes. O diagnóstico baseia-se na associação entre sinais clínicos e exames de imagem, com destaque para a tomografia computadorizada contrastada.

Objetivo: Relatar a apresentação clínica e a avaliação diagnóstica de um caso raro de ureter ectópico bilateral em felino.

Relato de Caso: Foi atendida uma felina sem raça definida, não castrada, de 10 meses, encaminhada devido à azotemia identificada em exames de rotina e histórico de polaciúria. A ultrassonografia revelou dilatação do trato urinário superior sem evidências de obstrução, enquanto radiografias abdominais não demonstraram alterações significativas. Urocultura e antibiograma confirmaram cistite bacteriana por *Escherichia coli* (>100.000 UFC/mL). A tomografia computadorizada (Fig. 01- A e B) contrastada evidenciou ureteres ectópicos bilaterais com inserção na transição entre o colo vesical e a uretra proximal, associados a hidroureter bilateral e hidronefrose esquerda. A paciente foi encaminhada para correção cirúrgica.

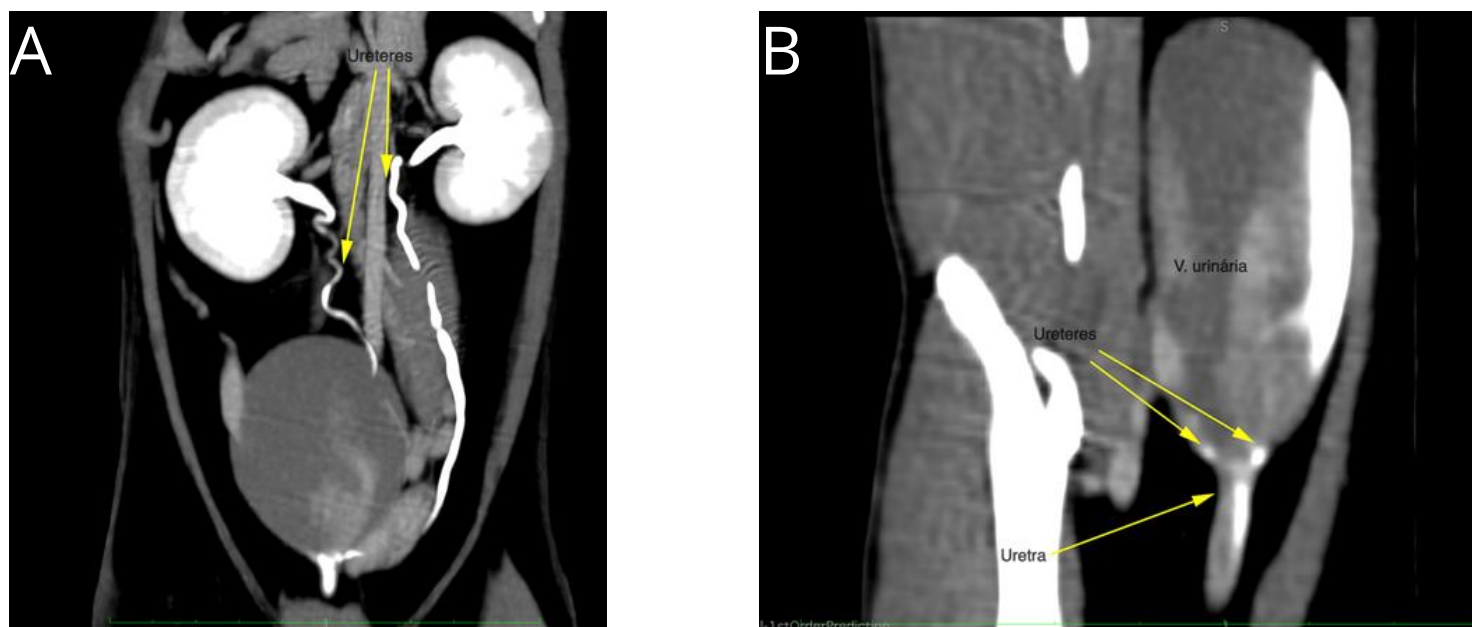


Figura 01 – A e B: Imagens tomográficas evidenciando ambos os ureteres contrastados na fase tardia, os quais se estendem caudalmente ao trígono vesical e terminam na região de transição entre o colo vesical e a uretra proximal, caracterizando implantação ectópica bilateral dos ureteres.

Discussão: A ectopia ureteral em felinos apresenta baixa frequência e manifestações clínicas inespecíficas. Neste caso, a associação entre hidroureteronefrose, azotemia e infecção urinária motivou a investigação complementar. A tomografia contrastada permitiu a confirmação diagnóstica e detalhamento anatômico da anomalia.

Conclusão: A ectopia ureteral bilateral deve ser considerada nos diagnósticos diferenciais de alterações do trato urinário superior em felinos. A tomografia computadorizada contrastada foi fundamental para o diagnóstico e definição terapêutica.

Palavras-chave: Anomalia congênita; Hidronefrose; Hidroureter; Ureter ectópico.

EXCREÇÃO URINÁRIA DE FÓSFORO EM GATOS DOENTES RENAIIS CRÔNICOS COM E SEM ACIDOSE METABÓLICA

CARLOS EDUARDO S. BENITES¹, JÉSSICA C. MELO², KELLEN CRISTINE DE LIMA³,
FERNANDA C. CHACAR^{4*}

¹DEPARTAMENTO DE CLÍNICA MÉDICA, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ/USP), SÃO PAULO, BRASIL.
*E-MAIL: FERNANDACHICHARO@USP.BR



INTRODUÇÃO

A acidose metabólica é uma complicação frequente da doença renal crônica (DRC) em gatos. Evidências sugerem que o desequilíbrio acidobásico influencia a excreção tubular de fósforo, podendo aumentar a fosfatúria e contribuir para a mineralização renal e progressão da DRC.

OBJETIVOS

Comparar a excreção urinária de fósforo em gatos com DRC com e sem acidose metabólica.
Avaliar a correlação entre parâmetros acidobásicos e a fração de excreção de fósforo (FEP).

MATERIAIS E MÉTODOS



RESULTADOS

	ACIDOSE +	ACIDOSE -	p
pH	7,19	7,33	0,006
HCO ₃ ⁻ (mmol/L)	12,32	19,6	0,008
BE	-12,86	-5,5	0,002
AG (mmol/L)	21,48	20,02	0,19
Creatinina (mg/dL)	5,83	3,26	0,008
Ureia (mg/dL)	303,7	126	0,002

Tabela 1 - Média dos valores de pH, HCO₃⁻, BE, AG, creatinina e ureia de gatos DRC com acidose metabólica e sem acidose metabólica.

Os gatos com acidose metabólica apresentaram maiores concentrações séricas de fósforo (p = 0,008) (Figura 1 A) quando comparados aos gatos sem acidose. Também houve correlação entre as mensurações de FEP e o pH (r= -0,56; p= 0,03), bem como FEP e BE (r= -0,65; p= 0,01) (Figura 1 B).

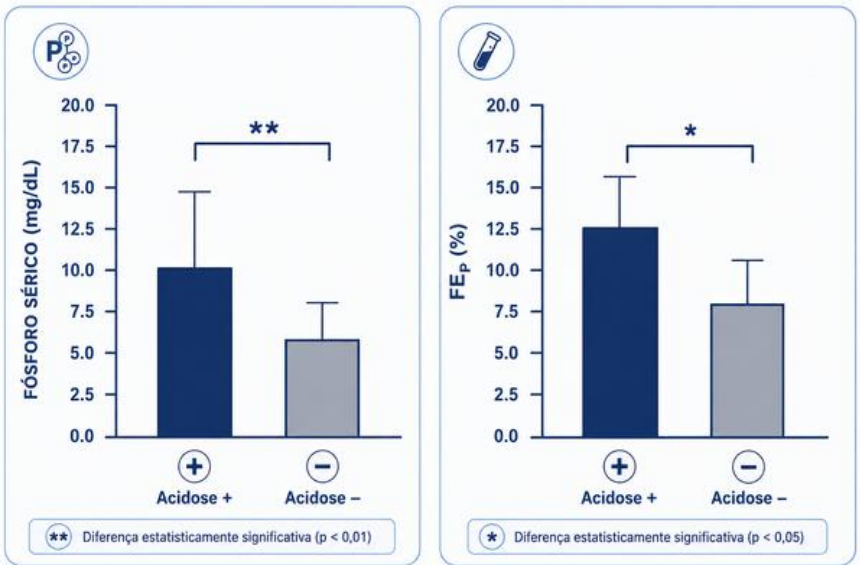


Figura 1 - Mensurações de fósforo sérico em gatos doentes renais crônicos com e sem acidose metabólica; **p = 0,008 (A). Valores da fração de excreção urinária de fósforo em gatos doentes renais crônicos com e sem acidose metabólica; *p = 0,01 (B).

CONCLUSÃO

Gatos com DRC e acidose metabólica apresentam maior excreção urinária de fósforo.

HEMODIÁLISE INTERMITENTE NA INTOXICAÇÃO POR ETILENOGLICOL EM CÃO SEM AZOTEMIA: IMPACTO DA JANELA TERAPÊUTICA NO PROGNÓSTICO

Felipe S. Muniz¹, Manuela M. Gonçalves², Fernanda T. G. Kneigt³

¹Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte, MG, Brasil | ²Artemis Centro de Encaminhamento Veterinário | ³Prisma Vet

*felipemuniz_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A intoxicação por anticongelantes contendo etilenoglicol é uma emergência nefrotóxica tempo-dependente em cães, e o prognóstico depende do intervalo entre ingestão e tratamento.

A hemodiálise intermitente (HDI) é altamente eficaz para remoção do etilenoglicol e metabólitos dialisáveis.

Objetivo: Relatar intoxicação por anticongelante em cadela sem azotemia inicial, destacando a janela terapêutica e a utilidade da HDI.

METODOLOGIA

Relato de caso. Cadela Fox Paulistinha atendida 24 h após ingestão de anticongelante, com vômitos e prostração, sem azotemia à admissão.

Ultrassonografia: colite, gastrite, pancreatite, nefrite, hiperecogenicidade cortical com sinal da medular e fígado com aspecto toxêmico.

Instituiu-se HDI imediata com meta de urea reduction ratio (URR) de 90% como indicador de eficácia dialítica, associando etanol a 90% como antídoto competitivo e fosfoenema para prevenir hipofosfatemia.



RESULTADOS

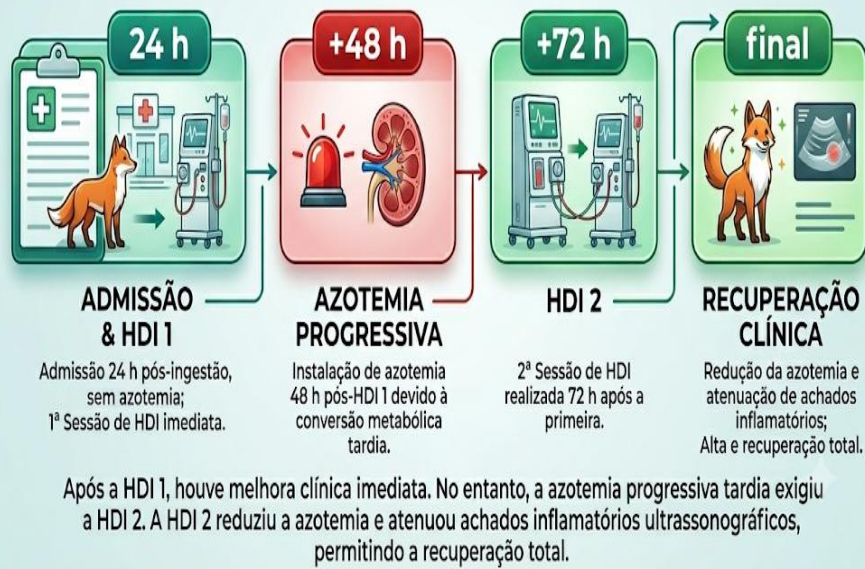
Após a primeira sessão, houve melhora clínica imediata, com melhora do apetite e disposição.

Entretanto, 48 h depois, ocorreu instalação progressiva de azotemia.

Realizou-se segunda HDI 72 h após a primeira, com redução da azotemia e atenuação de achados inflamatórios ultrassonográficos, seguida de recuperação clínica.

EVOLUÇÃO TEMPORAL DO PACIENTE (INTOXICAÇÃO POR ETILENOGLICOL)

LINHA DO TEMPO CLÍNICA E TERAPÊUTICA



DISCUSSÃO

A azotemia tardia é compatível com a conversão metabólica do etilenoglicol em metabólitos nefrotóxicos, evidenciando que a ausência de azotemia inicial não exclui intoxicação relevante.

O caso reforça a necessidade de encaminhamento rápido e indica que a HDI precoce pode modificar o curso clínico mesmo em apresentações iniciais sem azotemia.

CONCLUSÃO

A HDI foi fundamental para o desfecho favorável, e o tempo até o início do tratamento permaneceu o principal determinante prognóstico na intoxicação por etilenoglicol.

Palavras-chave: anticongelante; lesão renal aguda; antídoto competitivo; depuração extracorpórea; URR.

HÍMEN IMPERFURADO COM PIO/HIDROCOLPO EM CADELA DIAGNOSTICADO POR CISTOSCOPIA E TRATADO POR ABORDAGEM MINIMAMENTE INVASIVA - RELATO DE CASO

Carolina Martinelli¹, Juliano J. M. Silotti¹, Pietra G. da Silva¹, Jiuliany B. Colatto¹, Talita M. M. Raposo-Ferreira²

¹ Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV).

² Docente do curso de Medicina Veterinária; Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, da Universidade Vila Velha, Espírito Santo (UVV), Brasil

*E-mail: nefrologiaecirurgiavet@gmail.com

INTRODUÇÃO:

Anomalias congênitas do trato reprodutivo, como o hímen imperfurado, são raras e subdiagnosticadas, levando à retenção de secreções e formação de hidrocolpo ou pio/hidrocolpo. Seus sinais inespecíficos frequentemente mimetizam doenças urinárias e piometra de coto, dificultando o diagnóstico, sendo a imagem associada à endoscopia fundamental para sua identificação.

OBJETIVO:

Relatar um caso de hímen imperfurado e sua resolução por abordagem minimamente invasiva.

RELATO DE CASO:

Cadela SRD, fêmea, 10 anos, 16 kg, castrada, com histórico agudo de hematúria e incontinência urinária leve. Foram realizados exames laboratoriais, ultrassonografia abdominal e uretrocistoscopia associada à vaginoscopia. A ultrassonografia evidenciou conteúdo anecóico vaginal com espessamento parietal, além de suspeita de trajeto fistuloso entre ureter esquerdo e vagina, sendo inicialmente interpretado como vaginite e possível fistula ureterovaginal. Indicou-se uretrocistoscopia diagnóstica.

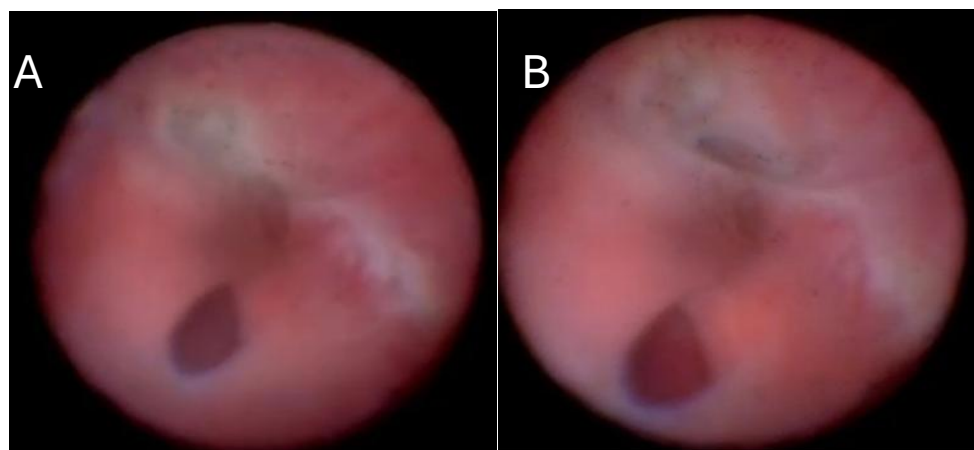
À avaliação endoscópica, observou-se hímen imperfurado, sem alterações em uretra, bexiga ou ureteres. Foi realizada perfuração endoscópica da membrana com tesoura endoscópica e dilatadores, com drenagem de conteúdo purulento e restabelecimento da comunicação vestibulovaginal. A cultura bacteriana isolou *Staphylococcus intermedius*, sensível à amoxicilina, previamente instituída, com adequada resposta clínica. No seguimento de dois anos, não houve recidiva dos sinais clínicos. A falha na canalização do hímen impede a drenagem vaginal, levando à distensão e compressão de estruturas adjacentes, justificando manifestações urinárias e interpretações equivocadas à ultrassonografia. A endoscopia permite diagnóstico direto e tratamento simultâneo, com alta taxa de sucesso e baixa morbidade.

CONCLUSÕES:

O hímen imperfurado deve ser considerado em cadelas com sinais urinários persistentes. A abordagem endoscópica é eficaz, resolutiva e minimamente invasiva.

AGRADECIMENTOS:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo - FAPES N°1584/2025 - P: 2025-8MBRH



(A) Visualização de hímen imperfurado via endoscópica. (B) Visualização do canal vagina após correção e abertura da membrana



Scan Me

QR code para acesso ao video do procedimento.



IMPACTO DE DIETAS COM DIFERENTES TEORES PROTEICOS NA PROGRESSÃO DA DOENÇA RENAL CRÔNICA EM CÃES: UM ESTUDO PROSPECTIVO

Rafaele Brandão Fonseca^{1*}, Juliana de Oliveira², Karen Coutinho-Wolino¹, Denise Mafra¹

¹Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Fisiologia) Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Departamento de Clínica Médica de Pequenos Animais Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Introdução:

A doença renal crônica (DRC) é uma condição comum em cães, e a nutrição constitui parte fundamental do manejo clínico. A International Renal Interest Society (IRIS) sugere o uso de ração renal no estágio 1 da DRC. Entretanto, as recomendações proteicas permanecem controversas, especialmente nos estágios iniciais da doença.

Objetivo:

Comparar os parâmetros de progressão da DRC em cães submetidos a diferentes níveis de ingestão proteica.

Metodologia:

Estudo longitudinal e randomizado com cães no estágio 1 da DRC, acompanhados por 3 meses. Seis pacientes foram distribuídos igualmente em dois grupos: dieta renal com ingestão proteica de 3,56 g/kg de peso metabólico (PM) e dieta renal com suplementação proteica para atingir 4,95 g/kg de PM.]

Ração Renal **Ração Renal + Suplementação**

Ingestão proteica
3,56 g/kg PM

Ingestão proteica
4,95 g/kg PM

N = 3

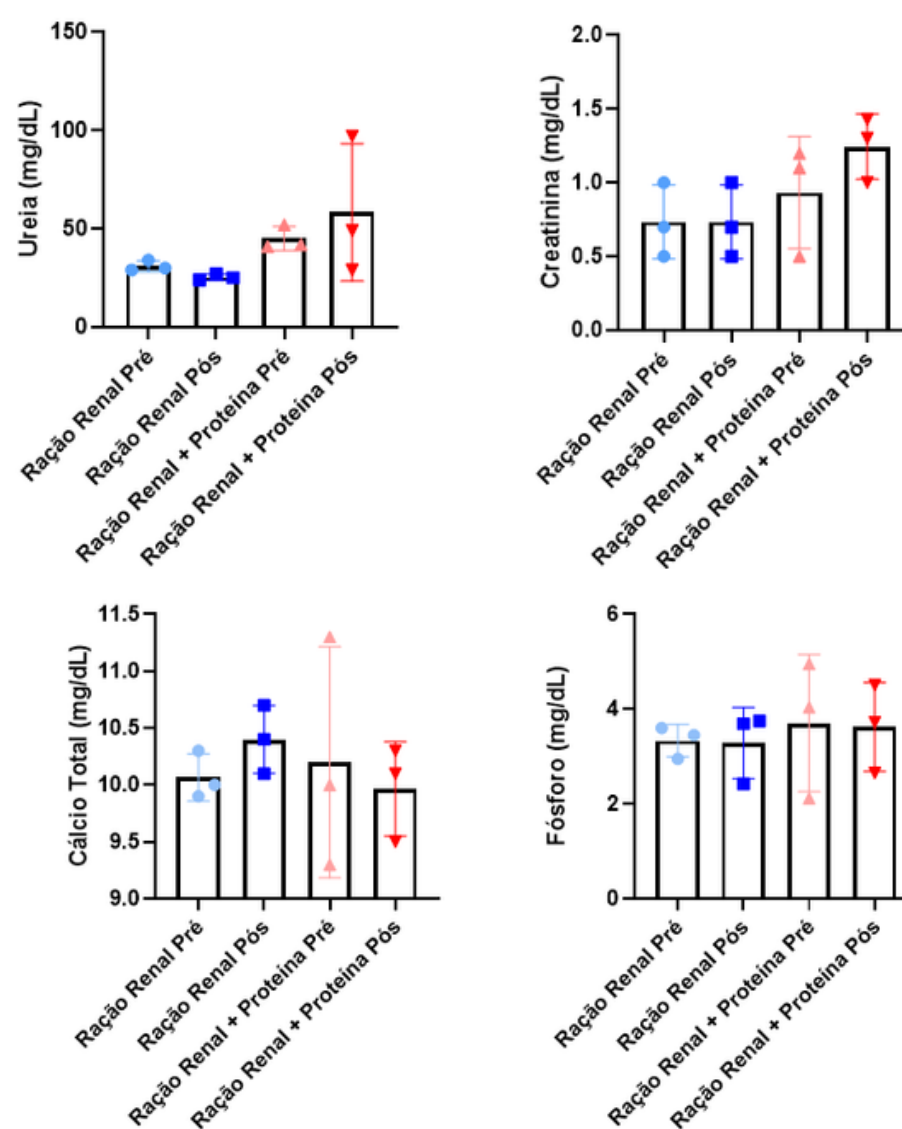
N = 3

Soro, Plasma, Urina, USC abdominal, Avaliação Clínica

CEUA n° 5797050325

Resultados:

Foram selecionados 4 fêmeas e 2 machos ($11,0 \pm 1,7$ anos; peso: $10,9 \pm 7,2$ kg). Não foram observadas diferenças significativas nos parâmetros bioquímicos avaliados, incluindo creatinina e fósforo. Entretanto, observou-se uma **tendência** de aumento nos níveis de ureia no grupo com adição proteica à dieta (de $45,0 \pm 6,0$ para $58,3 \pm 34,9$ mg/dL) e uma **tendência** de redução no grupo com ração renal (de $31,0 \pm 2,6$ para $25,3 \pm 1,5$ mg/dL).



Conclusão:

O estudo observou, até o momento, que em ambas as concentrações proteicas, não houve alterações significativas nos parâmetros de progressão da DRC.



IMPLANTAÇÃO DE DISPOSITIVO DE DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA (SIDUS) EM FELINO COM OBSTRUÇÃO URETERAL: RELATO DE CASO

ALVES, R.A.; PERES, D.C.; FONSECA, A.O.; VALCAM, D.G.; HORA, A. C.;
SENA, M.P.T.; RANGEL, M. P.
VIVACCE Medicina Veterinária, Brasília, DF, Brasil
E-mail: VIVACCE.vet@gmail.com

Introdução: A obstrução ureteral em felinos é uma afecção de elevada relevância clínica, frequentemente associada à ureterolitíase, podendo ocasionar hidronefrose, lesão renal aguda e progressão da doença renal crônica. O Sistema de Derivação Urinária Subcutânea (SIDUS) constitui alternativa cirúrgica para restabelecimento do fluxo urinário.

Objetivo: Relatar a implantação de SIDUS em felino com obstrução ureteral secundária à ureterolitíase.

Metodologia: Felino, macho, castrado, sem raça definida, nove anos, foi atendido com dor abdominal, vômitos e oligúria. Foram realizados exames laboratoriais e ultrassonografia abdominal para avaliação renal e investigação da obstrução urinária.

Resultados: A ultrassonografia evidenciou nefropatia crônica em rim esquerdo, alterações compatíveis com infarto renal e mineralização dos recessos pélvicos. No rim direito, observou-se aumento de dimensões e ecogenicidade, acentuada perda da definição corticomedular, hidronefrose importante, sedimento em pelve renal, dilatação ureteral proximal e medial, além de ureterólitos em porção medial do ureter direito. O hemograma revelou leucopenia, neutropenia absoluta e linfocitose relativa. Diante da gravidade do quadro, realizou-se implantação cirúrgica de SIDUS, com cateter de nefrostomia (Figura 2), cateter de cistostomia (Figura 1) e *Port* subcutâneo (Figura 3). O procedimento ocorreu sem intercorrências, com confirmação ultrassonográfica da permeabilidade do sistema. No pós-operatório, o paciente apresentou estabilidade clínica, manutenção do fluxo urinário e redução da dilatação pélvica.



Figura 1: Cateter de cistostomia



Figura 2: Cateter de nefrostomia



Figura 3: *Port* subcutâneo

Discussão: O SIDUS possibilitou descompressão urinária efetiva, favorecendo recuperação clínica e preservação da função renal.

Conclusão: A implantação do SIDUS mostrou-se eficaz e segura no manejo da obstrução ureteral felina, especialmente quando instituída precocemente.

ÍNDICE MULTIFATORIAL DE BIOMARCADORES RENAIIS PARA PREDIÇÃO DE DESFECHOS NA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

Felipe S. Muniz¹, Adriane P. Costa-Val², Júlio C. C. Veado², Vitor M. Ribeiro³

¹Hospital Veterinário - Departamento de Clínica e Cirurgia UFMG | ²Escola de Veterinária UFMG | ³Santo Agostinho Hospital Veterinário, Belo Horizonte, MG, Brasil

*felipemuniz_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Os cães são o principal reservatório de *Leishmania infantum*, causadora da leishmaniose visceral canina (canL), uma doença multissistêmica incurável que leva à morte quando não tratada. Nos cães, durante a doença, os rins são frequentemente afetados pela deposição de complexos antígeno/anticorpo nas estruturas renais e por um intenso infiltrado inflamatório de plasmócitos.

O objetivo deste estudo é desenvolver um índice quantitativo multifatorial que inclua biomarcadores de lesão renal para avaliar o dano renal em cães naturalmente infectados com *L. infantum*.

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento retrospectivo analisando os prontuários médicos de 165 cães, naturalmente infectados com *L. infantum*, em diferentes estágios de leishmaniose canina (CanL), em clínicas veterinárias particulares em Belo Horizonte - MG. Os cães foram classificados em cinco grupos, considerando sua condição clínica (Tabela 1).

Grupo	Descrição
Grupo controle (GC)	Cães sem alterações clínicas, submetidos apenas a acompanhamento clínico.
Grupo de baixo risco (LRG)	Cães que estavam em acompanhamento clínico, mas apresentaram alterações clínicas leves.
Grupo de risco intermediário (IRG)	Cães que necessitaram de hospitalização para controle de alterações clínicas moderadas.
Grupo de alto risco (HRG)	Cães que necessitaram de hospitalização para controle de alterações clínicas importantes.
Grupo óbito (DG)	Cães que vieram a óbito dentro de 48 horas após a realização dos exames.

O Modelo Linear Generalizado foi ajustado com a distribuição de Poisson para criar o índice. A qualidade dos modelos foi quantificada utilizando o Critério de Informação de Akaike (AIC), a correlação de Pearson entre o índice observado e o índice estimado pelo modelo e o Pseudo Coeficiente de Determinação de McFadden (R²).

O modelo mais parcimonioso foi aquele com o menor número de variáveis significativas e que apresentou o menor valor de AIC e os maiores valores de correlação de Pearson e R².

O modelo que incluiu ureia sérica (mg/dL), globulina sérica (g/dL), hematócrito (HTC) e relação proteína/creatinina urinária (RPCU) apresentou os melhores valores de índice de qualidade, sendo descrito na modelagem matemática:

$$\text{Índice} = \exp(0.0081 \cdot \text{UREA} - 0.041 \cdot \text{HTC} - 0.080 \cdot \text{RPCU} + 0.102 \cdot \text{GLOBULINA})$$

RESULTADOS

A variação do índice nos cinco grupos que consideraram a condição clínica do paciente.

GRUPO	MENOR	MAIOR	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
CONTROLE	0,19	0,41	0,31	0,07
RISCO BAIXO	0,19	0,85	0,45	0,23
RISCO INTERMEDIÁRIO	0,26	3,06	1,37	0,96
RISCO ALTO	1,24	11,05	3,83	3,76
ÓBITO	1,71	40,38	8,86	13,93

DISCUSSÃO

De acordo com o ponto de vista clínico e o índice sugerido, um cão com índice entre 0 e 0,5 apresenta baixo risco de hospitalização (6%), risco moderado de desenvolver lesão renal aguda (LRA) (41%) e nenhum risco de óbito (0%). Pacientes com índice entre 0,51 e 1,0 apresentam risco moderado de hospitalização (33%), risco significativo de desenvolver LRA (67%) e nenhum risco de óbito (0%). Cães com índice entre 1,1 e 3,0 têm alta probabilidade de necessitar de hospitalização e desenvolver LRA (100%) e baixo risco de óbito (10%). Pacientes com índice entre 3,1 e 5,0 têm alta probabilidade de necessitar de hospitalização e desenvolver LRA (100%) e risco moderado de óbito (50%). Cães com índice superior a 5,0 apresentam risco iminente de óbito.

0 - 0,5	0%	DE MORTES	1,1 - 3,0	100%	INTERNAÇÃO
0 - 0,5	6%	INTERNAÇÃO	1,1 - 3,0	100%	IR
0 - 0,5	41%	IR	3,1 - 5,0	50%	DE MORTES
0,51 - 1	0%	DE MORTES	3,1 - 5,0	100%	INTERNAÇÃO
0,51 - 1	33%	INTERNAÇÃO	> 5,0	100%	IR
0,51 - 1	67%	IR	> 5,0	100%	DE MORTES
1,1 - 3,0	10%	DE MORTES	> 5,0	100%	INTERNAÇÃO

CONCLUSÃO

O índice apresentado fornece uma base para a previsão de desfechos que se correlaciona fortemente com lesão renal aguda (LRA) e óbito em leishmaniose cutânea. O índice sugerido é simples e pode ser aplicado com base nas informações coletadas na primeira hora de internação. Quando utilizado em conjunto com outras avaliações clínicas, o índice pode fornecer uma ferramenta prognóstica precisa para auxiliar na decisão sobre o início e/ou a escolha da terapia. O índice pode ser usado como um parâmetro objetivo para comparar a gravidade da doença entre diferentes populações.

INJÚRIA RENAL AGUDA SECUNDÁRIA À RABDOMIÓLISE TRAUMÁTICA EM CÃO – RELATO DE CASO

Carvalho, F.F.*; Martorelli, C.R.; Giovaninni, L.H.

Centro Veterinário de Nefrologia e Urologia – UNICPET

Introdução:

A rabdomiólise traumática, também denominada síndrome de esmagamento, resulta de lesão aguda de miócitos esqueléticos. A mioglobulinemia pode levar ao desenvolvimento de injúria renal aguda (IRA) por toxicidade direta às células tubulares, levando à necrose epitelial tubular e formação de cilindros intratubulares. Em cães, a IRA por nefrotoxicidade apresenta prognóstico ruim, e a demora na tomada de decisões comumente acarreta óbito.

Objetivo:

Relatar um caso de injúria renal aguda decorrente de mioglobinúria por rabdomiólise traumática em um cão, abordando a importância do diagnóstico precoce, associado ao manejo terapêutico embasado no estadiamento da IRA.

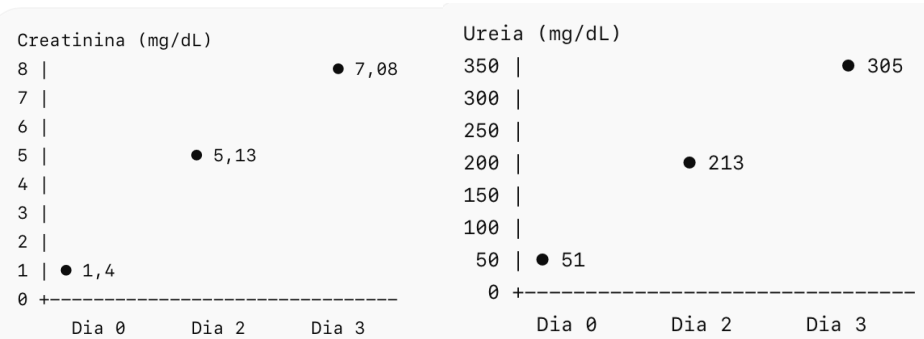
Metodologia:

Descrição de caso clínico de IRA por nefrotoxicidade, no qual diagnóstico e decisões de tratamento embasadas no estadiamento, modificaram prognóstico e melhoraram desfecho.

Resultados:

Cão macho, sem raça definida, 8 anos (13,3 kg), foi atendido após acidente grave por mordedura, apresentando extensa lesão no membro torácico direito e fratura exposta de rádio e ulna no dia zero. Após estabilização, realizou-se amputação do membro afetado (dia zero). No pré-operatório, creatinina e ureia séricas eram de 1,4 e 51 mg/dL, respectivamente. Nas primeiras 24 horas (dia 1) do pós-operatório o paciente desenvolveu oligúria, seguida de aumento progressivo de creatinina (5,13 mg/dL), ureia (213 mg/dL) e creatina quinase (19.185 U/L),

confirmando rabdomiólise no dia 2, e IRA-estágio 4 (IRIS, 2023), subestadiamento-oligúria, e como a etiologia fora associada à nefrotoxicidade (mioglobinúria), também se considerara o subestadiamento-necessidade de terapia de reposição renal. No dia 3 houve aumento dos valores séricos de ureia e creatinina de 7,08 e 305 mg/dL (gráfico 1 e 2), respectivamente, e foi indicado e realizado hemodiálise (2 sessões – dia 6 e 8).



Valores de creatinina e ureia sérica (mg/dL) nos dias 0, 2 e 3.

Deste modo, o tratamento envolveu terapia de suporte e hemodiálise intermitente. A evolução foi positiva, ocorrendo normalização da função renal, e alta médica (dia 13), inclusive com sobrevida superior a 30 dias.

Conclusão:

A IRA cuja etiologia tem origem renal (nefrotoxicidade) necessita de estadiamento adequado, a fim de que prognóstico e desfecho sejam melhores.

Referências:

CHEN, H.; AROCH, I.; SEGEV, G. Acute kidney injury secondary to traumatic rhabdomyolysis in a dog. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, p. 1–6, 2018.

DEVALL, V.C.; GOGGS, R.; HANSEN, C.; FRYE, C.W.; LETENDRE, J.A.; WAKSHLAG, J. Serum myoglobin, creatine kinase, and cell-free DNA in endurance sled dogs and sled dogs with clinical rhabdomyolysis. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, p. 1–7, 2018.

GENTHON, A.; WILCOX, S. R. Crush syndrome: a case report and review of the literature. **The Journal of Emergency Animal**, vol. 46, n.2, p. 313-319, 2014.

GREAVES, I.; PORTER, K.; SMITH, J. Consensus statement on the early management of crush injury and prevention of crush syndrome. **BMJ J R Army Med Corps**. vol. 149, n. 4, p. 255–259, 2003.

NAYAK, S.; JINDAL, A. Myoglobinuria and Acute Kidney Injury, **Journal of Integrative Nephrology and Andrology**, vol. 2, p.50-54, 2015.

ROSS, L. Acute kidney injury in dogs and cats. **Veterinary Clinics of Small Animal**, vol. 41, p. 1-14, 2011.

SANTIFORT, K.M.; PLONEK, M.; MANDIGERS, P.J.J. Clinical Diagnosis of Rhabdomyolysis without Myoglobinuria or Electromyographic Abnormalities in a Dog. **Animals**, vol. 13, p. 1-7, 2023.

PANIZO, N.; NAVARRO, A. R.; VILLALOBOS, J.M.A.; EGIDO, J.; MORENO, J.A. Molecular Mechanisms and Novel Therapeutic Approaches to Rhabdomyolysis-Induced Acute Kidney Injury. **Kidney Blood Pressure Research**, vol. 40, p. 520-532, 2015.

INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA ASSOCIADA À UROLITÍASE URETERAL BILATERAL EM CANGURU VERMELHO (*Osphranter rufus*) - RELATO DE CASO

Jordana Barros^{1*}, Laura Reisfeld¹, Paloma Canedo¹, Islene Silva¹

¹Aquário de São Paulo, São Paulo, Brasil

*E-mail: jordana.barros@aquariodesaopaulo.com.br

INTRODUÇÃO

A urolitíase é caracterizada pela formação de cálculos no trato urinário, podendo causar obstrução e, conseqüentemente, a insuficiência renal aguda. Há poucos relatos na literatura sobre doença renal em marsupiais, como os cangurus, dificultando o diagnóstico e manejo clínico.

OBJETIVO

Relatar um caso de insuficiência renal aguda secundária a urolitíase ureteral bilateral em canguru vermelho (*Osphranter rufus*), abordando achados clínicos, laboratoriais e necroscópicos.

RELATO DE CASO

Uma fêmea de canguru vermelho de quatro anos, apresentou episódio de ataxia e convulsões, necessitando de tratamento emergencial e suporte intensivo (Figura 1). Exames indicaram principalmente urolitíase, hidronefrose e arritmia cardíaca, além de azotemia e hipercalemia importante na bioquímica sérica. Apesar de tratamento intensivo com infusão de solução glicofisiológica 5% intravenosa, gluconato de cálcio, insulina, antibiótico e diuréticos, oligúria e deterioração clínica persistiram. Após avaliação clínica e de bem-estar, foi optado pela eutanásia. Na necropsia, visualizou-se obstrução proximal por cálculo ureteral (Figura 2) em ambos os rins, hidronefrose acentuada e perda significativa de parênquima renal (Figura 3). Os urólitos analisados eram compostos por carbonato de cálcio e fosfato de magnésio e amônio.

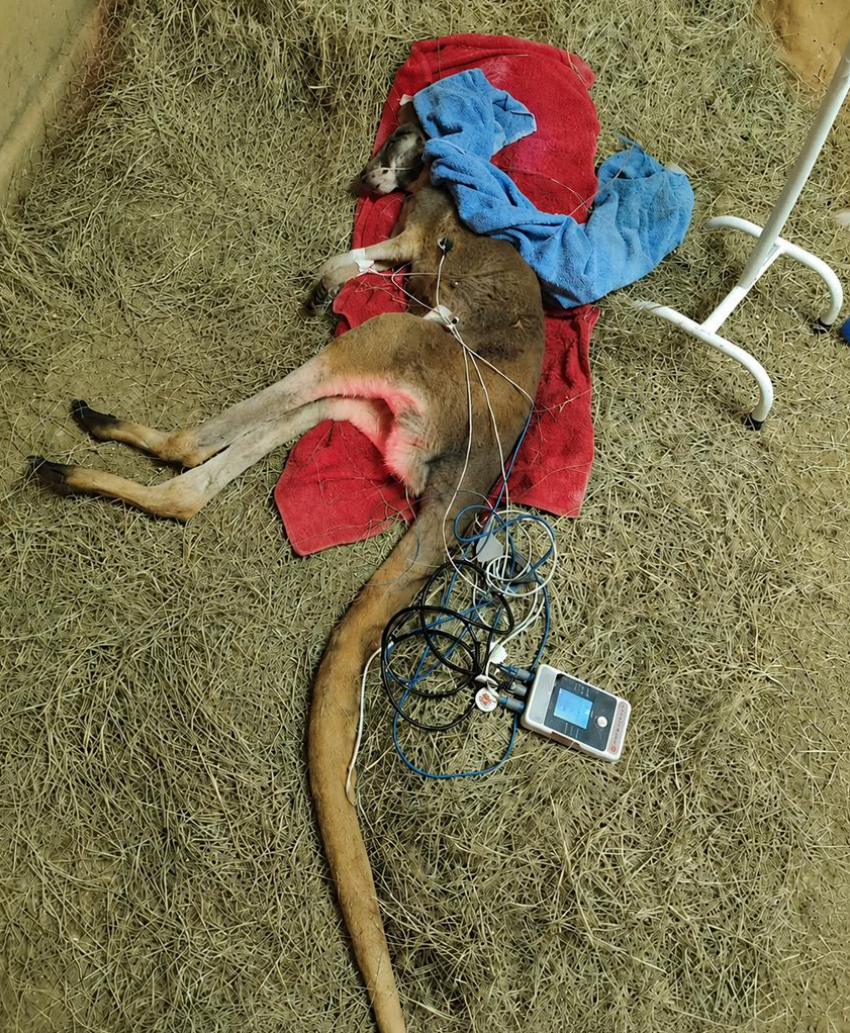


Figura 1: Animal em suporte intensivo com monitoramento e acesso venoso.

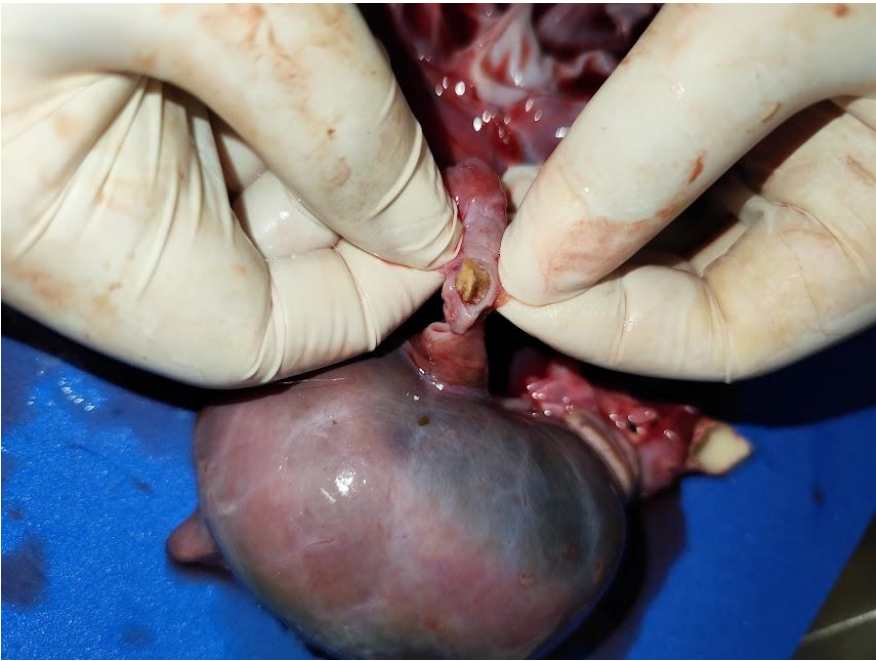


Figura 2: Cálculo ureteral em rim direito na necrópsia.



Figura 3: hidronefrose acentuada em rim direito com perda significativa em parênquima renal.

DISCUSSÃO

A obstrução ureteral bilateral acarretou o quadro de insuficiência renal aguda, com evolução rápida e irreversível. A hipercalemia foi determinante para as arritmias cardíacas, podendo ter causado sinais neurológicos iniciais. Provavelmente, a encefalopatia urêmica provocou o quadro convulsivo. A composição dos cálculos sugere possível influência de fatores metabólicos ou dietéticos na sua formação.

CONCLUSÃO

O manejo dietético em cangurus pode auxiliar na prevenção de urolitíase em cangurus, precavendo casos de obstrução e insuficiência renal aguda.

ISOLAMENTO DE *STENOTROPHOMONAS MALTOPHILIA* EM CÃO COM
ALTERAÇÃO CRÔNICA EM PACIENTE FILHOTE: RELATO DE CASO

Maria Alice S. Rocha¹, Yury C. C. Andrade^{2*}, Karla Karielly Soares de Pontes Medeiros³, Michelli Westphal de Ataíde⁴

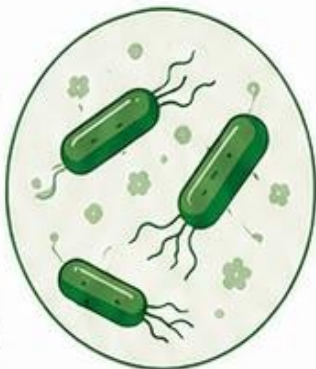
¹Clinica Save Especialidades Veterinárias. Passo Fundo-RS; ²PRENORBIO/UECE, Fortaleza-CE; ³Cuidar Clínica Veterinária. Campina Grande-PB, ⁴Dra em ciências veterinárias UFSM. Clínica SAVE Especialidades. Passo Fundo-RS.

*E-mail: yurycarantinocosta@gmail.com



INTRODUÇÃO

Infecções do trato geniturinário são comuns. Entretanto, agentes incomuns como *Stenotrophomonas maltophilia*, um bacilo Gram-negativo, não fermentador, oportunista, associado à elevada resistência antimicrobiana, ainda são raramente descritos na literatura.





OBJETIVO

Descrever um caso incomum de cistite bacteriana por *Stenotrophomonas maltophilia* associada à displasia renal juvenil em um cão.



METODOLOGIA – PACIENTE



Paciente

Canino
Macho, 3 meses de idade



Sinais clínicos

- Emagrecimento progressivo
- Hematúria
- Polaciúria
- Urina com odor fétido



Evolução

Aproximadamente 15 dias



Histórico

Episódios prévios de cistite

Uso anterior de amoxicilina + clavulanato de potássio

RESULTADOS

UROCULTURA

Isolamento de *Stenotrophomonas maltophilia*

↓

TRATAMENTO

Sulfametoxazol + Trimetoprim
Via oral – 21 dias

↓

DESFECHO

Remissão dos sinais clínicos e melhora clínica satisfatória



METODOLOGIA – EXAMES

Exames realizados

- Ultrassonografia abdominal
- Hemograma
- Perfil eletrolítico completo
- Urinálise
- Urocultura com antibiograma

Principais achados

Hemograma e bioquímica

- Anemia normocítica hipocrômica
- Azotemia
- Hipocalcemia
- Hiperfosfatemia

Ultrassonografia

Perda da definição córtico-medular renal

Urinálise

Isostenúria

Urocultura

Isolamento de *Stenotrophomonas maltophilia*, sensível a sulfametoxazol + trimetoprim



DISCUSSÃO

Stenotrophomonas maltophilia é um patógeno oportunista emergente e incomum em infecções urinárias de cães.

Sua ocorrência está frequentemente associada a doenças de base, uso prévio de antimicrobianos ou alterações anatômicas e funcionais do trato urinário.

Neste caso, a displasia renal juvenil e o histórico de antibioticoterapia prévia podem ter contribuído para a colonização e persistência do agente.

A cultura e o antibiograma foram fundamentais para a escolha terapêutica adequada.



CONCLUSÃO

A identificação precoce do agente etiológico e a realização de testes de suscetibilidade antimicrobiana foram fundamentais para o sucesso terapêutico.

O caso reforça a importância da investigação microbiológica em infecções urinárias recorrentes ou atípicas.

As imagens foram produzidas com auxílio de ferramentas de IA e posteriormente revisadas e validadas pelos autores.



KIM-1 URINÁRIA COMO BIOMARCADOR SENTINELA: IDENTIFICAÇÃO DE LESÃO RENAL AGUDA SUBCLÍNICA EM FELINOS COM OBSTRUÇÃO URETRAL



Francisco A.F Xavier Júnior^{1,4*}, Steffi L. Araujo², Thyago H.S. Pereira³, Yury C.C. Andrade⁴, Ana R.A. Pinheiro,⁵ Tiago L. Sampaio⁶, Alice M.C. Martins⁶, Nina B. Moraes², Isaac N.G. Silva^{2,5}, Janaina S.A.M. Evangelista ^{2,5}

¹CECITEC/UECE, Tauá, CE; ²Faculdade de Veterinária/UECE, Fortaleza, CE; ³UFRA, Belém, PA; ⁴RENORBIO/UECE, Fortaleza, CE; ⁵PPGV/UECE, Fortaleza, CE; ⁶UFC, Fortaleza, CE.

*E-mail: felix.júnior@uece.br

Introdução



LRA em gatos é frequentemente subdiagnosticada



KIM-1 é liberada na urina após lesão tubular, aumentando antes da azotemia.



Creatinina e ureia são marcadores tardios e pouco sensíveis.



Biomarcador promissor para detecção precoce de injúria renal.



Objetivo



Avaliar a eficácia da KIM-1 urinária como marcador sentinela para detecção de lesão tubular precoce em gatos obstruídos não-azotêmicos.

Metodologia



Amostra:

16 gatos machos (*Felis catus*) divididos em:

- GC (n=8): saudáveis
- GOU (n=8): obstrução uretral não azotêmico.



Coletas:

Sangue (veia jugular) e urina (cistocentese).



Análises:

sCreatinina, ureia, DU, KIM-1 urinária (ELISA sanduíche)



Análise estatística:

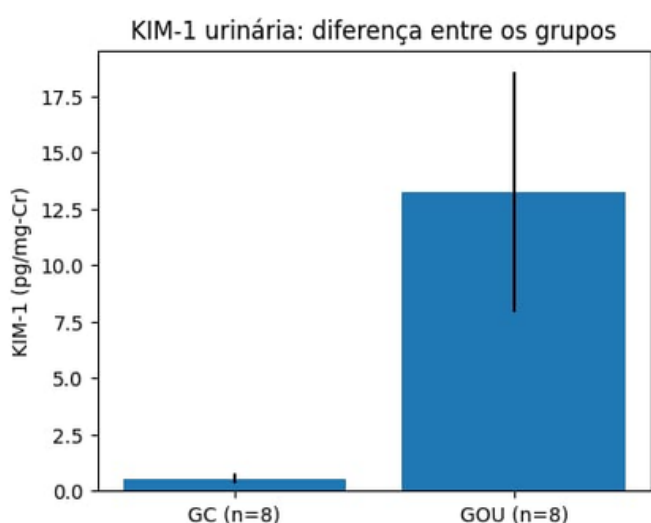
Mann-Whitney
P < 0,05.



Resultados



Parâmetro	GC (n=8)	GOU (n=8)	p-valor
sCreatinina (mg/dL)	1,45 ± 0,05	1,33 ± 0,15	0,1026
Ureia (mg/dL)	45,25 ± 10,89	46,25 ± 7,82	0,8180
Densidade urinária	1,053 ± 0,009	1,025 ± 0,012	0,002*
KIM-1 (pg/mg-Cr)	0,55 ± 0,22	13,25 ± 5,31	<0,001*



↑ 24 x
aumento médio da KIM-1 urinária no GOU em relação ao GC

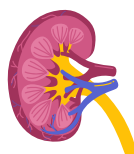
KIM-1 urinária foi significativamente maior no GOU, mesmo na ausência de azotemia,



Discussão



KIM-1 urinária aumentou ~24 vezes no grupo GOU (p < 0,001).



Creatinina e ureia não diferiram entre os grupos.



Densidade urinária foi menor no GOU (p=0,002).



Lesão tubular detectada antes da azotemia.

Conclusão



A KIM-1 urinária mostrou-se um biomarcador precoce e sensível de lesão tubular renal em gatos com obstrução uretral não azotêmicos, permitindo intervenção terapêutica antecipada e auxiliando no monitoramento da progressão da doença.

Agradecimentos



Referências



LINFOMA RENAL DE GRANDES CÉLULAS B EM PACIENTE CANINO: relato de caso

Mayara Maíra Lima Andrade, Leonardo Toshio Oshio
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC – Juiz de Fora/MG

Introdução

- Linfoma renal primário: <1% dos linfomas não Hodgkin;
- Frequentemente confundido com carcinoma renal;
- Diagnóstico definitivo por histopatologia.

Objetivo

- Relatar um caso de linfoma renal primário em cão.

Relato de caso

- Cão SRD, macho, 9 anos, 25 kg;
- Náusea, desconforto abdominal;
- Alterações em rim esquerdo e baço na USG; (imagem 1)
- Nefrectomia esquerda e esplenectomia; (Imagem2)
- Histopatologia: Linfoma Renal de Grandes Células B;

- Ausência de linfonodomegalia periférica;
- Protocolo CHOP;
- Insuficiência renal aguda grave;
- Transfusão sanguínea e hemodiálise;
- Ausência de resposta ao tratamento;
- Eutanásia 35 dias após o USG.



Imagem 1
USG
abdominal



Imagem 2
Rim e
baço

Conclusão

- Doença rara e agressiva;
- Diagnóstico precoce é desafiador;
- Prognóstico desfavorável.

LÍQUIDO SUBCAPSULAR RENAL COMO ACHADO SUGESTIVO DE PIELONEFRITE EM GATO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA – RELATO DE CASO

Luany A. de Oliveira^{1*}, Juliana de P. Nhanhareli²

¹Médica veterinária clínica no Hospital veterinário da Universidade Santo Amaro (UNISA)

²Docente Me. Juliana de Paula Nhanhareli na Universidade Santo Amaro (UNISA)

Introdução: A doença renal crônica (DRC) é frequente em gatos geriátricos e pode evoluir com agudizações associadas a infecções do trato urinário superior.

Objetivo: correlacionar achados ultrassonográficos com o quadro de pielonefrite.

Relato de caso: Relata-se o caso de uma gata sem raça definida, 15 anos, castrada, previamente diagnosticada com DRC estágio II, normotensa e não proteinúrica (seguindo as diretrizes da International Renal Interest Society). A paciente apresentou quadro agudo de êmese e anorexia. Nos exames laboratoriais observou-se azotemia importante, com creatinina de 5,7 mg/dL e ureia de 189 mg/dL, além de densidade urinária de 1,012 e bacteriúria acentuada na sedimentoscopia. Na ultrassonografia abdominal, o rim direito apresentava-se atrofiado, com perda da arquitetura interna, medindo 1,94 cm. O rim esquerdo possuía dimensões preservadas, medindo 3,73 cm, porém com aumento da ecogenicidade, diminuição da definição corticomedular e discreta mineralização dos recessos pélvicos, observou-se ainda líquido homogêneo circundando a silhueta renal esquerda, sem pielectasia. Houve resolução do líquido subcapsular após o tratamento com marbofloxacina por 15 dias.

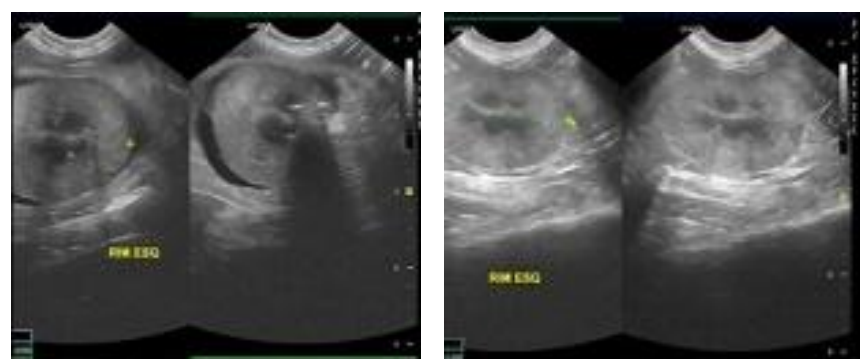


Figura 1- Aspectos ultrassonográficos do rim esquerdo no início do tratamento (A) e após o término do tratamento (B). Fonte: Hospital Veterinário Universidade Santo Amaro; Arquivo pessoal.

Conclusão: Alterações ultrassonográficas como perda da arquitetura renal, redução das dimensões renais e coleções líquidas perirrenais são descritas em gatos com DRC e processos inflamatórios do trato urinário superior, podendo estar relacionadas à pielonefrite e à lesão renal aguda. Neste caso, a associação entre bacteriúria, uremia acentuada e alterações ultrassonográficas sugere processo infeccioso ascendente como possível desencadeante da descompensação clínica e laboratorial. Ressalta-se, portanto, a importância da ultrassonografia associada à urinálise na investigação de episódios de agudização em gatos nefropatas.

Referências: Debruyne K, Haers H, Combes A, Paepe D, Peremans K, Vanderperren K, Saunders JH. Ultrasonography of the feline kidney: Technique, anatomy and changes associated with disease. J Feline Med Surg. 2012 Nov;14(11):794-803. doi: 10.1177/1098612X12464461. PMID: 23087005; PMCID: PMC11112170.

MINERALIZAÇÃO PRECOCE DA DERIVAÇÃO URINÁRIA SUBCUTÂNEA BILATERAL EM FELINO - RELATO DE CASO

Ana C. Abrahão¹, Suellen R. Maia², Leandro Z. Crivellenti³, Thiago C. Nunes¹

1. Uberaba, Minas Gerais, Brasil

2. Instituto Federal do Sul de Minas, Campus Muzambinho

3. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A obstrução ureteral em gatos pode levar a complicações e a intervenção cirúrgica muitas vezes se faz necessária. A derivação urinária subcutânea (SUB) é considerada mais segura e eficaz [1]. O objetivo do trabalho é relatar o caso de um felino com obstrução ureteral bilateral submetida à implantação do SUB.

RELATO DE CASO

Um felino, dois anos, apresentou alterações ultrassonográficas de dilatação de pelve renal esquerda com presença de 2 ureterólitos. Animal foi submetido a ureterotomia esquerda. Em um mês evoluiu para hidronefrose bilateral por ureterolitíase bilateral, necessitando do SUB.

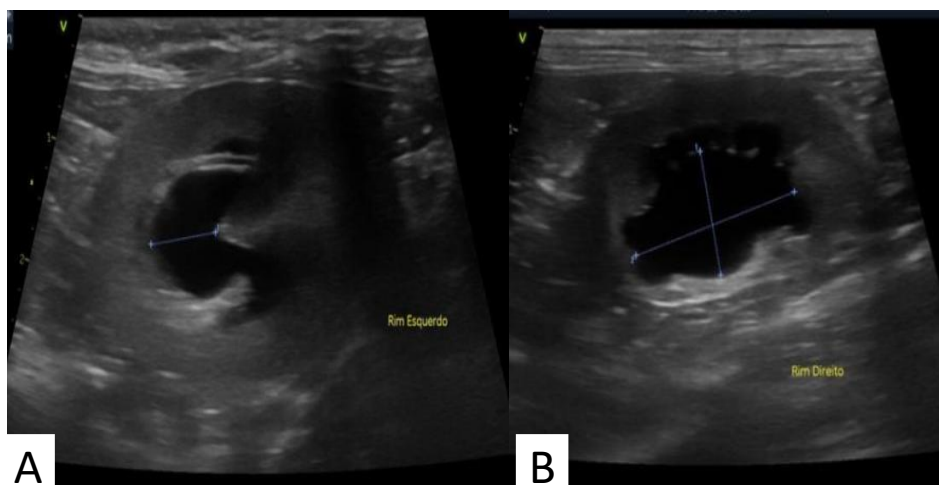


Figura 1: Imagem de ultrassom antes da implantação do SUB. (A) Hidronefrose esquerda. (B) Hidronefrose direita

No intervalo de 27 dias de implantação, foram necessárias duas lavagens do SUB com TetraEDTA para reestabelecer o fluxo urinário, devido à intensa presença de sedimentos e dilatação de pelve renal bilateral. Após 2 meses, foi realizada a terceira lavagem do sistema, na qual já apresentava melhora nos sedimentos.

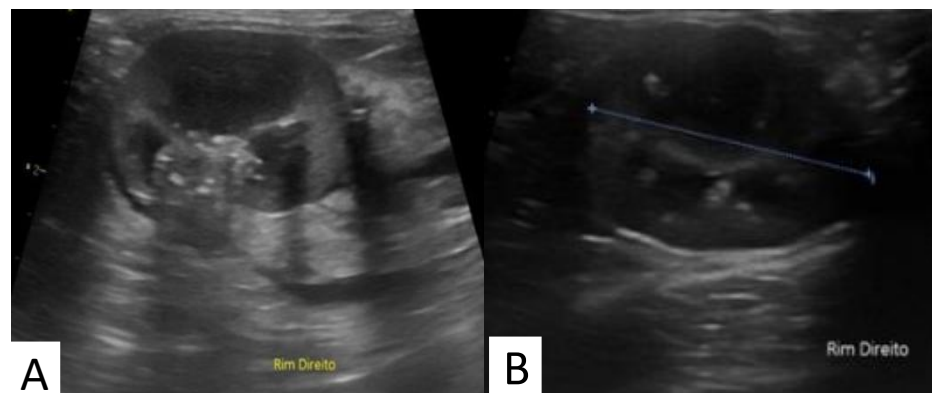


Figura 2: Imagem de ultrassom renal direito. (A) Rim direito antes da primeira lavagem do SUB. (B) Rim direito após terceira lavagem do SUB.

CONCLUSÃO

O acompanhamento seriado foi fundamental para diagnóstico precoce de mineralização do SUB, tornando o tratamento clínico eficaz sem necessidade de sua retirada.

REFERÊNCIA

- MAGIDENKO, Steven R. et al. The Subcutaneous Ureteral Bypass 3.0 device shows improved short-term outcomes compared to the 2.0 device for treatment of benign ureteral obstructions in cats. **American Journal of Veterinary Research**, v. 86, n. 5, 2025.

MUDANÇA TEMPORAL NO PERFIL DE SUSCETIBILIDADE ANTIMICROBIANA DE PATÓGENOS URINÁRIOS CANINOS (2017–2024): EVIDÊNCIAS DE RESISTÊNCIA EMERGENTE AOS CARBAPENÊMICOS

Felipe S. Muniz¹, Fernanda T. G. Knecht², Izadora Bezerra³, Eliara Martins³

¹Docente do curso de Medicina Veterinária Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte, MG, Brasil | ²Clínica Veterinária Prisma Vet, Belo Horizonte, MG, Brasil | ³Discente do curso de Medicina Veterinária Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte, MG, Brasil

*felipemuniz_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

As cistites bacterianas em cães são impulsionadores críticos do uso de antimicrobianos.

O monitoramento da resistência é essencial para o *stewardship* clínico e segurança em Saúde Única.

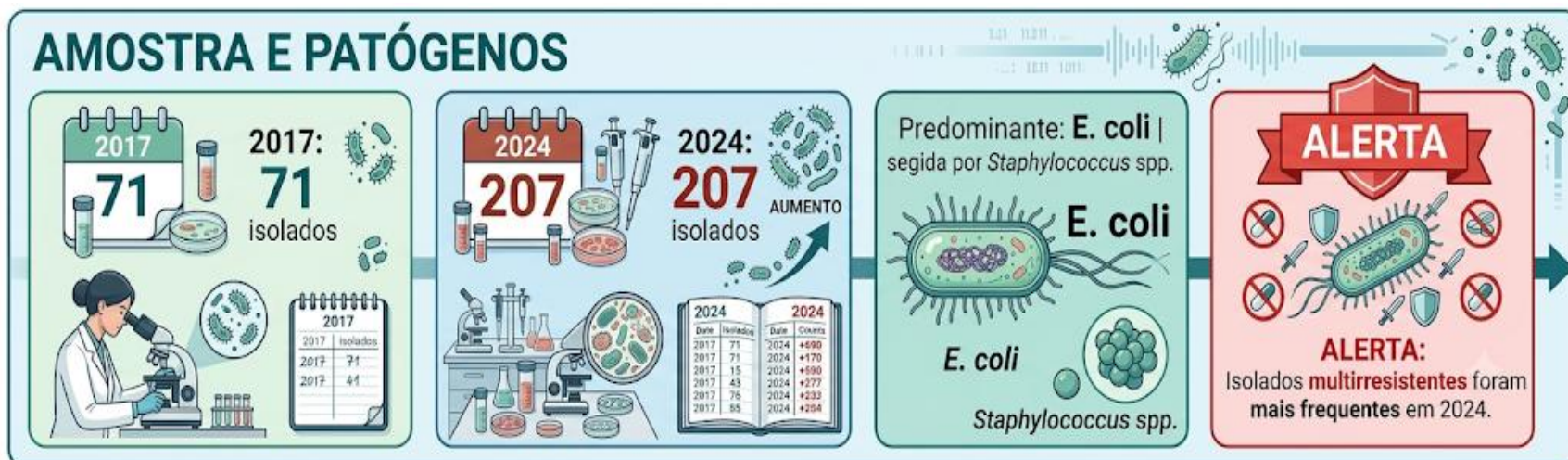
Objetivo: Comparar o perfil de suscetibilidade de isolados urinários caninos entre 2017 e 2024 em Belo Horizonte, Brasil.

METODOLOGIA

Estudo retrospectivo analisando registros de uroculturas de cães com sinais clínicos de cistite, coletadas exclusivamente por cistocentese.

A identificação bacteriana e o teste de suscetibilidade (TSA) foram realizados em dois períodos: 2017 (n=71 isolados) e 2024 (n=207 isolados). Os perfis foram comparados mediante análise descritiva das frequências de sensibilidade.

AMOSTRA E PATÓGENOS



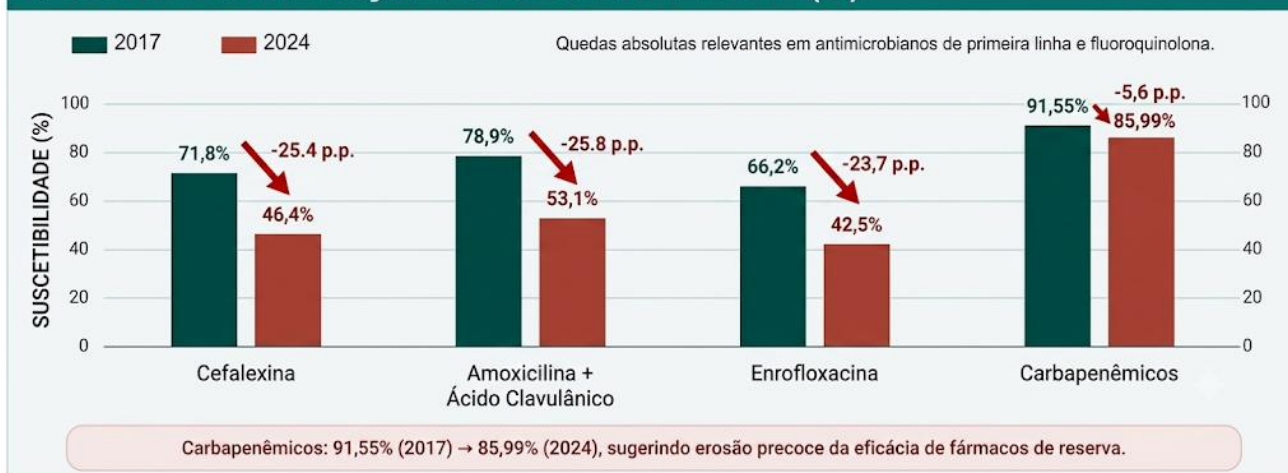
RESULTADOS

Escherichia coli foi o patógeno predominante em ambos os períodos, seguida por *Staphylococcus* spp.

Observou-se uma redução acentuada na suscetibilidade para antimicrobianos de primeira linha em 2024: cefalexina (de 71,8% para 46,4%) e amoxicilina com clavulanato (de 78,9% para 53,1%), bem como na enrofloxacina (de 66,2% para 42,5%).

Embora a eficácia dos carbapenêmicos (imipenem e meropenem) permaneça alta, verificou-se uma redução absoluta de 5,6% na suscetibilidade geral (91,55% em 2017 vs. 85,99% em 2024), indicando uma erosão precoce na eficácia de fármacos de reserva. Isolados multirresistentes apresentaram-se mais frequentes no levantamento recente.

RESULTADOS: REDUÇÃO DA SUSCETIBILIDADE (%)



CONCLUSÃO

Os dados revelam uma deterioração temporal da eficácia antimicrobiana, com redução emergente da sensibilidade aos carbapenêmicos. Estes achados reforçam a necessidade crítica de urocultura e TSA pré-tratamento, além da interpretação rigorosa da Concentração Inibitória Mínima (CIM) para reduzir risco de disseminação de resistência em contexto One Health e preservar opções terapêuticas de última linha na medicina veterinária.

Palavras-chave: urocultura; TSA; *Escherichia coli*; stewardship; concentração inibitória mínima.

OBSTRUÇÃO URETRAL MULTIFATORIAL EM CÃO ASSOCIADA À INFECÇÃO URINÁRIA POR *STAPHYLOCOCCUS SPP.*, HIPERPLASIA PROSTÁTICA CÍSTICA E ERLIQUIOSE: RELATO DE CASO

Carolina Martinelli¹, Juliano Jácomo¹, Jiuliany B. Colatto¹, Lorena L. Fiorotti^{2*}, Pietra S. Galimberti¹

¹Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV), Espírito Santo, Brasil.

²Universidade Vila Velha (UVV), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

*E-mail: fiorottilorena@gmail.com

INTRODUÇÃO

A obstrução uretral em cães é uma emergência frequentemente associada à urolitíase, infecções urinárias, alterações prostáticas e doenças sistêmicas, que podem atuar como fatores predisponentes e agravantes do quadro clínico.

OBJETIVO

Descrever um caso de obstrução uretral multifatorial em cão, destacando os desafios diagnósticos, terapêuticos e evolutivos.

RELATO DE CASO

Cão, macho, 6 anos, com obstrução uretral, azotemia severa, hipercalemia, infecção urinária, erliquiose e alterações prostáticas. Após falha na desobstrução por sondagem, foi submetido à PCCL associada à uretrotomia.



Figura 1. Uretra obstruída.

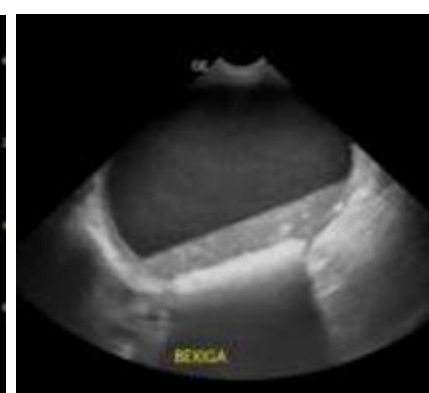


Figura 2. Urólitos vesicais.



Figura 3. Exame radiográfico.



Figura 4. PCCL.

No pós-operatório, apresentou atonia vesical transitória, com recuperação da micção e evolução clínica favorável após 30 dias.

CONCLUSÃO

A abordagem integrada da obstrução uretral e de suas comorbidades permitiu evolução clínica favorável, destacando a importância do diagnóstico precoce e do acompanhamento para prevenção de recidivas.

OBSTRUÇÃO URINÁRIA POR CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS URETRAL E RETAL EM FELINO

Carolina Grecco Grano Bordini¹, Marcos Vinicius Souza², Nazilton de Paula Reis Filho³

¹ Médica Veterinária Dr^a - Urovet, Londrina/PR

² Médico Veterinário Especializado em Oncologia, Londrina/PR

³ Médico Veterinário Dr. - PetOncologia, Londrina/PR

e-mail: carol_grano@hotmail.com

Introdução

As obstruções urinárias em felinos machos são frequentes na clínica veterinária, enquanto em fêmeas ocorrem raramente. As principais causas incluem cálculos urinários, tampões de muco, inflamações, estenoses uretrais e, menos frequente, neoplasias. O diagnóstico e manejo são fundamentais para preservar a saúde e evitar recidivas.

Objetivo

Relatar o caso de uma paciente felina, 16 anos, fêmea castrada, SRD, 3,32kg, FIV/FelV negativos atendida com histórico de quadro de constipação há 7 meses, com infecção do trato urinário inferior (ITU) multirresistente e estrangúria há 2 dias (Figura 1).

Figura 1: Imagens radiográficas abdominais da paciente felina, SRD, 16 anos, com quadro de tenesmo e estrangúria. A- Latero-lateral. B- Ventro-dorsal.



Fonte: Arquivo pessoal

Relato de caso

Paciente foi internada e anestesiada para realização de enema e sondagem urinária. Região perineal dura, com sinais de necrose, sangramento e, reto firme, sem distensão. Não sendo possível realizar enema e/ou sondagem vesical. Realizado cistocentese de alívio e citologia de neoformação em reto: compatível com proliferação epitelial atípica, suspeito para malignidade. Paciente passou por procedimento cirúrgico exploratório, evidenciando neoformação em base da cauda, reto e vagina. Realizada amputação de reto, base ventral da cauda e vaginectomia com ureterostomia cutânea. Histopatologia compatível com carcinoma de células escamosas invasivo e moderadamente diferenciado.

Discussão

Os achados reforçam a investigação diagnóstica para ITUs recorrentes, obstrução urinárias, como também tenesmo/obstipação. Neste caso, paciente com comorbidades, sinais de sepse, idade avançada e neoplasia invasiva na região. Apesar do prognóstico desfavorável tutora optou pela cirurgia, no entanto, paciente teve parada cardiorrespiratória no pós-operatório.

Palavras-chave: amputação retal, vaginectomia, uretrostomia



NUTRIÇÃO ENTERAL POR TUBO DE ESOFAGOSTOMIA EM 29 GATOS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA: ESTUDO RETROSPECTIVO

Carla Regina G. R. Santos^{1*}, Estephany de Lima Cavalcante Alves², Ana Carolina Guedes Dürr³, Júlio Israel Fernandes⁴

¹Pós-doutoranda do PPGMV da UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.

²Médica Veterinária autônoma. Rio de Janeiro, Brasil.

³Aluna de Graduação de Medicina Veterinária, Unigranrio/Afya, Rio de Janeiro, Brasil.

⁴Professor Titular da Disciplina de Clínica Médica de Pequenos Animais, DMCV, UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil.

*E-mail: carlavetuff@yahoo.com.br

Resumo: A sonda esofágica é uma ferramenta para reduzir os efeitos da desnutrição durante internação, e na rotina em casa, de gatos com DRC. O estudo retrospectivo revelou que 29,1% das esofagostomias realizadas em uma clínica exclusiva de felinos, em 29 meses, tiveram como indicação a doença do trato urinário. A taxa de complicações local foi leve e ocorreu em apenas 20,7% dos casos. O tempo médio geral de permanência da sonda esofágica foi de 50,7 dias. A técnica mostrou-se segura para suporte nutricional de longo prazo; contudo, a alta taxa de óbitos precoces reflete a severidade das afecções urinárias avaliadas.

Palavras-chave: sonda esofágica, complicações, felinos, trato urinário.

Introdução

Afecções do trato urinário, como agudização da doença renal crônica, pielonefrite, obstrução ureteral, são frequentes na rotina da clínica de felinos. A desidratação, hiporexia, anorexia, letargia, perda de peso progressiva são sinais clínicos que comprometem a qualidade e tempo de vida destes pacientes¹. Diante do desafio de reverter o balanço energético negativo causado por esses sintomas, o suporte nutricional torna-se indispensável. E o uso de sonda de alimentação por esofagostomia constitui uma importante ferramenta terapêutica. A nutrição enteral contribui para a restaurar e manter do estado nutricional, além da hidratação e na administração de medicamentos. Além disso, essa técnica favorece o bem-estar do paciente ao reduzir a necessidade de manipulações constantes, podendo também diminuir o período de internação e estimular o retorno da ingestão voluntária de alimentos^{2,3}. Apesar dos benefícios já estabelecidos pelo uso da sonda de esofagostomia e sua crescente utilização na medicina felina, ainda são limitadas informações clínicas sobre o tempo de permanência do dispositivo, a evolução do peso corporal, as complicações relacionadas ao procedimento e os desfechos clínicos em gatos afecções do trato urinário¹.

Objetivo

O presente estudo tem como objetivo descrever o perfil epidemiológico de gatos submetidos a esofagostomia para suporte nutricional devido a afecção no trato urinário. Avaliar o perfil epidemiológico, as oscilações de peso, as complicações locais e os desfechos clínicos de felinos com afecções do trato urinário submetidos ao suporte nutricional por sonda esofágica, correlacionando com o tempo de permanência do dispositivo com a taxa de sobrevivência dos pacientes.

Metodologia

Realizou-se um estudo retrospectivo e descritivo pela análise de dados dos prontuários eletrônicos (Sistema Simplesvet) de uma clínica exclusiva para gatos no Estado do Rio de Janeiro. A busca no prontuário foi pelo procedimento de esofagostomia, realizados no período de 29 meses (fevereiro/2023 a julho/2025). Das 103 esofagostomias realizadas no período selecionado, uma nova avaliação destas fichas foi realizada para buscar a indicação do procedimento. Os dados coletados foram compilados no software Microsoft Excel® e divididos nas seguintes variáveis: idade, sexo, raça, estado reprodutivo, doença primária, tempo de permanência da sonda, complicações, pesos (na admissão e na alta/retirada) e a resolução clínica (vivo ou óbito).

Resultados

Do total de 103 procedimentos de esofagostomia realizados, 30 (29,1%) foram pela presença de afecção do trato urinário. Sendo destes 30 procedimentos, realizados em 29 gatos porque foi necessário realizar o procedimento duas vezes no mesmo paciente. O perfil epidemiológico dos pacientes revelou uma predominância de fêmeas (58,6%; n= 17), de gatos sem raça definida (93,1%; n=27) e castrados (96,6%; n=28). A idade média da população analisada foi de 11,2 anos, variando de 1 a 18 anos. Quanto aos principais diagnósticos encontrados, a agudização da DRC como única causa foi a afecção clínica mais prevalente na indicação do procedimento, acometendo 55,2% (n=16) dos pacientes, seguida da DRC e comorbidades com a prevalência de 37,9% (n=11) e quadro obstrutivo uretra e ureterais 6,9% (n=2) dos casos. O tempo médio geral de permanência da sonda esofágica foi de 50,7 dias (Mínimo de 1 e máximo 243 dias). Quanto à avaliação do peso corporal, observou-se estabilidade na média geral dos procedimentos, com peso médio inicial de 3,41 kg e variação líquida média de perda de 0,020 kg ao final do período avaliado. No entanto, a análise individual evidenciou oscilações discrepantes, registrando desde ganho ponderal de 0,600 kg até perda de 1,100 kg.

Referências

- 1- Breheny CR, Boag A, et al. Esophageal feeding tube placement and the associated complications in 248 cats. J Vet Intern Med. 2019 May;33(3):1306-1314.
- 2- Ross S. Utilization of Feeding Tubes in the Management of Feline Chronic Kidney Disease. Vet Clin North Am Small Anim Pract. 2016 Nov;46(6):1099-114.
- 3- Taylor S, Chan DL, et al. 2022 ISFM Consensus Guidelines on Management of the Inappetent Hospitalised Cat. J Feline Med Surg. 2022 Jul;24(7):614-640.
- 4- Brunet A, Bouzouraa T, et al. Use of feeding tubes in 112 cats in an internal medicine referral service (2015-2020). J Feline Med Surg. 2022 Oct;24(10):e338-e346.

A maior parte dos felinos da amostragem não apresentou intercorrências associadas ao uso do dispositivo, com 79,3% (n=23) dos casos listados como "Sem complicações". No entanto, 20,7% (n=6) demonstraram intercorrências locais ligadas à presença de sinais sugestivos de infecção local e ao comprometimento da integridade e higiene do estoma (secreção, prurido e odor fétido) ou causadas pela remoção acidental do tubo pelo próprio paciente. O desfecho clínico geral registrou 20,7% (n=6) de pacientes vivos na alta e 79,3% (n=23) de pacientes que evoluíram a óbito ou foram submetidos à eutanásia. Ao cruzar o tempo de permanência do dispositivo com a resolução clínica, constatou-se que os felinos com desfecho "Vivo" mantiveram a sonda por um tempo médio de 122,5 dias, enquanto aqueles que evoluíram para "Óbito" apresentaram média de 26,7 dias. A idade média dos animais sobreviventes foi de 11,3 anos, assemelhando-se à média de 11,2 anos observada no grupo que foi a óbito.

Discussão

A DRC em gatos é progressiva e cursa com distúrbios metabólicos, hídrico eletrolítico e anemia principalmente em estágios avançados, que agravam a anorexia. Segundo as diretrizes internacionais, o manejo da DRC visa retardar a progressão nos estágios iniciais e garantir qualidade de vida nos avançados². Nesse cenário, a intervenção precoce com estimulantes de apetite ou suporte nutricional por sonda enteral melhoram a qualidade de vida do paciente³. A desnutrição prolongada gera alterações fisiológicas graves e ameaça a vida do paciente, predispondo a espécie à lipidose hepática, imunossupressão e perda de massa magra⁴. A nutrição enteral reverte esse balanço energético negativo e ou estabiliza o peso corpóreo⁷. Neste estudo, a variação ponderal dos pacientes antes e após a sonda revelou uma perda discreta média de apenas 0,020 kg, com alguns animais ganhando peso, o que confirma a eficácia do suporte em minimizar o catabolismo². A segurança da técnica de esofagostomia foi evidenciada pelo fato de 79,3% dos procedimentos não apresentarem intercorrências. As complicações manifestadas foram leves e restritas ao estoma (secreção, prurido e odor), corroborando com dados anteriores, que apontam a infecção local (12,1%) como a segunda intercorrência mais frequente devido à má higienização ou demora na troca de curativos¹. A remoção involuntária da sonda ocorreu em apenas dois gatos; embora preocupe os responsáveis, este evento não gera risco de vida e permite a reinserção de um novo tubo no mesmo estoma². O tempo médio de permanência da sonda (50,7 dias) reforça a esofagostomia como estratégia prolongada viável, tolerável e passível de manejo domiciliar pelos responsáveis, e assim, reduz o estresse e as internações recorrentes³. O principal achado foi a disparidade no tempo de permanência entre os desfechos clínicos: sobreviventes mantiveram o dispositivo por média de 122,5 dias, enquanto os não sobreviventes permaneceram por apenas 26,7 dias. Isso sugere que a interrupção precoce decorreu do óbito ou eutanásia pela gravidade da DRC, enquanto o uso prolongado garantiu o aporte calórico necessário para a recuperação⁴.

Conclusão

Estes resultados trazem a esofagostomia como uma alternativa segura e com baixa taxa de complicações em gatos com DRC. A estabilização do peso corporal observada reforça o papel crucial da nutrição enteral em minimizar o catabolismo e conter a perda de peso. Embora o modelo retrospectivo e a amostragem limitem o estabelecimento de relações de causa e efeito, os achados comprovam que a sonda esofágica é um suporte de longo prazo indispensável na rotina da nefrologia felina. E isto justifica a realização de estudos prospectivos futuros para detalhar seu impacto na sobrevida e qualidade de vida desses pacientes.

PÓLIPO URETERAL ASSOCIADO À HIDRONEFROSE UNILATERAL GRAVE EM CADELA: RELATO DE CASO

Larissa M. Santos¹, Palloma T. A. Reges², Paula V. F. dos Santos³, Moisés D. Tertulino³, Oscar B. de F. Neto³, Karla K. S. de P. Medeiros^{4*}

1 Medicina Veterinária. Universidade Federal da Paraíba, Areia, Paraíba, Brasil

2 Medicina Veterinária. Faculdade Rebouças, Campina Grande, Paraíba, Brasil

3 Médico Veterinário Autônomo. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil

4 Médico Veterinário Autônomo. Campina Grande, Paraíba, Brasil

INTRODUÇÃO

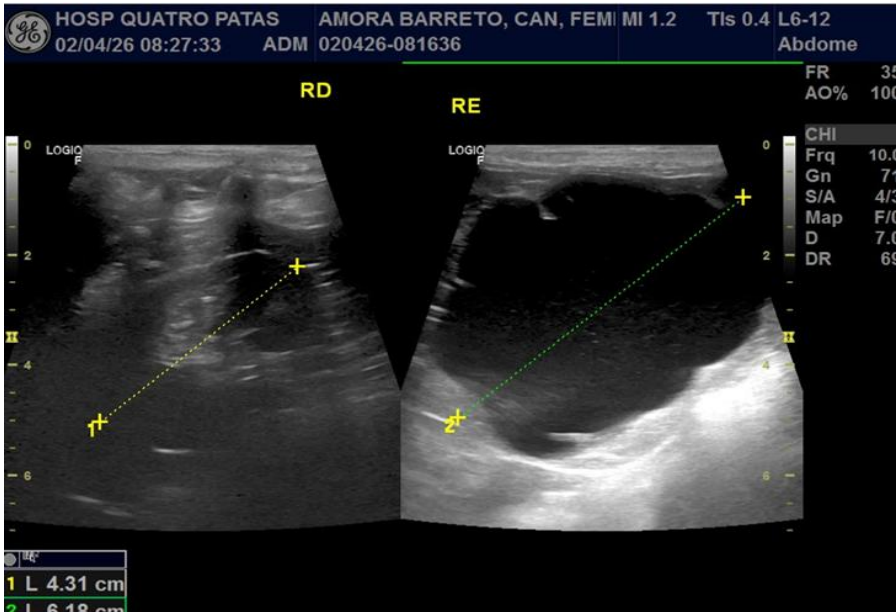
A hidronefrose decorre da obstrução do fluxo urinário e pode resultar em perda irreversível da função renal. Em pequenos animais, pólipos ureterais são causas raras de obstrução, possuindo relevância diagnóstica e cirúrgica.

OBJETIVO

Relatar um caso de hidronefrose unilateral grave secundária a pólipos ureterais em cadela.

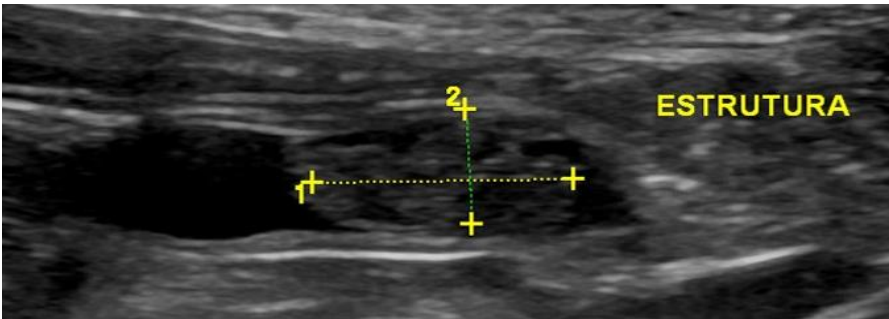
RELATO DE CASO

Foi atendida uma cadela, Shihtzu, seis anos, sem histórico de alterações urinárias. Em ultrassonografia abdominal de rotina identificou-se hidronefrose unilateral esquerda grave, sem visualização de parênquima renal. Em ureter esquerdo distal observou-se estrutura intraluminal semelhante a massa ou coágulo, sem sombra acústica. Os exames hematológicos encontravam-se dentro dos parâmetros de referência. Na urinálise observou-se cilindrúria importante, compatível com lesão renal ativa. Instituiu-se tratamento com tansulosina (0,01 mg/kg) visando o relaxamento ureteral e facilitação do escoamento urinário. Após cinco dias, nova ultrassonografia não evidenciou melhora da hidronefrose, sendo realizada nefrectomia esquerda. Rim e ureter foram submetidos à análise histopatológica, que revelou pólipos ureterais fibroepiteliais associados à hidronefrose severa.



DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Pólipos ureterais fibroepiteliais são raramente descritos na medicina veterinária e podem representar desafio diagnóstico devido à semelhança com coágulos, ureterólitos não mineralizados e neoplasias. O diagnóstico definitivo depende da avaliação histopatológica. A identificação tardia pode culminar em perda funcional renal irreversível e necessidade de nefrectomia.



PROTEINOGRAMA SÉRICO DE CÃES NOS DIFERENTES ESTÁDIOS DA DOENÇA RENAL CRÔNICA

Layla L. Queiroz^{1*}, Maria C. S. Fioravanti¹, Gabriel J. Arruda²

¹Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; ²Universidade Estadual de Goiás – UEG, São Luís de Montes Belos, Goiás, Brasil. *email: layla.queiroz@ueg.br

INTRODUÇÃO

A doença renal crônica (DRC) é uma enfermidade progressiva e irreversível, caracterizada pela perda de função renal e presença de inflamação persistente¹. O diagnóstico frequentemente ocorre em estádios avançados, dificultando o manejo clínico². Biomarcadores inflamatórios, como as proteínas de fase aguda (PFAs), têm sido estudados como ferramentas auxiliares na avaliação da progressão e prognóstico da doença³. A eletroforese de proteínas séricas permite identificar alterações no proteinograma, refletindo o estado inflamatório dos pacientes⁴.

OBJETIVO

Avaliar o comportamento das frações proteicas séricas em cães nos diferentes estádios da doença renal crônica.

METODOLOGIA

Foram avaliados 63 cães diagnosticados com DRC, classificados conforme estadiamento da IRIS. Amostras de soro sanguíneo foram submetidas à eletroforese em gel de poliacrilamida contendo dodecil sulfato de sódio (SDS-PAGE), permitindo a identificação e quantificação das frações proteicas por densitometria. Foram analisadas proteínas totais, albumina e proteínas de fase aguda, incluindo haptoglobina, alfa-1 glicoproteína ácida, alfa-1 antitripsina, ceruloplasmina, transferrina e imunoglobulinas.

RESULTADOS

Os resultados demonstraram alterações no perfil proteico de cães associadas à DRC. Haptoglobina e proteína de 23kDa apresentaram aumento consistente, caracterizando-se como proteínas de fase aguda positivas. A α -1 antitripsina apresentou redução significativa, especialmente em estádios mais avançados da doença. A IgG cadeia pesada demonstrou aumento progressivo, com valores mais elevados em animais no estágio IRIS 3.

DISCUSSÃO

Os achados confirmam a presença de resposta inflamatória sistêmica na DRC em cães. A elevação de PFAs positivas está relacionada à progressão da doença, enquanto a redução de proteínas negativas reflete alterações metabólicas e inflamatórias⁵. A capacidade da α -1 antitripsina em diferenciar estádios mais avançados sugere potencial uso como marcador prognóstico. Além disso, o aumento progressivo da IgG indica ativação imunológica associada à doença renal⁶.

CONCLUSÃO

O proteinograma sérico é uma ferramenta útil na avaliação da resposta inflamatória em cães com DRC. A α -1 antitripsina destaca-se como potencial marcador de gravidade, enquanto haptoglobina e proteína de 23kDa indicam presença de inflamação, contribuindo para o acompanhamento clínico e prognóstico da doença.

REFERÊNCIAS

1. Bartges JW. Chronic kidney disease in dogs and cats. Vet Clin North Am Small Anim Pract. 2012;42(4):669-92.
2. Polzin DJ. Evidence-based step-wise approach to managing chronic kidney disease in dogs and cats. J Vet Emerg Crit Care (San Antonio). 2013; 23(2):205-15.
3. Han WK, Bonventre JV. Biologic markers for the early detection of acute kidney injury. Curr Opin Crit Care. 2004;10(6):476-82.
4. Wu Q, Zhang X, Zhong M, Han H, Liu S, Liu T, et al. Effects of Bariatric Surgery on Serum Bile Acid Composition and Conjugation in a Diabetic Rat Model. Obes Surg. 2016;26(10):2384-92
5. Alves AE, Ribeiro APC, Di Filippo PA, Apparicio MF, Fagliari JJ, Vicente WRR. Leucogram and serum acute phase protein concentrations in queens submitted to conventional or videolaparoscopic ovariectomy. Arq Bras Med Vet Zootec. 2010;62:86-91.
6. Eckersall PD, Bell R. Acute phase proteins: Biomarkers of infection and inflammation in veterinary medicine. Vet J. 2010;185(1):23-7.

RELAÇÃO UREIA:CREATININA E GRAVIDADE SISTÊMICA EM 243 CÃES

ASSOCIAÇÕES CLÍNICAS E LIMITES DIAGNÓSTICOS

Felipe S. Muniz¹, Ana J. Lima², Marie N. M. Baron²

¹Docente do curso de Medicina Veterinária PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil | ²Discente do curso de Medicina Veterinária PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil

*felipemuniz_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A relação ureia:creatinina (RUC) é utilizada como apoio da avaliação renal e na triagem de pacientes, mas pode sofrer influência de fatores extra renais.

Objetivo: Investigar a associação entre faixas de RUC e sinais clínicos compatíveis com azotemia pré-renal, renal ou pós-renal em cães.

METODOLOGIA

Metodologia: Estudo retrospectivo com 243 cães atendidos em Belo Horizonte (dez/2021–jan/2023).

Registraram-se ureia, creatinina, RUC e sinais clínicos; as descrições foram normalizadas e convertidas em matriz binária (presença/ausência).

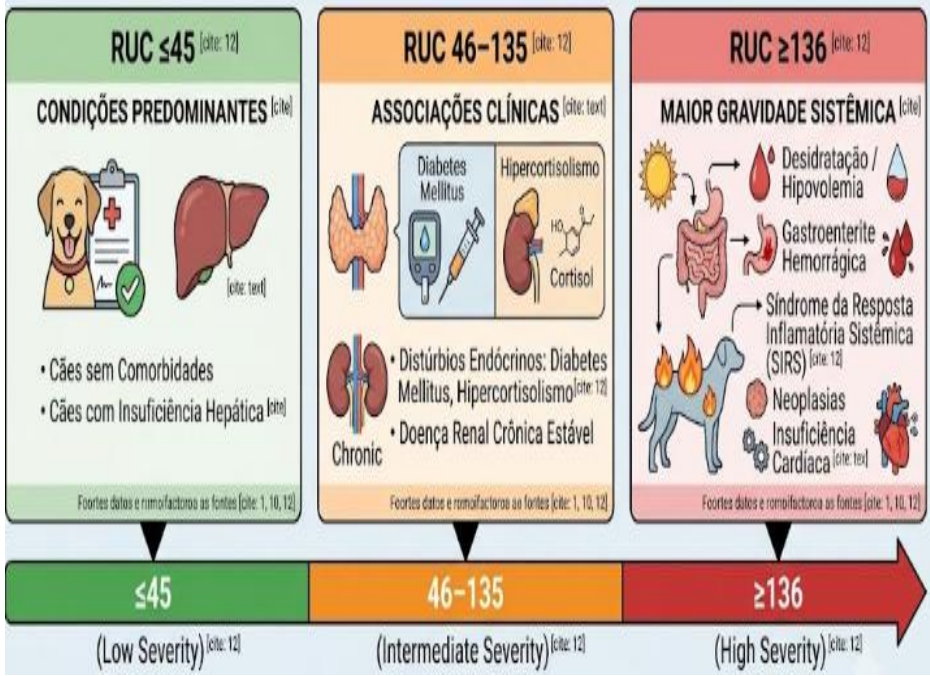
A RUC foi categorizada em ≤ 45 , 46–135 e ≥ 136 . Avaliaram-se: correlação de Spearman entre RUC e número de sinais; teste do qui-quadrado entre faixas de RUC e tipos de sinais; e Kruskal–Wallis para comparar as medianas de RUC entre grupos clínicos ($n > 4$).

RESULTADOS

Observou-se correlação positiva entre RUC e número de sinais ($p=0,344$; $p=2,17 \times 10^{-8}$) e associação entre faixas e padrões clínicos ($\chi^2=248,36$; $p=1,50 \times 10^{-7}$).

A faixa ≤ 45 concentrou pacientes sem comorbidades e cães com insuficiência hepática; 46–135 associou-se à distúrbios endócrinos (diabetes mellitus e hipercortisolismo) e doença renal crônica estáveis; e ≥ 136 relacionou-se a maior gravidade sistêmica (desidratação/hipovolemia, Gastroenterite Hemorrágica, síndrome da resposta inflamatória sistêmica, neoplasias e insuficiência cardíaca).

Relação RUC e Condições Médicas (Baseado em Estudo Retrospectivo) [cite: 10, 12]



DISCUSSÃO

A RUC elevada refletiu predominantemente mecanismos pré-renais e/ou catabólicos, sugerindo utilidade para triagem e priorização de pacientes críticos, porém com baixa especificidade para definir a origem da azotemia quando isolada.

CONCLUSÃO

A RUC é sensível para indicar comprometimento sistêmico, mas deve ser interpretada em conjunto com parâmetros complementares (densidade urinária, proteinúria, SDMA) e com padronização de variáveis fisiológicas em estudos prospectivos.

Palavras-chave: azotemia; uremia; pré-renal; renal; pós-renal.

SARCOMA INDIFERENCIADO UTERINO ASSOCIADO A RUPTURA UTERINA EM FELINO: RELATO DE CASO

Isabella M. Cougo^{1*}, Raquel M Artuzo², Gabriel L. Thomazi², Leticia Zanatta Borges², Amanda Bernardi², Tatiana Klafke², Gabriela C. Schaefer², Fabíola P. S. Mello², Saulo P. Pavarini³, Talles M. Almeida⁴

¹ Serviço de Nefrologia e Urologia de Cães e Gatos (NEFROVET). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

² Hospital de Clínicas Veterinárias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

³ Departamento de Patologia Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

⁴ Laboratório de análises clínicas veterinárias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

*E-mail: isabellacougo809@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tumores uterinos são raros em felinos.

OBJETIVO

Descrever aspectos clínicos e diagnósticos em uma gata com ruptura uterina associada a neoplasia.

RELATO DE CASO

Um felino, fêmea, fértil, de 11 anos, atendido com queixa de emagrecimento progressivo há três meses, abaulamento abdominal e hiporexia. Em exame físico, a paciente apresentava hipotensão, desidratação leve, hipotermia, mucosas hipocoradas e suspeita de líquido livre em palpação abdominal (Imagem 1). Exames laboratoriais evidenciaram anemia normocítica normocrômica, ausência de leucocitose, mas desvio a esquerda (Tabela 1).

Imagem 1: A) abaulamento abdominal observado em exame físico.



Fonte: Raquel Merger Artuzo.

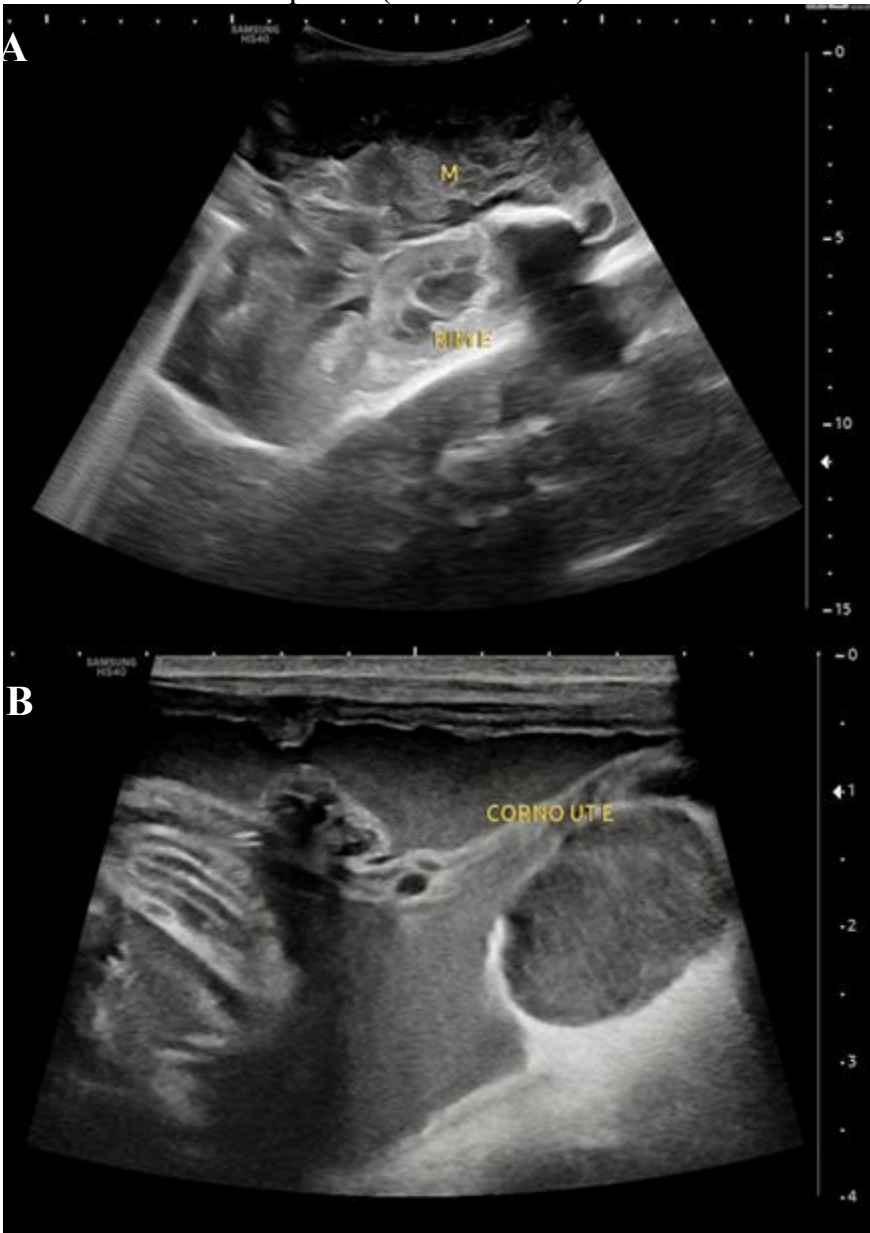
Tabela 1: Dados da análise hematológica.

Análise laboratorial	Resultado	Intervalo de referência
Hematócrito	22%	24 a 45%
V.C.M	37,93fl	39 a 55fl
C.H.C.M	34,09%	31 a 35%
Leucócitos totais	18.200/ μ L	5.000 a 19.500/ μ L
Bastonetes	2.002/ μ L	0 a 300/ μ L
Metamielócitos	182/ μ L	2.500 a 12.500/ μ L

Metodologia: automação (Procyte Dx, IDEXX Lab.) e microscopia óptica

Na ultrassonografia, havia efusão peritoneal, conteúdo hipocogênico em lúmen uterino, irregularidade parietal de cornos uterinos e, em corno uterino esquerdo, projeção de neoformação de grandes dimensões (Imagem 2-A e B).

Imagem 2: A) Exame ultrassonográfico em felino com diagnóstico de leiomiossarcoma, evidenciando massa (M) visibilizada ao ultrassom em comparação com o rim esquerdo (RIM E); B) Exame ultrassonográfico evidenciando conteúdo hipocogênico em corno uterino esquerdo (CORNO UTE)



Fonte: Amanda Bernardi.

Na laparotomia exploratória, foi evidenciado ruptura uterina. O líquido livre foi classificado como exsudato asséptico em análise, não havendo crescimento bacteriano em cultura. Em análise histopatológica da amostra uterina foi diagnosticado sarcoma indiferenciado uterino, sugestivo de leiomiossarcoma, e hiperplasia endometrial cística. A paciente apresentou evolução clínica favorável.

DISCUSSÃO

Sinais clínicos e análises laboratoriais são inespecíficos. Leiomiossarcomas ocorrem em felinos com idade superior a 10 anos. Líquido intrauterino foi relatado em um felino com de leiomioma, o que pode resultar da inibição do estro.

CONCLUSÃO

Tumores uterinos podem ser considerados como diagnóstico diferencial em gatas não castradas com aumento abdominal.

SUBSTITUIÇÃO DE DISPOSITIVO SIDUS APÓS OBSTRUÇÃO POR MINERALIZAÇÃO INTRALUMINAL EM FELINO COM DOENÇA RENAL CRÔNICA E URETEROLITÍASE: RELATO DE CASO

ALVES, R.A.; PERES, D.C.; FONSECA, A.O.; KLEIN, H.S.; VALCAM, D.G.;
HORA, A. C.; SENA, M.P.T.; RANGEL, M. P.

VIVACCE Medicina Veterinária, Brasília, DF, Brasil

E-mail: vivacce.vet@gmail.com

Introdução: A ureterolitíase é uma importante causa de obstrução ureteral em felinos, podendo levar à injúria renal aguda. O Sistema de Derivação Urinária Subcutânea (SIDUS) é uma alternativa terapêutica, porém sujeito a complicações tardias.

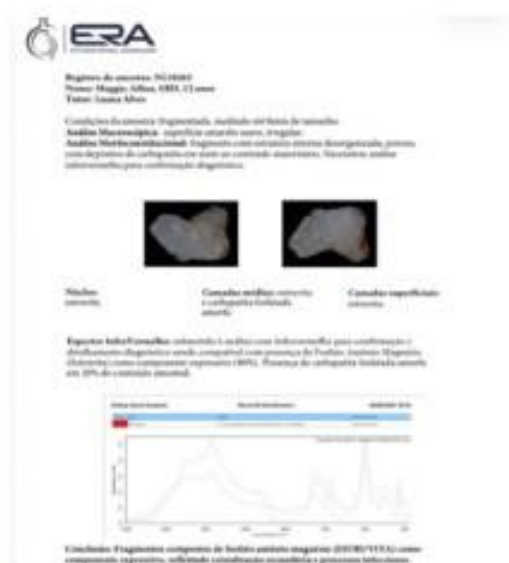
Objetivo: Relatar um caso de substituição completa de SIDUS devido à obstrução por mineralização intraluminal em felino.

Metodologia: Foi atendida uma felina, SRD, 13 anos, 3,2 kg, e submetida à implantação de SIDUS há dois anos, apresentando vômitos, inapetência, dor abdominal e isolamento. Foram realizados exames sanguíneos, urinálise, urocultura e ultrassonografia. Todas as informações e decisões clínicas descritas neste relato foram fundamentadas na avaliação dos exames realizados e na correlação com o quadro clínico apresentado pela paciente.

Resultados: Os exames evidenciaram azotemia e hiperfosfatemia, bacteriúria acentuada com crescimento de *Proteus mirabilis* e *Enterobacter* spp.. A ultrassonografia revelou nefropatia crônica bilateral, hidronefrose, ureterolitíase e intensa mineralização intraluminal do SIDUS. Optou-se pela substituição do dispositivo. Após 72 horas, observou-se melhora clínica e redução considerável das taxas renais.

Discussão: A mineralização intraluminal é uma importante complicação tardia do SIDUS, favorecida por DRC, ureterolitíase e infecção urinária.

Conclusão: O monitoramento periódico do SIDUS é fundamental, e sua substituição mostrou-se eficaz na restauração do fluxo urinário e melhora clínica do paciente.



Palavras-chave: felino; ureterolitíase; SIDUS; doença renal crônica; obstrução ureteral.

TRATAMENTO CIRÚRGICO CONSERVADOR DO PSEUDOCISTO PERINEFRÍTICO EM GATA IDOSA PORTADORA DE DOENÇA RENAL CRÔNICA COM MANUTENÇÃO DO ESTADIAMENTO IRIS 2

Tathiana M. Anjos

Mia Vida Medicina Felina, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: tathimouraoanjos@gmail.com

Introdução

O pseudocisto perinefrítico (ou perinéfrico) é uma condição rara em gatos, caracterizada pelo acúmulo de líquido ao redor do rim, delimitado por cápsula fibrosa não epitelizada (Barthez, et al., 1996). Sua etiopatogenia é incerta; porém associa-se a alterações da drenagem linfática perirrenal e nefropatia crônica (Barthez, et al., 1996; Sparkes, et al., 2016). Os sinais clínicos são inespecíficos e o diagnóstico baseia-se principalmente na ultrassonografia abdominal, permitindo diferenciá-lo de outras causas de renomegalia (D'Anjou et al., 2000). Entre os tratamentos descritos, a capsulectomia parcial associada à omentalização renal apresenta menor taxa de recorrência (Barthez, et al., 1996). Hipertensão (HAS) e hipocalcemia, quando presentes, podem agravar o prognóstico se não controladas (Sparkes, et al., 2016).

Objetivo

Relatar o caso de uma gata atendida em dezembro de 2023 e sua evolução até 2026.

Relato

Gata, sem raça definida, 11 anos de idade, 3,2 kg, histórico de vocalização recente, discreta rarefação pilosa e aumento de volume em região de flanco esquerdo (figura 1).



Figura 1. Aumento de volume antes (esquerda) e resolução (direita) após a cirurgia.

Apresentava HAS (sistólica de 190 mmHg; mensuração seriada por Doppler), hipocalcemia (3,6 mEq/L), azotemia (creatinina de 2,7 mg/dL) e densidade urinária de 1,014. Instituiu-se terapia com besilato de anlodipino (0,1 mg/kg/SID) e citrato de potássio (75 mg/kg/BID), com estabilização clínica e laboratorial pré-operatória. Radiografia (figura 2) evidenciou renomegalia esquerda acentuada. Ultrassonografia abdominal demonstrou extensa coleção líquida perinefrítica esquerda (figura 2), com compressão do parênquima renal e alterações compatíveis com nefropatia crônica bilateral. A análise do líquido foi compatível com transudato modificado, sem crescimento bacteriano.

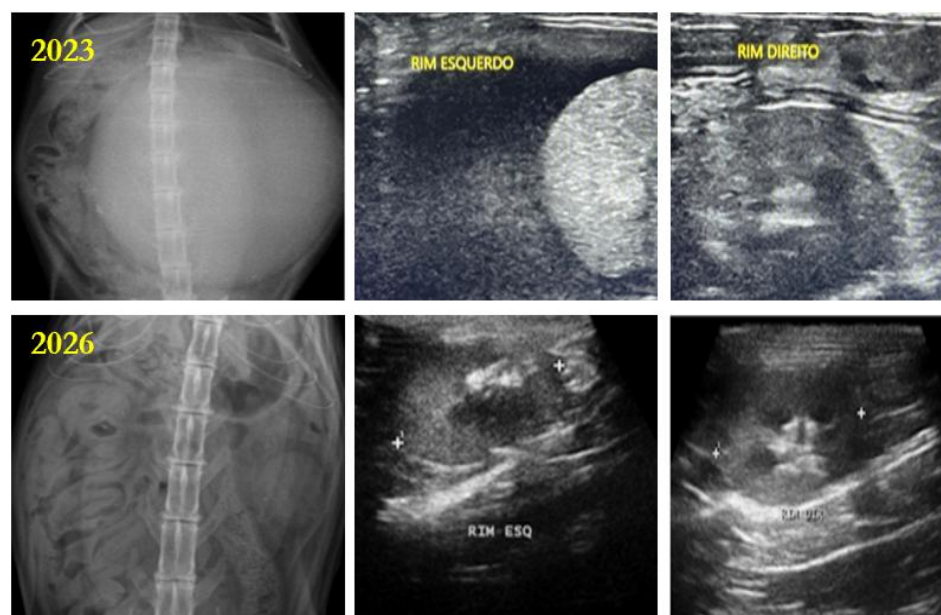


Figura 2. Imagens radiográficas e ultrassonográficas comparativas entre dezembro de 2023 (linha superior) e janeiro de 2026 (linha inferior).

Foi realizada drenagem do líquido, capsulectomia parcial e omentalização renal esquerda.

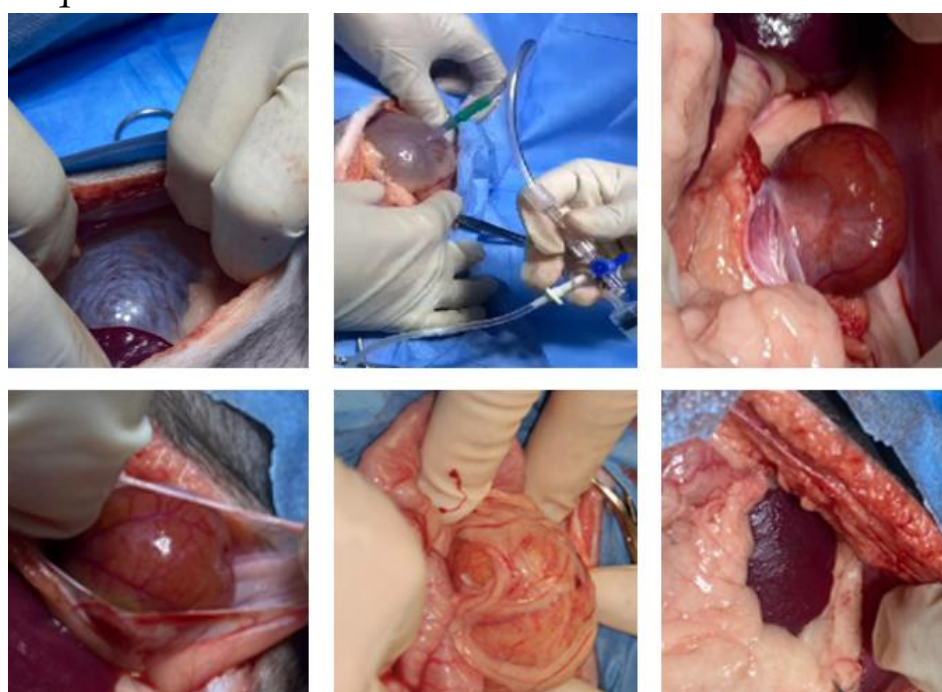


Figura 3. Procedimento cirúrgico (exposição renal, drenagem do líquido, capsulectomia parcial e omentalização renal esquerda).

Não houve intercorrências e a paciente recebeu alta após 3 dias. O controle da PAS e a manutenção da normocalcemia foram realizados de forma contínua. Até a última avaliação (janeiro de 2026), a paciente segue estável, sem recidiva do pseudocisto ou progressão da DRC.

Conclusão

O tratamento cirúrgico conservador, associado ao manejo clínico adequado, mostrou-se eficaz e seguro, sem recorrência e com manutenção do estadiamento IRIS 2 durante seguimento prolongado.

Referências e relato na íntegra



URETROCISTOSCOPIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE DIVERTÍCULO URACAL E LIGAMENTO PARAMESONÉFRICO PERSISTENTE EM CADELA JOVEM COM INFECÇÃO URINÁRIA RECORRENTE

Carolina Martinelli¹, Juliano J. M. Silotti¹, Pietra G. da Silva¹, Jiuliany B. Colatto¹, Juliana C. R. Rosito², Talita M. M. Raposo-Ferreira³

¹ Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV), Espírito Santo, Brasil.

² Hospital Veterinário Dr. Antonio Clemenceau - Brasília, Brasil.

³ Docente do curso de Medicina Veterinária; Docente do Programa de Pósgraduação em Ciência Animal, da Universidade Vila Velha, Espírito Santo (UVV), Brasil

*E-mail: nefrologiaecirurgiavet@gmail.com

INTRODUÇÃO:

Alterações congênitas do trato urinário inferior, como divertículo uracal e remanescentes paramesonéfricos, são causas pouco reconhecidas de infecção urinária recorrente em cães jovens, frequentemente subdiagnosticadas por exames de imagem convencionais.

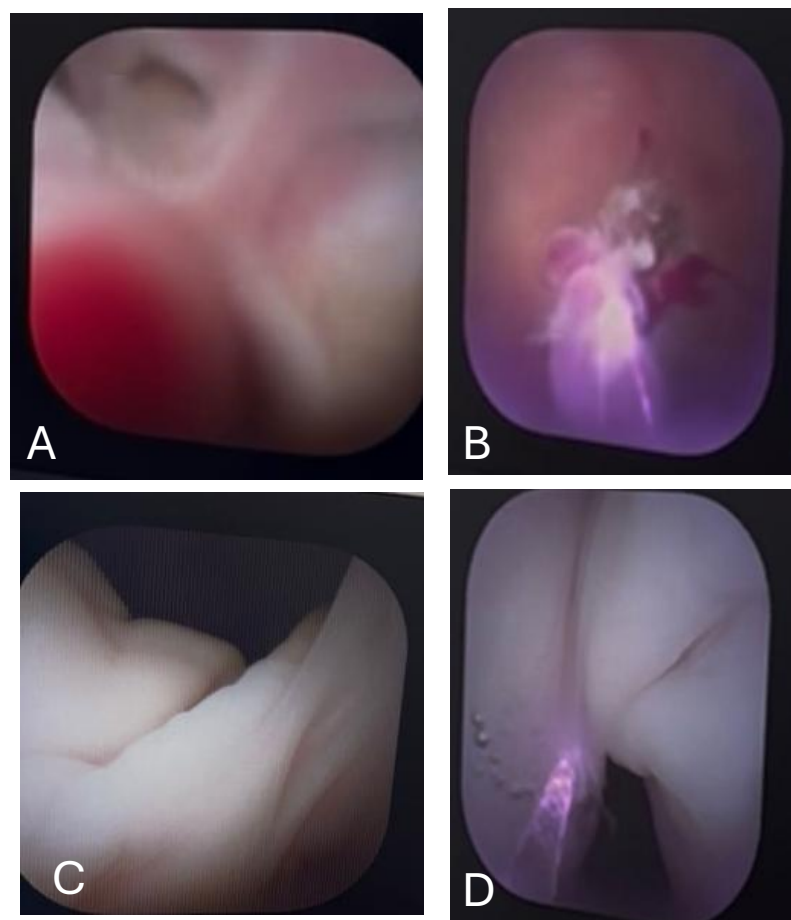
OBJETIVO:

Relatar o caso de uma cadela, Cavalier King Charles Spaniel, fêmea, com sete meses de idade, apresentando hematúria persistente desde filhote, episódios de incontinência urinária leve e uso prolongado de antibioticoterapia sem resolução clínica.

RELATO DE CASO:

A investigação incluiu urinálise, urocultura, ultrassonografia abdominal e tomografia computadorizada com contraste, evidenciando alterações inespecíficas, como dilatação de ureteres e pelvis renais e cistite polipoide, sem definição etiológica. Diante da persistência clínica e falha na antibioticoterapia prévia, realizou-se uretrocistoscopia, que identificou pólipos vesical, divertículo uracal e ligamento paramesonéfrico persistente. No mesmo procedimento, foi realizada ablação a laser das estruturas anômalas. Após dez meses, observou-se resolução completa dos sinais clínicos, ausência de incontinência urinária e de novos episódios de infecção urinária, com uroculturas negativas e melhora ultrassonográfica.

Imagem via uretrocistoscopia: da vesícula urinária com estrutura polipóide em região de divertículo no ápice (a) e ablação a laser do divertículo e pólipo (b). Imagem do vestibulo vaginal com ligamento tracionando a uretra (c) ablação a laser do ligamento



DISCUSSÃO:

A ausência de recorrência após correção anatômica reforça o papel secundário da antibioticoterapia, uma vez que a persistência infecciosa está associada ao fator estrutural predisponente. A literatura recomenda investigação aprofundada em pacientes jovens com infecções recorrentes antes do uso prolongado de antimicrobianos.

CONCLUSÕES:

A uretrocistoscopia destaca-se como método diagnóstico e terapêutico essencial na identificação de alterações congênitas do trato urinário inferior, especialmente em pacientes jovens, superando limitações dos métodos de imagem convencionais.

AGRADECIMENTOS:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo - FAPES N° 1584/2025 - P: 2025-8MBRH

UROLITÍASE DE ESTRUVITA ESTÉRIL EM CÃO SCHNAUZER

Janaina da S. Ferreira¹, Paula G. Cardoso ^{2*}

¹Médica Veterinária autônoma, Recife, Pernambuco, Brasil.

²Departamento de Medicina Veterinária. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

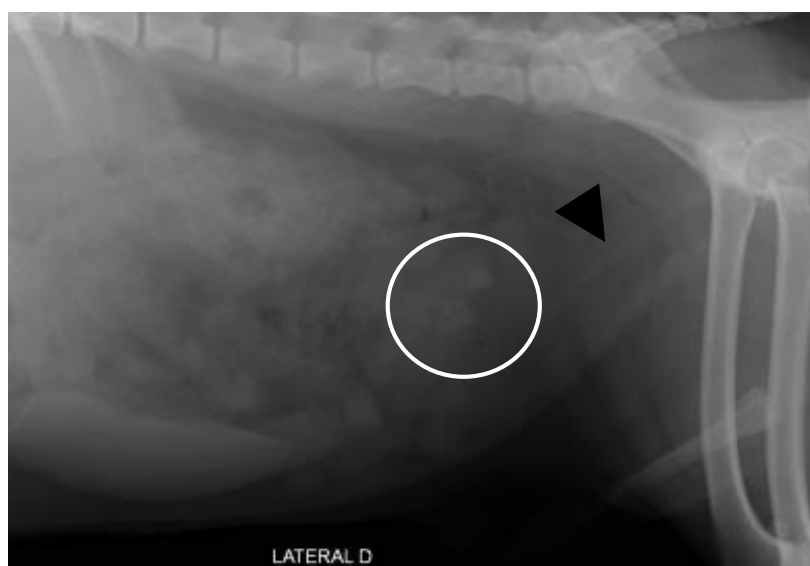
*E-mail: paula.cardoso@ufrpe.br

Introdução: Urólitos de estruvita estão dentre os mais observados em cães, frequentemente associados à infecção do trato urinário por bactérias produtoras de urease. Contudo, urólitos de estruvita estéril são raros nessa espécie.

Objetivo: Descrever um caso de urolitíase de estruvita estéril em um cão da raça Schnauzer.

Relato de caso: Um cão, macho, 9 anos de idade, sem histórico de doenças do trato urinário, realizara cistotomia para remoção de cistólitos após apresentar obstrução uretral. A urinálise mostrara pH 6,0, cristalúria de oxalato de cálcio, piúria e hematúria, porém ausência de bactérias. A urocultura fora negativa. A análise quantitativa em camadas revelou urólitos simples de estruvita (núcleo não identificável, corpo 100% estruvita).

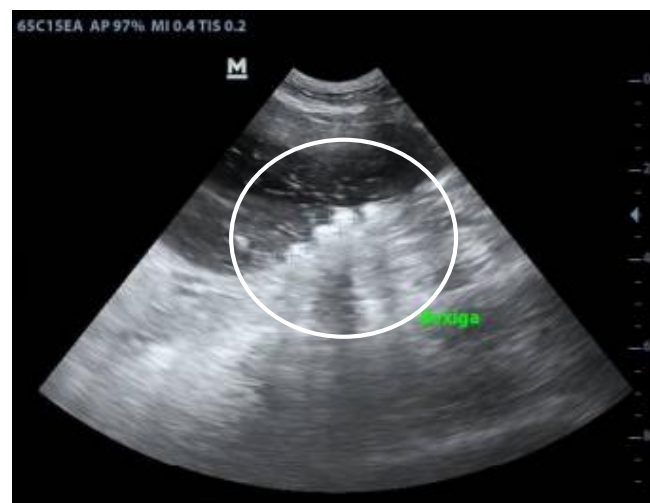
Figura 1: Radiografia abdominal realizada no episódio da obstrução uretral, evidenciando urólitos vesicais radiopacos (círculo branco). É possível visualizar a sonda uretral (seta preta).



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Foi prescrita dieta para prevenção de urólitos de estruvita (Hill's c/d). Após dois anos, foram identificadas microlitíases vesicais em ultrassonografia. Urinálise demonstrara pH 6,0 e sedimento inativo. A cultura fora novamente negativa. Com ajuste da dieta e aumento da ingestão hídrica, houve

Figura 2: Ultrassonografia abdominal realizada no episódio da obstrução uretral, evidenciando urólitos vesicais (círculo branco).



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 3: Imagem do urólito vesical realizada durante análise cristalográfica que identificou núcleo não identificável e corpo 100% estruvita.



Fonte: Litolab, 2023.

a dissolução dos urólitos. O paciente não apresentou sintomas de trato urinário inferior em nenhum dos dois episódios, com exceção da obstrução uretral.

Discussão: Fatores dietéticos e metabólicos estão supostamente envolvidos na calculogênese de urólitos de estruvita estéril em cães. Embora frequentemente associado a urina alcalina, podem ocorrer em pH urinário mais ácido. Visando a dissolução dos cálculos e a prevenção de recidivas, recomenda-se o uso de dieta reduzida em teores de proteínas, fósforo e magnésio.

Conclusão: O manejo nutricional e aumento de ingestão hídrica mostram-se eficazes no controle de urolitíase de estruvita estéril.

Palavras-chave: urólito, cálculos vesicais, fosfato triplo, fosfato amônio magnésio

USO DA CISTOSCOPIA PARA DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE CÁLCULO URETRAL PÓS URETROPLASTIA: RELATO DE CASO

Ana Carolina P. Sarmento^{1*}, Carolina Martinelli², Juliano Jácomo², Jiuliany Brêda Colatto¹, Pietra Galimberti da Silva², Talita M. M. Raposo Ferreira³

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha (UVV), Espírito Santo, Brasil

²Centro de Nefrologia e Urologia Veterinária (CENUV), Espírito Santo, Brasil.

³ Docente do curso de Medicina Veterinária; Docente do Programa de PósGraduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo (UVV), Brasil.

INTRODUÇÃO

A obstrução uretral representa uma das principais emergências da medicina felina, sendo associada a cistite idiopática, urólitos e infecções urinárias. A cistoscopia percutânea tem se destacado como ferramenta diagnóstica e terapêutica por permitir avaliação direta do trato urinário inferior e remoção minimamente invasiva de urólitos.

OBJETIVO

Relatar um caso de obstrução uretral recorrente em felino previamente submetido à uretrotomia, destacando o uso da cistoscopia percutânea como ferramenta diagnóstica e terapêutica minimamente invasiva.

RELATO DE CASO

Felino macho, castrado, SRD, cinco anos, com histórico de cistite idiopática felina, obstruções uretrais recorrentes e uretrotomia com preservação do prepúcio realizada previamente. Após cetrês anos de estabilidade clínica, apresentou novo quadro de obstrução uretral.

A ultrassonografia abdominal evidenciou cálculos vesicais, distensão vesical com sedimentos e dilatação uretral. A urinálise demonstrou proteinúria, hematúria, sangue oculto e bacteriúria.

O paciente foi submetido à uretrocistoscopia associada à cistolitotomia percutânea, permitindo identificação e remoção de cálculo uretral obstrutivo, além dos cálculos vesicais, por basketing. A análise confirmou urólitos de estruvita.

No pós-operatório, apresentou boa recuperação e recebeu alta após 24 horas. Atualmente, encontra-se clinicamente estável, sem sinais urinários, após três meses de acompanhamento.



Figura 1. Dilatação uretral e cálculos vesicais.



Figura 2. Retirada de cálculo obstrutivo da uretra por meio da PCCL.



Figura 3. Anastomose uretra-prepucial preservada, ausência de estenose.



Figura 4. : uretroplastia em felino macho.

CONCLUSÃO

O diagnóstico de cistite idiopática felina deve ser realizado apenas após a exclusão de outras causas, como urólitos, infecções e alterações anatômicas. Neste caso, a cistoscopia percutânea permitiu identificar e remover um cálculo uretral não evidenciado de forma conclusiva por exames convencionais, demonstrando ser uma ferramenta diagnóstica e terapêutica minimamente invasiva eficaz no manejo das afecções obstrutivas do trato urinário inferior felino.

REFERÊNCIAS

- HE, C. et al. **Prevalence, risk factors, pathophysiology, potential biomarkers and management of feline idiopathic cystitis: an update review.** *Frontiers in Veterinary Science*, 2022.
- JOB, C. et al. **Comparison of percutaneous cystolithotomy and open cystotomy for removal of urethral and bladder uroliths in dogs.** *Journal of Veterinary Internal Medicine*, 2022.
- KAUL, E. et al. **Recurrence rate and long-term course of cats with feline lower urinary tract disease.** *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2020.
- TAYLOR, S. et al. **2025 iCatCare consensus guidelines on the diagnosis and management of lower urinary tract diseases in cats.** *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2025.
- YEH, L.-S.; CHIN, S.-C. **Modified perineal urethrostomy using preputial mucosa in cats.** *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 2000.

AGRADECIMENTOS



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional



USO DE HEPARINA DE BAIXO PESO MOLECULAR (ENOXAPARINA) EM HEMODIÁLISE INTERMITENTE CANINA: ESTUDO PILOTO.

Júlio César N. de Cerqueira Júnior^{1*}, Diego Ribeiro¹, Julia F. Ferreira¹, Reiner S. de Moraes¹, Silvano S. Geraldês¹, Teresa A. de L. Núñez¹, Alessandra Melchert¹, Priscylla T. C. Guimarães-Okamoto¹

¹Departamento de Clínica Veterinária. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, São Paulo, Brasil.

Introdução: A hemodiálise intermitente (HDI) utiliza a filtração sanguínea para remoção de toxinas urêmicas, exigindo anticoagulação eficiente. Embora a heparina não fracionada (HNF) seja comumente utilizada pelo baixo custo, a heparina de baixo peso molecular (HBPM), enoxaparina, surge como alternativa promissora na HDI veterinária.

Objetivo: Relatar a utilização de um protocolo piloto com enoxaparina em um cão submetido à HDI, visando padronizar a sua utilização, bem como avaliar a segurança e efetividade do fármaco na HDI.

Metodologia: Um cão, Pastor Belga (Figura 1), 5 anos, com injúria renal aguda, foi submetido à HDI. O protocolo de anticoagulação consistiu na aplicação de enoxaparina (0,8mg/kg, IV, na pré-sessão). O monitoramento ocorreu via Tempo de Coagulação Ativada (TCA) (Figura 2) em quatro momentos (pré, 1h, 2h e 3h), além da avaliação das pressões transmembrana (PTM) e venosa (PV).



Figura 1. Paciente Canino, Pastor Belga, 5 anos, diagnosticado com IRA



Figura 2. Monitor de avaliação do TCA, marca MCA Plus, usado na rotina Hemodiálise FMVZ Unesp Botucatu

Resultados: Apenas uma aplicação de enoxaparina foi suficiente para manter os níveis de anticoagulação adequados (Tabela 1). Não houve indícios de coagulação do sistema, confirmados pela estabilidade da PV e PTM (Figura 3A) e pela inspeção visual das linhas e dialisador (Figura 3B).

	Pré Sessão	1h	2h	3h
TCA(s)	155	172	148	139

Tabela 1. Avaliação do Tempo de Coagulação Ativada (TCA) por hora durante sessão de HDI

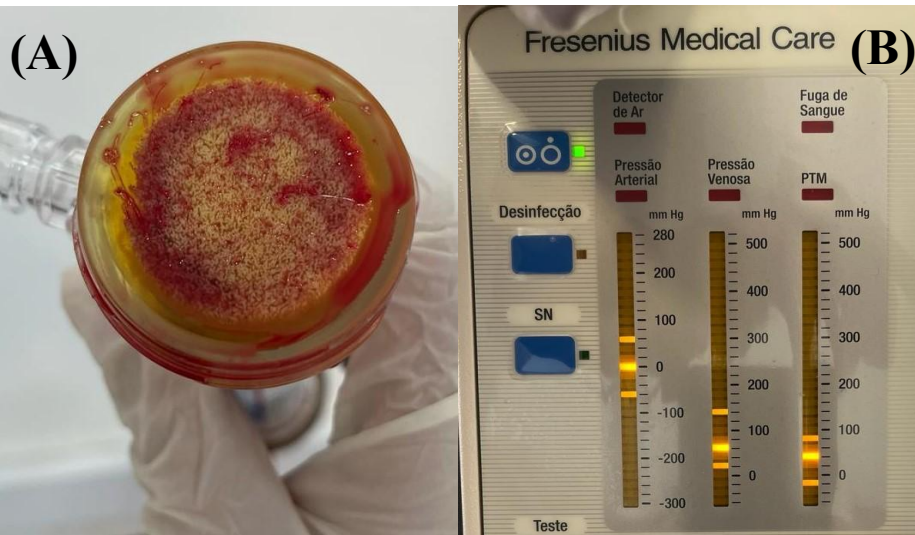


Figura 3. Dialisador (filtro) aberto ao fim da sessão de hemodiálise sem indícios de coágulos (A). Central de controle e monitoramento da PV e PTM máquina hemodiálise Fresenius Medical Care (B).

Discussão: O registro desse caso demonstram a possibilidade da investigação do uso da HBPM como uma opção promissora de anticoagulação na HDI, sendo sua principal vantagem uma ação mais previsível, apesar do alto custo do fármaco.

Conclusão: O uso da enoxaparina demonstrou ser uma alternativa segura e eficaz, com manejo mais simplificado em relação à HNF, validando a viabilidade para a continuação e expansão da sua aplicação na HDI.

Agradecimento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da Bolsa



UTILIZAÇÃO DA ULTRASSONOGRAFIA PARA MENSURAÇÃO DO VOLUME VESICAL EM FELINOS DOMÉSTICOS



Julia L. Rodrigues, Lara Vilela Soares*, Maria Eduarda R. O. Cunha, Yury Carantino Costa Andrade, Leandro Z. Crivellenti

Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias da Faculdade de Medicina e Zootecnia da Universidade Federal de Uberlândia, PPGCVET – FMVZ UFU
Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, HOVET-UFU
*E-mail: *laravilela1234@gmail.com

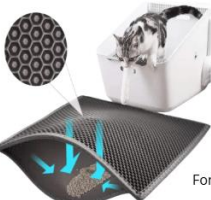
Introdução

Na Medicina Veterinária, diversos métodos têm sido utilizados para aferição do volume urinário, incluindo:



Gaiola metabólica (Carriel Benitez, 2010)

Fonte: Solab - Equipamentos para Laboratórios



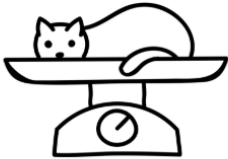
Fonte: Sanborns

Coleta volumétrica por tapete higiênico (Ancieto, 2021)



Caixa de "areia especial" com sensores de umidade (Hao, 2021)

Fonte: CirCAT: PURRtento: a Litter Box that Monitors Feline Urine using Electrochemical Biosensors



Método de pesagem do felino antes e após micção (Ancieto, 2021)

Cateterização uretral



Necessidade de sedação para passagem do catéter



Risco de infecção urinária



Possibilidade de trauma uretral

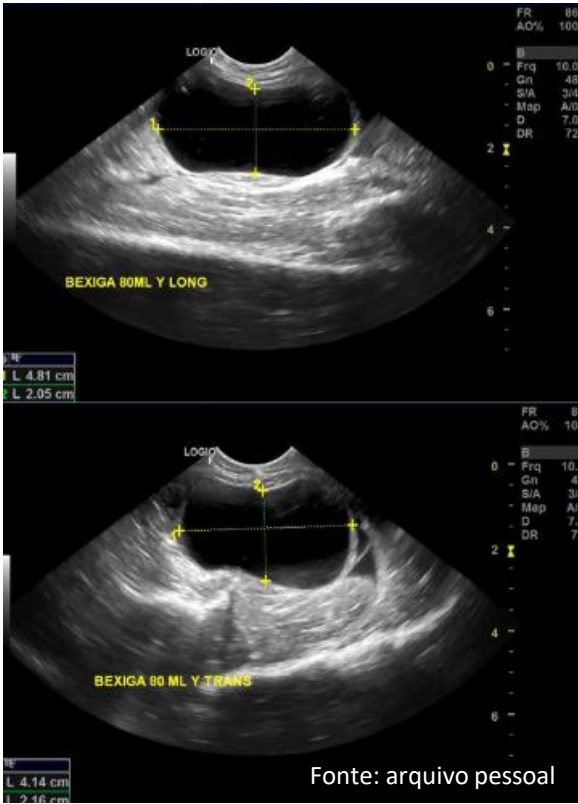


Risco de estenose uretral



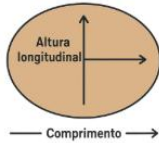
Obstrução posterior

Protocolo US: Avaliações bidimensionais em decúbito dorsal.

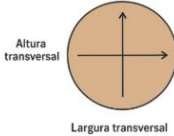


Fonte: arquivo pessoal

PLANO LONGITUDINAL



PLANO TRANSVERSAL



MODELOS MATEMÁTICOS

(1) Volume urinário (ml): $AL \times L \times C \times 0,2\pi$ (Kendall *et al.*, 2020)

(2) Volume urinário (ml): $AL \times Dst \times W \times \frac{\pi}{6}$ (Holmes, 1967)

W= largura em plano transverso

D= profundidade em plano transverso

Dst= média aritmética entre profundidade de planos longitudinais e transverso

RIGOR ESTATÍSTICO

CCC

Coefficiente de Lin para Concordância

t

Teste t de Student para Viés

B-A

Análise de Bland-Altman

As análises visaram verificar a permutabilidade entre as fórmulas e a confiabilidade entre diferentes níveis de experiência dos avaliadores.

Conclusão

FÓRMULA DE KENDALL ET AL. (2020)

- Ao utilizar a fórmula de Kendall *et al.* (2020) especificamente em felinos permitiu-se ampliação do potencial do uso acurado da ultrassonografia para aferição de volume urinário vesicular em gatos

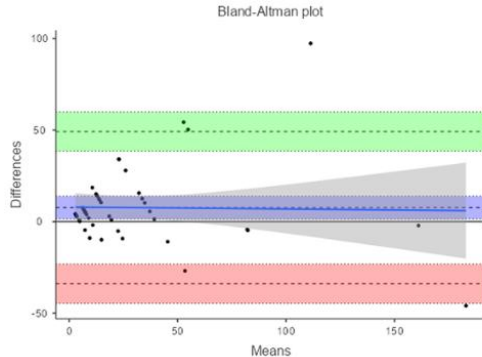
COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DE LIN (CCC)

0,874

[0,827-0,908]



boa concordância entre valores estimados e os reais



Fonte: própria autora

MATERIAIS E MÉTODOS

6 gatos
3 machos e 3 fêmeas
Sistema Urinário íntegro
Vieram a óbito no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia

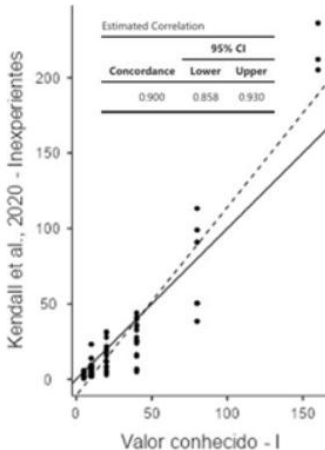


Preenchimento: Solução fisiológica em volumes progressivos de 5 a 640 mL.

Kendall há viés geral de superestimação 5ml (IC 95%: [1,51; 8,80])

Viés médio a pequeno: medições individuais variam consideravelmente

A fórmula de Kendall tem aplicabilidade simples e acurada



Agradecimento: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Ministério da Educação (MEC)

VESÍCULAS DE GÁS COMO AGENTES DE CONTRASTE ULTRASSONOGRÁFICO NA AVALIAÇÃO RENAL EXPERIMENTAL EM COELHOS

Gabriela C. L. Evangelista^{1*}, Marina C. Ricoldi², Fredderico Garcia¹,
Diego R. Gomes¹, Tie Koide², Marcus A. R. Feliciano¹

¹Departamento de Medicina Veterinária, Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos. Universidade de São Paulo (USP), Pirassununga, São Paulo, Brasil.

²Departamento de Bioquímica e Imunologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

*E-mail: gabriela.clopes@yahoo.com.br

Introdução

A ultrassonografia com contraste (CEUS) é uma técnica emergente na avaliação vascular com aplicações diagnósticas, porém ainda apresenta limitações na imagem molecular. Vesículas de gás (VGs) são nanopartículas proteicas preenchidas com gás, produzidas por microrganismos, com potencial uso como agentes de contraste nanométricos.

Objetivo

Avaliar a eficácia de VGs extraídas de *Halobacterium salinarum* como agentes de contraste ultrassonográfico na avaliação renal.

Metodologia

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA/FZEA), sob protocolo nº 7145220224. Um coelho (*Oryctolagus cuniculus*) da raça Nova Zelândia foi submetido à anestesia dissociativa e cateterização da veia marginal da orelha. O exame ultrassonográfico foi realizado com equipamento clínico e transdutor linear multifrequencial. Após avaliação renal em modo B, administraram-se 2,5 mL de VGs em PBS, seguidos de solução fisiológica (0,9% NaCl). As imagens foram adquiridas em modo harmônico, com baixo índice mecânico, durante e após a injeção em bolus, com análise subjetiva da perfusão.

Resultados

As VGs produziram sinais de contraste detectáveis em ultrassom clínico. Observou-se hiperrealce homogêneo no lúmen da aorta, enquanto o parênquima renal apresentou realce discreto, heterogêneo e com falhas de preenchimento (Figura 1).

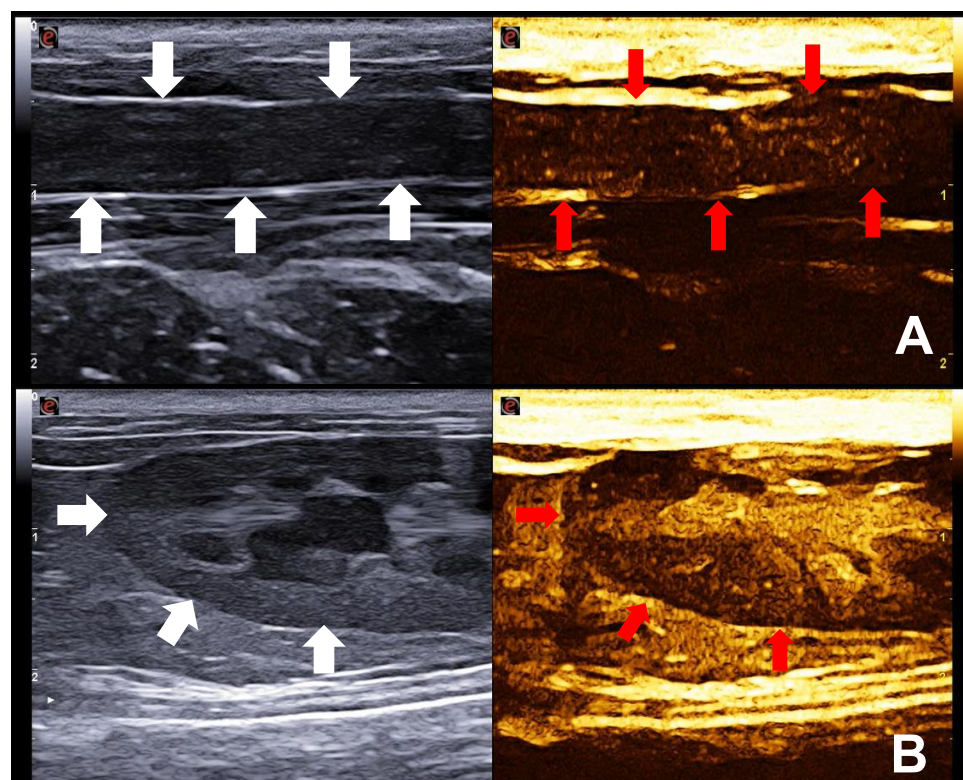


Figura 1. Ultrassonografia modo B e com contraste (CEUS), utilizando GVs na (A) aorta e no (B) rim esquerdo de um coelho saudável.

Discussão

Trata-se de um resultado preliminar e do primeiro relato da administração intravenosa de VGs em coelhos. Apesar da geração de contraste, sua aplicabilidade na avaliação renal foi limitada neste modelo, indicando necessidade de otimização.

Conclusão

As VGs apresentam potencial como agentes de contraste ultrassonográfico, especialmente quando funcionalizadas, incentivando novas investigações para aprimorar sua aplicação na nefrologia e na imagem molecular.

Agradecimentos: FAPESP – nº: 2024/01809-2